



FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para colaboradores

FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para colaboradores



Minha família nuclear – pai, mãe e irmão – sempre esteve muito presente em minha vida. Nasci, cresci e amadureci sob os cuidados dessas figuras tão significativas de afeto e de proteção. Mas sempre estive distante geograficamente da minha família extensa – avós, avôs, tios e primos. Por parte de mãe, meus parentes vivem no Nordeste. Por parte de pai, na Itália. Mas essa distância geográfica não foi capaz de enfraquecer os vínculos com eles; pelo contrário, ambas as famílias tiveram forte influência na construção da minha identidade.

Meus pais e avós sempre valorizaram, transmitiram e mantiveram muito vivas as histórias de nossos familiares e ancestrais. Cresci rodeada de narrativas que me contavam sobre minhas raízes culturais e sobre a trajetória de vida de meus ascendentes. Famílias nordestinas e italianas apareciam constantemente nas conversas do dia a dia com meus pais. Além disso, quando as visitávamos, novas histórias familiares eram contadas, recontadas em outras versões ou narradas com mais detalhes por avós e tios. Muitas vezes, meus pais ou outros parentes me mostravam casas antigas nas quais a família tinha morado ou lugares onde importantes episódios tinham acontecido. As fotos ajudavam a ilustrar essas histórias e, quando não havia imagens, minha imaginação se ocupava em criar cenas e cenários. Essas histórias, tristes e alegres, engraçadas e assustadoras, angustiantes e de alívio – muitas delas dignas de filme –, ganhavam ainda mais vida e mais cores na convivência, ainda que breve e intermitente, com a família extensa.

Na faculdade de Psicologia, conheci o Instituto Fazendo História e rapidamente fui capturada pelo interesse em trabalhar nessa organização. A busca por justiça social, a importância das histórias familiares e culturais na construção da identidade de cada ser humano, o impacto das rupturas e da separação de crianças e adolescentes de seus familiares são temas incrustados na minha biografia familiar – que contém episódios marcantes ligados à perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial e à ditadura militar no Brasil – e influenciaram diretamente na minha escolha profissional.

Há muitos anos trabalho no programa Fazendo Minha História. Posso dizer que sou obcecada pela ideia de que todas as crianças e adolescentes separados de suas famílias devem conhecer suas histórias. A teoria e as pesquisas, assim como minha própria trajetória de vida, me confirmam a todo momento o quanto nossas escolhas – e a falta delas – estão diretamente ligadas à nossa história pessoal e familiar, ao nosso contexto histórico e social. Crianças e adolescentes em situação de acolhimento possuem histórias complexas que não estão relacionadas somente às suas questões familiares, mas sobretudo a um contexto social extremamente desigual e injusto.

Os profissionais que atuam no contexto do acolhimento estão cada vez mais familiarizados com o direito – garantido pelo ECA – e necessidade de conversarem com as crianças e adolescentes sobre suas histórias. Sabemos que suas histórias não podem mais ser mantidas em segredo para elas próprias; ao contrário, suas histórias devem ser ditas, nomeadas, reconhecidas e, sobretudo, valorizadas. É possível que, ao longo de mais de quinze anos de atividades, o Fazendo Minha História tenha contribuído com esse entendimento em território nacional.



Arrisco dizer que superamos esse estágio e agora nos encontramos em um momento de ir além. Conhecemos todas as versões possíveis sobre a história das crianças, adolescentes e suas famílias? Queremos que as crianças e adolescentes tenham como referência qual dessas versões para a construção de suas identidades? Contribuímos com o desenvolvimento das crianças e adolescentes atribuindo explicações simplistas e preconceituosas – muitas vezes limitadas aos termos “abandono”, “negligência”, “violência” – sobre o motivo do acolhimento? Qual o efeito da desvalorização das origens familiares e culturais na identidade das crianças e adolescentes e na imagem que terão sobre si mesmas? Como ajudar essas crianças e adolescentes a construir uma compreensão aprofundada e empática em relação às suas famílias e às inúmeras violências a que estão submetidos (racismo estrutural, desigualdade social, pobreza, desigualdade de gênero, falta de acesso a políticas públicas, entre outras)?

Trabalhar com história de vida, respeitando e valorizando verdadeiramente as crianças, adolescentes e suas famílias, não é tarefa fácil. É preciso muita delicadeza e responsabilidade no processo de acompanhá-los na descoberta e reflexão sobre suas histórias. Devemos estar sempre atentos a como nos relacionamos com as crianças e adolescentes, à nossa própria forma de olhar para suas histórias, aos nossos preconceitos e à nossa necessidade de encontrar verdades absolutas.

Neste guia, você vai encontrar a sistematização do que chamamos de trabalho com as histórias de vida das crianças e adolescentes com experiência de acolhimento, além de importantes reflexões sobre as sutilezas que permeiam esse trabalho. Além de apresentarmos a metodologia baseada no vínculo afetivo, na mediação de leitura e na construção de um álbum com sua história pessoal, consideramos importante também abordar temas transversais à política de acolhimento no Brasil, como os que envolvem racismo, gênero e classe social.

Estamos felizes em seguir criando ferramentas que permitem a aplicação e a multiplicação desta metodologia, como também em poder propor reflexões que consideramos importante compartilhar e trabalhar com nossos voluntários. Esperamos que este guia continue sendo útil, assim como suas edições anteriores, e que possa contribuir para aprimorar ainda mais o trabalho com histórias de vida que há tanto tempo vem sendo feito.

Debora Vigevani

Psicóloga e coordenadora do Fazendo Minha História de 2014 a 2021

ÍNDICE

O INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA	10	5. Compromisso com a criança e adolescente acima de tudo	54	LIVROS: DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS	72	CARDÁPIO DE ATIVIDADES: VÍNCULO, LIVROS E ÁLBUM SE COMPLETAM	114
FUNDAMENTOS	16	6. Planejamento dos encontros	55	1. Princípios	73	1. Propostas para os encontros	116
1. Acolhimento no Brasil – histórico e parâmetros atuais	17	7. Supervisão	56	2. A mediação de leitura	74		
2. Perfil das crianças, adolescentes e suas famílias	22	8. Digitalização dos álbuns	57	3. Lugares para guardar e ler os livros	78		
3. Por que trabalhar com histórias de vida no contexto do acolhimento?	25	9. Passeios	57	4. A escolha dos livros para os encontros	79	PRESEÇA DAS FAMÍLIAS NOS ENCONTROS DO FMH	130
4. Valorização e respeito pela família de origem	28	10. Doações	58	5. Mediação de leitura com bebês e crianças pequenas	82	1. Famílias de origem	135
5. Bebês e crianças pequenas	30	11. Presentes	58	6. Mediação de leitura com adolescentes	84	2. Irmãos	137
6. Adolescentes	34	12. Aniversários	59	7. Para gostar de ler: cardápio de brincadeiras com os livros	86	3. Pretendentes à adoção	139
7. Mitos e medos	39	13. Festas	60			4. Atividades com crianças, adolescentes e seus familiares: manutenção e fortalecimento de vínculos	142
8. Particularidades do trabalho voluntário no contexto do acolhimento	41	14. Férias	60	ÁLBUM: REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA	90		
		15. Encerramento gradual	60	1. Princípios	91	ENCERRAMENTO GRADUAL E DE QUALIDADE: DESPEDIDA SIM, RUPTURA NÃO	148
COMO FUNCIONA O FAZENDO MINHA HISTÓRIA	44	AO INICIAR O TRABALHO	62	2. Montagem do álbum	93	1. Completar o álbum	150
O COLABORADOR DO FAZENDO MINHA HISTÓRIA	48	1. Primeiros encontros	63	3. Estética e organização do álbum	94	2. E depois?	152
1. Formação inicial	50	2. Começar pelo presente	64	4. Conteúdo do álbum	96	3. O que fica com cada um	152
2. Perfil	51	3. Apresentação dos livros	65	5. Ilustrando histórias	99		
3. Duração, frequência e carga horária	52	4. Apresentação do álbum	65	6. Fichas – inspirações para páginas nos álbuns	101		
4. Relação de parceria entre o colaborador e o serviço de acolhimento	53	5. Encontros com bebês e crianças pequenas	66	7. Álbuns de bebês	105	REFERÊNCIAS	154
		6. Encontros com adolescentes	68	8. Álbuns de adolescentes	109		

O INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA

O Instituto Fazendo História (IFH), organização da sociedade civil fundada em 2005, tem como missão colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes com experiência de acolhimento, a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem suas histórias. Partindo de valores como o direito às histórias de vida, a franqueza nas relações, a disseminação de conhecimento, o trabalho voluntário qualificado e, sobretudo, o compromisso com as crianças e adolescentes, buscamos assegurar-lhes o direito a se desenvolverem plenamente, em família e na comunidade.

Baseado nas diretrizes de diversos documentos legais que fornecem parâmetros para o atendimento de crianças e adolescentes separados de suas famílias, o Instituto procura ajudá-los a compreender suas histórias para que possam elaborá-las e se tornarem mais participativos na definição dos rumos de suas vidas, evitando a repetição de ciclos de desproteção ou de rupturas que, com frequência, fizeram parte da sua biografia.

A ambição é apoiar todas as crianças e adolescentes, entre 0 e 17 anos, acolhidos no País através da promoção e do fortalecimento de vínculos afetivos com profissionais do serviço de acolhimento e com pessoas da comunidade. São esses vínculos que facilitam a compreensão dos fatores que levaram ao acolhimento e que contribuem para o retorno à convivência familiar, um processo de adoção ou a construção de um projeto autônomo de vida.

PROGRAMAS E SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DO INSTITUTO



Oferece, gratuitamente, a crianças e adolescentes com vivência de acolhimento, psicoterapia individual e familiar.



Serviço de acolhimento para crianças de 0 a 6 anos, em famílias voluntárias formadas e supervisionadas, até sua reintegração familiar ou adoção.



Fortalece a convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes em acolhimento, com vínculos familiares fragilizados ou rompidos, que possuem chances remotas de adoção ou de reintegração familiar.



Oferece meios de expressão para que cada criança ou adolescente acolhido conheça e se aproprie de sua história de vida.



Oferece formação e supervisão para profissionais de serviços de acolhimento.



Acompanha e facilita o processo de transição de jovens em situação de acolhimento para a vida autônoma e inserida na comunidade.



PROGRAMA FAZENDO MINHA HISTÓRIA

O período do acolhimento é delicado, complexo e confuso. Crianças e adolescentes deixam de conviver diariamente com seus familiares, estão longe de suas casas, de seus amigos e vizinhos, passam a frequentar outra escola. A rotina do serviço de acolhimento é diferente daquela com que estavam acostumados, as regras são outras, os adultos são estranhos. Nesse contexto, muitas dúvidas, angústias e incertezas vêm à tona. “Quem eu sou?”, “Cadê minha família?”, “Por que estou aqui?”, “Quando vou voltar para casa?” são perguntas frequentes que precisam ser respondidas com afeto, honestidade e segurança.

Um dos caminhos para ajudar crianças e adolescentes acolhidos a lidarem com esse momento desafiador é o projeto Fazendo Minha História (FMH), cujo objetivo geral é oferecer meios de expressão para que cada criança e adolescente elabore e se aproprie de sua própria história, passada e presente.

Seus objetivos específicos são:

- Que as crianças e adolescentes leiam mais e com prazer.
- Que as crianças e adolescentes reconheçam o valor e registrem suas histórias de vida.
- Que os adultos de referência conversem afetivamente com as crianças e adolescentes sobre suas histórias de vida.

O trabalho se desenvolve a partir do vínculo de confiança com um voluntário, chamado no FMH de colaborador, com quem a criança ou adolescente se encontra semanalmente, durante uma hora, pelo tempo que durar o acolhimento. Conversar individualmente com uma pessoa adulta sobre sentimentos, medos e dúvidas traz alívio, proporciona sensação de cuidado e transmite a mensagem de que não estão sozinhos. Essa relação permite que meninos e meninas acolhidos entrem em



Nasce o projeto

Minha primeira experiência em abrigo foi na Sampaio Viana, unidade que atendia até 400 crianças. Era um trabalho de sensibilização, onde atuei como voluntária semanalmente com a Natalie, de onze meses, durante um ano. Lembro que entrei numa sala grande com muitas crianças e diversas fraldas para trocar. Muita criança e pouca história. Essa era a minha inquietação: quem é essa criança? Às vezes, uma educadora não sabia sequer o nome e tinha de perguntar para outra. Estavam lá, tentando colocar etiquetas nos berços. Faltava individualidade. Quando a Natalie foi desabrigada, fiquei com a sensação de que tudo o que vivi ali com ela também seria esquecido. Quem poderia lhe contar o que havia acontecido ali? Como ela iria saber que só foi andar aos dois anos porque tinha medo de pôr o pé no chão, já que ficava demais no berço? Aí eu pensei: cada criança é uma, precisa ter a sua história garantida. Assim nasceu o projeto.

Cláudia Vidigal

Psicóloga, fundadora do Instituto Fazendo História

Ulalá

Que moça bonita no sofá

A calça verde-oliva

Me convida a sentar

Uma pasta laranja trouxe pra brincar

De falar

Sem dizer

De curar sem sofrer

Trouxe com ela páginas de acalantar

Camila Luz

Poema no livro *Esta é a nossa história*

contato, de forma honesta e afetiva, com suas experiências pessoais e familiares, contribuindo para a construção e o fortalecimento de suas identidades, valores e ideias. Através desse vínculo e da literatura infanto-juvenil, crianças e adolescentes constroem um álbum com a versão deles sobre seu passado, presente e futuro desejado. Desenhos, colagens, fotos e textos retratam experiências e pessoas significativas. O álbum valoriza suas famílias e origens, registra e preserva informações que os ajudam, hoje e amanhã, a entender o período do acolhimento e a projetar sonhos para o futuro. Esses registros de memórias e sentimentos os acompanham na volta para casa.

Através desse vínculo e da literatura infanto-juvenil, crianças e adolescentes constroem um álbum com a versão deles sobre seu passado, presente e futuro desejado. Desenhos, colagens, fotos e textos retratam experiências e pessoas significativas. O álbum valoriza suas famílias e origens, registra e preserva informações que os ajudam, hoje e amanhã, a entender o período do acolhimento e a projetar sonhos para o futuro. Esses registros de memórias e sentimentos os acompanham na volta para casa.



FUNDAMENTOS

1. ACOLHIMENTO NO BRASIL – HISTÓRICO E PARÂMETROS ATUAIS

O acolhimento, previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é uma medida de proteção, excepcional e provisória, aplicada quando os direitos de uma criança (até 12 anos incompletos) ou adolescente (12 a 18 anos) foram violados. O encaminhamento para um serviço de acolhimento deve acontecer somente quando não houver alternativas para permanência da criança ou do adolescente no convívio familiar. Trata-se de um período de transição de no máximo 18 meses, que deve ser reavaliado a cada 3 meses (conforme Lei 13.509/2017)¹.

De acordo com a regulamentação brasileira, existem quatro modalidades de serviços de acolhimento:

- abrigo institucional (até 20 crianças e adolescentes cuidados por educadores que se revezam em turnos);
- casa-lar (até 10 crianças e adolescentes com a presença de um educador residente);
- família acolhedora (famílias cadastradas e selecionadas que acolhem em suas residências uma criança, um adolescente ou um grupo de irmãos);
- república (casa para jovens entre 18 e 21 anos).

¹ Embora esteja previsto no ECA um período máximo, muitas crianças e adolescentes permanecem nos serviços de acolhimento por diversos anos, às vezes até completarem a maioridade. Isso acontece sobretudo com as crianças negras, portadoras de alguma deficiência e/ou mais velhas.

Todas as modalidades de serviços de acolhimento devem: assegurar oportunidades de desenvolvimento físico, psicológico, moral, espiritual e social das crianças e adolescentes; ter um quadro profissional qualificado para o trabalho; e garantir os direitos básicos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito e à liberdade. O serviço de acolhimento é uma política pública que deve garantir a convivência familiar e comunitária e tem como objetivo prioritário o retorno da criança ou adolescente à sua família de origem, natural ou extensa.

Esse modelo de atendimento para crianças e adolescentes separados temporariamente de suas famílias teve início em 1990, com a promulgação do ECA, e vem sendo aprimorado desde então. O Estatuto estabeleceu o princípio da proteção integral. É uma Lei universal que visa proteger todas as crianças e adolescentes brasileiras de qualquer etnia, que sejam portadores ou não de deficiência, de qualquer estrato socioeconômico e que convivam ou não com suas famílias de origem. Antes de 1990, o termo “menores” era atribuído pejorativamente, sobretudo a jovens negros, e não deve mais ser utilizado. Somente quando o ECA entrou em vigor esses meninos e meninas passaram a ser reconhecidos como crianças e adolescentes a quem devem ser assegurados direitos. Além disso, antes do ECA, as instituições responsáveis por meninos e meninas que não podiam estar com suas famílias eram chamadas de “orfanatos” ou “internatos”, termos atualmente equivocados para se referir a um serviço de acolhimento.

Os antigos Códigos de Menores, de 1927 e de 1979, que regulamentavam os orfanatos e internatos, não faziam distinção entre as crianças e adolescentes cujos direitos tinham sido violados – na época, chamados de “abandonados” – e os adolescentes autores de ato infracional – na época, chamados de “delinquentes”. Esses “menores” eram, em sua grande maioria, crianças e adolescentes negros que



mendigavam ou cometiam pequenos furtos, incomodando a ordem higienista da época, em um contexto criado historicamente pela falta de políticas públicas de reparação, proteção social e equidade racial para as famílias negras que por mais de 350 anos foram exploradas e escravizadas no Brasil. Essa história de desigualdade e injustiça, que parece distante, tem fortes reflexos até hoje no perfil das crianças e adolescentes acolhidos e de suas famílias.

Assim, “abandonados” e “delinquentes” recebiam o mesmo tratamento e ficavam nas mesmas instituições, muitas vezes ligadas a organizações religiosas ou ao Estado, como era o caso da Fundação Nacional do Bem-Estar Social (FUNABEM) e de sua representante nos estados da federação, a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM).

Na lógica do Código de Menores, as crianças e adolescentes em situação irregular – “abandonadas” ou “delinquentes” – deveriam ser afastadas do convívio social com a finalidade de serem reeducadas e de aprenderem um ofício, em geral manual, que reproduzia e mantinha a desigualdade social e o racismo estrutural. Os orfanatos e internatos se caracterizavam como instituição total (fechada), onde aconteciam as atividades de educação, saúde, lazer e profissionalização. As crianças e adolescentes ficavam “confinadas” e lá permaneciam, com frequência, até os 18 anos. Eram separados por sexo e por idade e recebiam um tratamento coletivo. Os profissionais eram encarregados de cuidar de uma quantidade muito grande de meninos ou meninas, não tinham informações sobre cada um, sobre os motivos da retirada da família, seus interesses, habilidades e afetos e, portanto, não lhes destinavam os cuidados individualizados de que necessitavam.

Os orfanatos, de caráter assistencialista e sem foco no retorno familiar, não ofereciam as condições que favorecem o desenvolvimento integral das crianças refletisse sobre esse cenário e passasse a entender que um serviço de acolhimento

deve ter uma dinâmica semelhante à de uma residência familiar, em que as crianças e adolescentes não estão privados de liberdade. Na perspectiva da proteção integral, a rotina das crianças e dos adolescentes acolhidos deve ser semelhante à de qualquer criança ou adolescente que vive com sua família, com acesso à escola, aos serviços de saúde do bairro e às atividades esportivas, culturais e profissionalizantes, que deveriam estar disponíveis a todo cidadão. Além disso, devem participar de diversas atividades de lazer em espaços públicos e privados, como praças, parques, cinemas e teatros, entre outros. Durante o acolhimento, são cuidados por profissionais que preparam as refeições, levam-nos à escola, ajudam nos cuidados diários, apoiam nas tarefas escolares, colocam-nos para dormir, ensinam os autocuidados e os preparam para a vida autônoma. Nessa rotina de cuidado e proteção, vínculos afetivos vão se estabelecendo a partir de conversas e atitudes acolhedoras, que propiciam experiências reparadoras às crianças e adolescentes².

Os parâmetros de funcionamento dos serviços de acolhimento estabelecidos pelo ECA foram aprimorados e desenvolvidos em outras Leis e documentos, sobretudo no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), de 2006; Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (OT), de 2009; e a Lei n. 12.010/2009.

² Embora esses princípios estejam garantidos por Lei, nem todos os serviços de acolhimento funcionam dessa forma, pois também são reflexo de uma sociedade desigual e racista.



O quadro a seguir mostra as principais diferenças entre as instituições do passado e os serviços de acolhimento atuais.

Grande mudança: dos antigos orfanatos ao serviço de acolhimento atual

ANTIGO ORFANATO

- Regulamentado pelo código de menores
- Estadia permanente
- Ambiente institucional, com atendimento em grandes grupos
- Trabalho assistencial sem foco no retorno ao ambiente familiar
- Centralização de serviços na própria instituição sem inserção comunitária

SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

- Regulamentado pelo ECA (Leis 12.1010 e 13.509), PNCFC e OT
- Período de no máximo 18 meses; revisão a cada 3 meses de todos os casos pela autoridade judiciária
- Atendimento personalizado e em pequenos grupos
- Trabalho com famílias para preservação dos vínculos com busca de reintegração familiar
- Utilização da rede de serviços comunitários

2. PERFIL DAS CRIANÇAS, ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS

O público-alvo do IFH inclui crianças, adolescentes, jovens e famílias com vivência de acolhimento institucional e/ou familiar, cujas vidas estão imersas em um contexto de profundas desigualdades, reveladas principalmente pelos marcadores sociais de raça/cor, gênero, sexualidades e condição socioeconômica.

Em relação à raça/cor, verifica-se que crianças e adolescentes pretos e pardos são maioria nos serviços de acolhimento, somando 64,3% no âmbito do território nacional e chegando a 70% na região Sudeste³, indicando um perfil étnico-racial específico dessa população. Tal marcador social destaca-se na manifestação de desigualdades, pois envolve aspectos relacionados às características do processo de desenvolvimento brasileiro, produtor de exclusão social e do racismo estrutural, ao longo da história do país. Pessoas negras enfrentam inúmeras desvantagens em relação às brancas, seja no mercado de trabalho, na distribuição de renda, nas condições de moradia, na educação, nas diversas formas de violência ou na representação política.

Como consequência, há maiores níveis de vulnerabilidade econômica e social neste grupo, como demonstram diferentes indicadores sociais (IBGE, 2019)⁴, a saber: percentual de pessoas abaixo da linha de pobreza (15,4% de brancos e 32,9% de pretos/pardos), taxa de analfabetismo (3,9% de brancos e 9,1% de pretos/pardos), ocupação de cargos gerenciais (68,6% de brancos e 29,9% de pretos/pardos) e taxa de homicídios por cem mil jovens (34 brancos e 98,5 pretos/pardos).

O marcador de gênero, especialmente quando associado à raça, é outro determinante de profundas desigualdades, como apontam vários indicadores sociais.

³ Dados do SNA – Sistema Nacional de Adoção (2020).

⁴ IBGE, “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil”, in: *Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, n. 41, IBGE, 2019.



Enquanto as mulheres brancas recebem remuneração equivalente a 75,8% do recebido por homens brancos, no caso das mulheres negras, esse valor não chega à metade (44,4%). A taxa de homicídio das jovens negras (10,1 por 100 mil habitantes) é o dobro da taxa de jovens brancas, mostrando um entre muitos indicadores de que a mulher, em especial negra, é alvo prevalente da violência.

Embora a pobreza não configure, em termos legais, um motivo para a medida de proteção do acolhimento, esse é o recorte socioeconômico da população acolhida. As causas mais frequentes de ingresso de crianças e adolescentes na medida de acolhimento relacionam-se à negligência, abandono e violência, amplamente associados à condição de pobreza. São raríssimos, nos serviços de acolhimento, crianças ou adolescentes de famílias materialmente abastadas, o que não significa que meninas e meninos com alto poder aquisitivo não estejam em risco de violações de direitos de várias ordens. Mas, ao contrário dos adultos das famílias pobres, que são alvos constantes de patrulha e criminalização, os das famílias ricas contam com o silenciamento social. Tal dado muitas vezes indica uma violação ao ECA, que prevê que, na falta de recursos materiais, a família deve ser incluída em programas oficiais de auxílio, garantindo-se assim a manutenção da criança ou do adolescente em sua família de origem; e, ainda, em caso de presença de violência, os pais devem ser incluídos em programas de atendimento psicossocial.

O perfil dos acolhidos e de suas famílias reflete constantemente um processo de estigmatização e inviabilização de determinadas famílias e grupos sociais ao longo da história brasileira. A identificação das variáveis que estão na base da profunda desigualdade de nosso país contribui para o reconhecimento identitário e para o fortalecimento desses grupos nas ações previstas pelos programas do IFH. Romper com o ciclo de exclusão dessas famílias, reconhecer a importância da garantia dos direitos de crianças e adolescentes e reiterar a necessidade de medidas de

Quero contar

O Wellington um dia me falou: “Hoje eu quero contar a minha história”. Então, ele se sentou e começou: “Eu nasci...” E contou a história dele inteira, a ida para a casa-lar, a saída de lá, o encontro com a Lúcia (educadora residente), a adoção e tudo o mais. Foi contando, contando e, no final, olhou e escreveu: “Esse Wellington tem futuro!”.

Cristiane Laloni

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

proteção em caso de ameaça ou de violação dos direitos são pontos centrais do trabalho desenvolvido pelos programas e pelo serviço de acolhimento familiar do Instituto Fazendo História.

3. POR QUE TRABALHAR COM HISTÓRIAS DE VIDA NO CONTEXTO DO ACOLHIMENTO?

Crianças e adolescentes são indivíduos únicos e, embora estejam inseridas em um contexto social semelhante, cada um carrega sua própria história, que é diferente da de todos os outros. No processo de construção da identidade, na busca de uma compreensão de nós mesmos, necessariamente nos fazemos perguntas como: “De onde eu vim?” e “Qual é a minha história?”.

Mas para que insistir em falar e ouvir histórias que, devido ao contexto de violação de direitos ou de separações, são tristes e dolorosas? Não seria melhor esquecer? A verdade é que uma história vivida não se esquece. Querendo ou não, essas experiências nos marcam, nos constituem e nos determinam. Por mais difíceis que sejam o passado e o presente de uma criança ou adolescente, aquela é sua história. Não conversar sobre ela, preferir que esqueça ou faça de conta que esqueceu tem consequências para seu desenvolvimento. Quando não falamos com a criança e o adolescente sobre o que viveu, eles continuam expressando suas angústias e sofrimentos, não por meio de palavras, mas por meio de comportamentos agressivos, da dificuldade em se vincular, do choro, da enurese noturna, dos mais diversos sintomas. Sabemos que, quanto mais houver espaços para expressão e elaboração dessas histórias, menos reações descontroladas surgirão e mais ferramentas os adultos terão para ajudá-los a se fortalecer.

O respeito à história e o direito à verdade são a base para o trabalho com as crianças e com os adolescentes que estão nos serviços de acolhimento. Tão ou mais importante do que matriculá-los na escola, no futebol, levá-los ao médico ou sair para passear, é poder lhes dizer por que estão acolhidos e qual a relação que poderão ter com sua família a partir daquele momento. É se interessar e valorizar suas recordações, saudades e hábitos, propiciando um espaço de acolhimento verdadeiro.

Crianças e adolescentes acolhidos encontram-se em um período delicado e doloroso. Necessitam dos adultos para entender as condições que os levaram ao acolhimento e para ter seus sofrimentos, angústias e dúvidas reconhecidos e compreendidos. Esse processo de reparação exige a presença de pessoas preparadas para olhá-los de forma singular, levando em conta suas histórias de vida, seu contexto social e sua potência. O serviço de acolhimento deve ser um espaço onde as crianças e os adolescentes se sintam protegidos e criem vínculos de confiança que favoreçam o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade de persistir, desejar e projetar o próprio futuro.

Registrar a vivência durante o período de acolhimento ajuda a evitar que esse tempo se torne silenciado e nebuloso. Quanto mais a criança e o adolescente puderem entender a experiência pela qual passaram, melhor conseguirão senti-la como uma fase integrada à sua vida, que representou um momento de proteção e cuidado. Oferecer ferramentas para que possam se conhecer, se descobrir e se apropriar de suas histórias, gostos e desejos, podendo assim construir seus projetos de vida, permite realizar encaminhamentos que estejam verdadeiramente pautados na identidade familiar e pessoal de cada criança e adolescente.



O documento “Orientações técnicas para os serviços de acolhimento” reitera essa ideia:

Sempre que possível, a fim de promover um sentido de identidade própria, a criança e o adolescente – com o apoio de um educador/cuidador, família acolhedora ou pessoa previamente preparada – devem ter a oportunidade de organizar um livro de sua história de vida que reúna informações, fotografias e lembranças referentes a cada fase de sua vida, ao qual poderão ter acesso ao longo do ciclo vital. Esse livro deve ser uma produção da própria criança ou adolescente, com fotos e outras criações de sua autoria. No momento do desligamento, esse registro deve fazer parte dos objetos pessoais que a criança ou adolescente levará consigo. (p. 52)

O processo de autoconhecimento e de participação está garantido pelo ECA, que estabelece que a criança ou adolescente tem direito a saber o motivo que a levou ao acolhimento; essa criança deve ser ouvida e deve poder participar das decisões que dizem respeito à sua vida, tendo sua opinião considerada pela autoridade judiciária:

Art. 100. Na aplicação das medidas, levar-se-ão em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas: (Incluído pela Lei n. 12.010, de 2009)

[...]

XI – obrigatoriedade da informação: a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e capacidade de compreensão, seus pais ou responsável devem ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa; (Incluído pela Lei n. 12.010, de 2009)

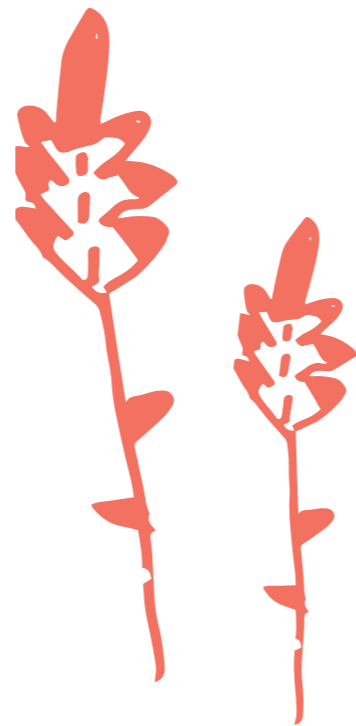
XII – oitiva obrigatória e participação: a criança e o adolescente, em separado ou na companhia dos pais, de responsável ou de pessoa por si indicada, bem como os seus pais ou responsável, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção, sendo sua opinião devidamente considerada pela autoridade judiciária competente, observado o disposto nos §§ 1o e 2o do art. 28 desta Lei. (Incluído pela Lei n. 12.010, de 2009)

4. VALORIZAÇÃO E RESPEITO PELA FAMÍLIA DE ORIGEM

De acordo com o ECA, toda criança e todo adolescente têm direito à convivência familiar e comunitária: “Art. 4º – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990).

O acolhimento, por ser medida de proteção excepcional, é a última alternativa de atendimento para uma criança e adolescente que teve algum direito violado. Dessa forma, antes de sua determinação, as autoridades competentes e os serviços da área devem esgotar as possibilidades de permanência da criança na família natural ou extensa.

A equipe profissional do serviço de acolhimento, articulada com outros órgãos do sistema de garantia de direitos, deve, durante o período de acolhimento da criança ou adolescente, trabalhar para favorecer a superação da situação que motivou o acolhimento, potencializando as famílias para a retomada do exercício de suas funções parentais: proteção e cuidados das crianças ou adolescentes. Somente



Página da mãe

O Henri tem paixão pela mãe. Então ele arranjou uma foto dela, colocou no álbum e escreveu uma declaração de amor. Foi a primeira página feita, e ele está sempre incrementando. Colocou recortes de carros que vai dar para ela, a casa que vai dar, e pediu para fazer um coração para colar a foto dela. Tem também carros para todos os irmãos. Ele tem um orgulho enorme desse álbum cheio dos seus desejos.

Cristiane Brandt

Colaboradora no Educandário Dom Duarte

quando se esgotam as possibilidades de retorno familiar, a criança ou adolescente poderá ser colocado em família substituta, conforme artigo 19 do ECA:

“É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (BRASIL, 1990).

Amparado por legislações nacionais e internacionais, diversos estudos, pesquisas e especialistas da área da infância e juventude, o PNCFC parte do pressuposto de que a família é o principal núcleo de socialização da criança. É no ambiente familiar que as crianças e os adolescentes constroem seus primeiros vínculos afetivos, experimentam emoções, desenvolvem autonomia e aprendem a tomar decisões, controlar seus impulsos, tolerar frustrações, exercer cuidados mútuos e vivenciar conflitos.

A família é um dos aspectos centrais da história de qualquer pessoa. Independentemente dos motivos que levaram à separação da criança ou do adolescente desse núcleo, sua família merece ser valorizada e respeitada. É função dos profissionais do serviço e do colaborador ajudar a criança ou o adolescente a compreender o contexto social de sua família – marcado, na maioria das vezes, por desigualdades e injustiças raciais, de gênero e econômicas – e a identificar os aspectos potentes da mesma.

O acolhimento de crianças e adolescentes é temporário e, ao longo desse período, os vínculos familiares devem ser mantidos. Salvo casos em que haja a destituição do poder familiar ou a proibição de visitas, as crianças e os adolescentes mantêm contato com seus familiares. Isso acontece por meio de visitas aos serviços de acolhimento e por meio da ida das crianças e dos adolescentes para a casa da

família aos fins de semana, feriados e férias. No entanto, há casos em que os vínculos estão enfraquecidos. Famílias que ficam afastadas por um longo período podem levar tempo para se reconectar e reconstruir os laços afetivos.

5. BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

A primeira infância é o período que compreende do nascimento aos seis primeiros anos de vida de uma criança. Esta fase tem ocupado lugar de destaque em diversas áreas do conhecimento e se tornou foco de investimentos de programas e políticas públicas⁵, uma vez que as experiências dos primeiros anos influenciam de maneira significativa o desenvolvimento biopsicossocial de cada pessoa nos estágios posteriores da vida.

O bebê é um sujeito com uma história a ser preservada, além de já ter personalidade e vontades próprias e necessidade de cuidado singularizado para crescer. Por se tratar de um sujeito em franco desenvolvimento, necessita do empréstimo de palavras e sentidos de seus cuidadores para criar a própria vida.

A ciência⁶ tem demonstrado a estreita relação entre o desenvolvimento cerebral e o vínculo estabelecido entre o bebê e seu ambiente (mais especificamente, seu cuidador⁷) e, por consequência, a influência dessa relação no desenvolvimento da cognição e do comportamento nos anos que se seguem. Nesse sentido, a maneira como os cuidados são dispensados aos bebês e às crianças pequenas merece atenção especial.

5 No Brasil, uma grande referência nesse sentido é a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Consultar o website: www.fmcsv.org.br.

6 Para saber mais, consultar Eric R. Kandel, *Princípios de Neurociências* (5.ed., Porto Alegre: AMGH, 2014).

7 Entendemos que cuidador é a mãe, o pai, um familiar, educador ou qualquer outra pessoa que ofereça à criança os cuidados necessários e suficientes para que ela se desenvolva física e psicologicamente.



No nascimento, o cérebro humano está pouco desenvolvido. A maioria de seus 100 bilhões de neurônios ainda não está ligada em rede, ou seja, não estabeleceu as conexões necessárias para que o cérebro seja capaz de comandar os diferentes movimentos do corpo, decodificar e classificar as informações recebidas, identificar e compreender sentimentos, desenvolver o raciocínio verbal, numérico etc. Essas ligações, chamadas sinapses, formam os circuitos responsáveis por conectar as diferentes áreas do cérebro. Entre o nascimento e os três anos de idade, são construídos 70% das sinapses que serão utilizadas e reforçadas na vida diária, passando a fazer parte do circuito permanente do cérebro.

Sabemos que os bebês apresentam uma grande dependência em relação a seus cuidadores no início da vida. Pode-se até dizer que todo bebê é “prematuro”, mesmo aqueles que nascem a termo, pois, para sobreviver, precisam de um adulto atento e dedicado às suas manifestações, que possa lhes oferecer cuidados tanto no que diz respeito às suas necessidades básicas de higiene e alimentação, quanto para introduzi-lo no universo das trocas afetivas. Todo bebê precisa da presença de outro ser humano que possa lhe assegurar condições para sua sobrevivência física e psíquica, a fim de que se torne uma pessoa e possa falar em nome próprio.

No nascimento, o desenvolvimento motor e físico do bebê está apenas começando. Os estímulos do ambiente que chegam através dos sentidos sensoriais (visão, audição, olfato, tato e paladar) são muito novos e requerem aprendizado, identificação e classificação, o que acontece gradativamente através da experimentação. A partir da relação com os adultos cuidadores, os bebês constroem o próprio ritmo de sono e de alimentação e desenvolvem a linguagem e a capacidade de raciocínio.

Assim, tornar-se uma pessoa, algo que parece tão simples e natural, acontece a partir da relação do bebê com aqueles que dele cuidam, por meio de um complexo processo de desenvolvimento. Não basta esperar a passagem do tempo para que tudo isso aconteça de forma automática.

Até o brincar, que é a forma como as crianças se comunicam, não acontece automaticamente sem a intermediação inicial de um adulto cuidador. Os primeiros jogos e brincadeiras das crianças são construídos na relação com seus cuidadores e são fundamentais para seu desenvolvimento. Para que a criança possa brincar de faz-de-conta ou de jogos com regras, é importante que seus pais ou educadores tenham brincado com ela desde os primeiros meses de vida⁸.

Ao longo do primeiro trimestre de vida, a presença do adulto deve sustentar as necessidades básicas (alimentação e cuidados), assim como as psíquicas (afeto e palavras), oferecendo seu rosto, seu colo e seu tom de voz à criança, de modo que ela vivencie experiências de satisfação corporal. Neste processo, o adulto aprende a distinguir as solicitações do bebê e constrói suposições sobre suas necessidades, que, aos serem verbalizadas, tornam mais concreta a existência do bebê.

Ao longo do segundo semestre de vida, intensifica-se a busca do bebê, gerada por uma estimulação externa, por objetos do mundo que lhe despertam a curiosidade. Nesse momento, ele conquista as importantes habilidades de se sentar, engatinhar e, em seguida, andar. Cada uma dessas aquisições possibilita ao bebê que amplie sua percepção sensorial do mundo.

O adulto, por sua vez, vai agregando palavras às sensações experimentadas pelo bebê, nomeando-as e atribuindo-lhes sentidos. O que é dito ao bebê é por ele captado antes mesmo de adquirir a habilidade de verbalizar essas mesmas palavras, inserindo-o na organização já existente do mundo. Nessa organização também está representada e instituída a história familiar desse bebê: a forma

8 Para saber mais sobre a importância do brincar e suas particularidades, recomendamos o capítulo “Brincando com bebês”, da obra de Fernanda Nogueira (org.), *Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos* (São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011). Disponível para download no site: www.fazendohistoria.org.br.

Adoro crianças

Sempre gostei muito de criança. E sentia que devia fazer um trabalho social. Aí, conheci o Fazendo Minha História, que caiu como uma luva por causa do tempo que eu tinha para me dedicar. Além do mais, [o projeto] possibilita o que para mim é o mais importante: a proximidade real com as crianças.

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



como foi gestado, concebido e desejado. Essas marcas estarão presentes na forma de recebê-lo, ou seja, ele já chega ao mundo atravessado por sua história.

Dessa forma, a primeira infância é fundamental no que diz respeito à maturação cerebral, ao desenvolvimento físico e à constituição psíquica da criança. Quando algo não vai bem, intervenções devem ser realizadas o mais cedo possível para que a plasticidade neuronal característica desse período permita a retomada do processo de desenvolvimento.

Vínculos e cuidados recebidos nos primeiros anos são fundamentais para o enfrentamento de dificuldades ao longo de toda vida. A superação de comprometimentos e traumas que tiveram origem na infância é sempre possível, em maior ou menor grau, dependendo da sua intensidade, do ambiente no qual essa criança está inserida, das pessoas e das relações que fazem parte de sua história.

Ao estudar o comportamento humano, pesquisadores reconheceram uma capacidade de superação de traumas e dificuldades e denominaram-na resiliência, ou seja, a capacidade de minimizar, prevenir ou superar os efeitos nocivos das adversidades e ter uma vida ativa e cheia de significado. Crianças resilientes são aquelas que, apesar de terem vivido situações adversas, conseguem desenvolver as próprias capacidades pessoais, tornam-se produtivas, estabelecem relações saudáveis e encontram o equilíbrio emocional por meio da superação destas situações.

A resiliência está associada ao estabelecimento de um vínculo importante, saudável e significativo. Pode ser um vínculo do passado ou do presente, mas é sempre descrito pelos indivíduos considerados resilientes como a experiência de se sentir verdadeiramente aceito e reconhecido pelo outro, pelo grupo e/ou pela coletividade⁹.

9 B. Cyrulnik, 2004.

Bebês que estão em serviços de acolhimento precisam de atenção e cuidado individualizados dos profissionais, pois são eles os responsáveis por lhes apresentar o mundo em que vivem. Os colaboradores também serão pessoas importantes, que vão estabelecer vínculos com essas crianças na primeira infância e testemunhar um período fundamental de sua vida.

6. ADOLESCENTES

“Adolescer” em latim significa nascer, brotar, crescer, fortalecer-se, ultrapassar a idade da tutela e tornar-se maior. É difícil definir com precisão o início e o fim da adolescência. A Organização Mundial da Saúde estipula que esta fase vai dos 10 aos 20 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência é considerada o período entre os 12 e os 18 anos de idade. Já o Estatuto da Juventude define como jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos.

A adolescência é marcada por mudanças significativas e intensas, que transformam o modo como o indivíduo se reconhece e se coloca no mundo. Ele perde o corpo da infância e ganha um novo, o que produz mudanças na autoimagem e autoestima. Perde os pais idealizados e poderosos da infância, que passam a falhar e, por isso, podem ser questionados. Os sonhos e desejos de criança são substituídos e passam a ser confrontados com os limites da realidade e de si mesmo. Diante dessas transformações, o jovem começa a dar novos sentidos e significados para o próprio corpo, para os laços sociais e para suas relações, construindo uma nova definição de si mesmo.

Na adolescência, essa passagem do mundo infantil para o mundo adulto, é necessário fazer escolhas pessoais e profissionais, fortalecer a própria identidade e, ao mesmo tempo, lidar com novas expectativas sociais. É um tempo de intenso trabalho emocional. Sentimentos como angústia, insegurança e solidão são comuns na busca do adolescente pelo seu lugar no mundo.



Nesse processo de desenvolvimento, o adolescente busca por outras experiências e referências fora do núcleo em que está inserido, seja familiar ou de acolhimento. Nessa fase, o grupo de amigos, as “tribos”, as relações amorosas e as manifestações culturais são fundamentais para alcançar sentimento de pertencimento, identificação, igualdade e aceitação.

Ao mesmo tempo, é comum que o jovem “teste” tudo e todos, desafiando tanto a autoridade dos adultos quanto os próprios limites individuais. É, também, através da oposição que ele constrói sua identidade. A descoberta do que “não sou” é um grande passo na definição de “quem sou”. O que é dito pelo adulto aparentemente nem sempre é ouvido, e a oposição do jovem costuma ser a primeira reação. Ao adulto (que já foi adolescente!) resta buscar se aproximar e entender esse momento de transição, dar apoio, ouvir e orientar, considerando que o que viveu e aprendeu em sua adolescência não é necessariamente aquilo que faz sentido para esse adolescente com quem convive hoje.

A adolescência é também um tempo de resgate da própria história. Entrar em contato, elaborar e integrar histórias pessoais e familiares, assim como superar ou identificar-se com valores ligados à sua origem, permite construir e escrever uma história futura. Jovens em contexto de acolhimento enfrentam muitas angústias que não estão somente ligadas às mudanças corporais e emocionais. Muitos moram longos períodos no serviço e é um desafio deparar com a necessidade de se desligar dessa casa quando completarem 18 anos e com tudo que isso envolve: onde vou morar? Que trabalho quero ter? Como vou me sustentar? Além disso, se desligar do serviço de acolhimento significa também perder ou se distanciar de laços afetivos importantes que foram construídos ali. Diferente da situação da maioria, esses jovens têm idade certa para sair de casa e nem sempre possuem um lugar para voltar e pedir ajuda, para compartilhar notícias ou simplesmente para almoçar num domingo ao lado de pessoas significativas.

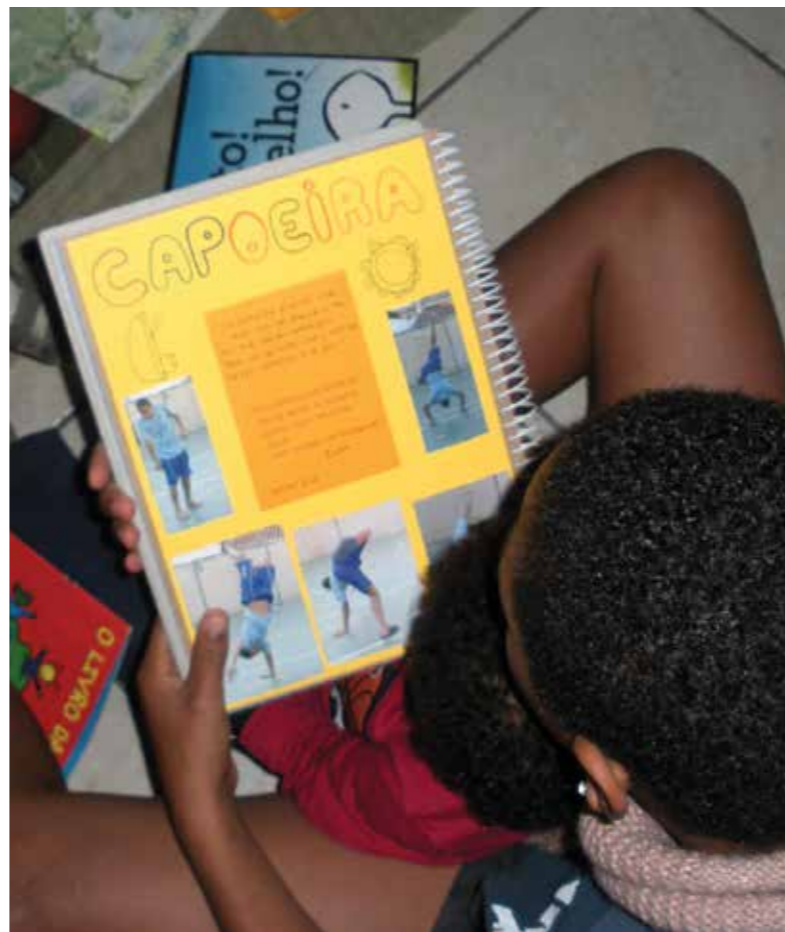
Desligar-se do serviço ao completar 18 anos é uma despedida compulsória, que ignora o desejo e o tempo que cada um necessita para essa mudança tão relevante. Perde-se também um lugar de pertencimento. O adolescente deve se preparar para enfrentar o mundo de forma autônoma em uma idade que não necessariamente está pronto para isso.

Experimentar, desistir e experimentar de novo faz parte da descoberta do mundo e do processo de amadurecimento. Mas os adolescentes acolhidos têm menos chances de fazer essas experimentações, uma vez que eles e os adultos responsáveis por eles vivem sob a pressão de tomar decisões urgentes ligadas a necessidades básicas de moradia, trabalho e alimentação.

Os adultos que cuidam e se relacionam com esses jovens precisam compreender esse cenário para acompanhar, problematizar e legitimar mudanças de interesses, equilibrando o tempo que o jovem necessita e o tempo cronológico imposto pela Lei. Além disso, o adulto deve evitar interpretar mudanças e desistências como ingratidão ou falta de reconhecimento de seu esforço em obter cursos, empregos e outras oportunidades para esses jovens.

Os projetos de vida elaborados nessa fase da vida são construídos, por um lado, a partir da visão que o adolescente tem de si mesmo, de suas qualidades, desejos e propósitos, e, por outro, a partir das oportunidades concretas que o mundo externo oferece, que, neste contexto social, podem ser limitadas devido a questões de raça, classe, sexualidade e gênero. Para compreender as adolescências que podemos encontrar no contexto do acolhimento, é preciso, portanto, considerar alguns fenômenos presentes em nossa sociedade:

- Racismo – Conjunto de práticas de uma determinada raça/etnia que, estando em situação de favorecimento social, coloca outra(s) raça(s) em situação desfavorável, enquanto exaltam, direta ou indiretamente, a sua própria. Essas práticas podem ser conscientes ou não, propositais ou não. O racismo se manifesta de diversas formas, seja no plano individual, das relações interpessoais, no



plano institucional ou no plano estrutural da sociedade. No Brasil, o racismo afeta especialmente as populações negras e indígenas.

- Sexismo ou discriminação de gênero é o preconceito ou discriminação baseada no gênero ou sexo de uma pessoa. O sexismo pode afetar qualquer gênero, mas é particularmente documentado como uma discriminação que afeta mulheres e meninas. O sexismo tem como base estereótipos e papéis de gênero, podendo incluir a crença de que um sexo ou gênero é intrinsecamente superior a outro¹⁰.
- Heterocissexismo: discriminação ou preconceito relacionado a orientações sexuais e identidades de gênero a partir de uma perspectiva centrada na heteronormatividade e cisnormatividade. “Heteronormatividade (ou heterossexismo) é a ideologia que prega a superioridade da heterossexualidade sobre a homossexualidade e a bissexualidade – logo, gera opressões e discriminações diversas contra lésbicas, gays e bissexuais”¹¹. Cisnormatividade (ou cissexismo) é a ideologia que prega a superioridade da cisgeneridade sobre as identidades transgêneras (travestilidade e transexualidade) –, gerando opressões e discriminações diversas contra pessoas transgênero, como travestis e transexuais.

Esses fenômenos produzem um efeito absolutamente singular na história de vida de cada indivíduo e no seu modo de ser, existir e transitar no mundo. Ou seja, há muitas adolescências possíveis. Da mesma forma, não há um modo único para definir os adolescentes que estão no serviço de acolhimento. Para entender esses jovens, é importante ir além das aparências. Qualquer adolescente precisa de apoio para entender quem ele/ela é no mundo, assim como para diferenciar o que é resultado de suas ações individuais e o que é fruto da desigualdade social ou da

¹⁰ Adaptado do verbete “Sexismo” da Wikipedia, disponível online em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sexismo>.

¹¹ Paulo Iotti, “As cores da doutrinação Hétero-Cis”, *Justificando*, 7 jan. 2019, disponível online em: <https://www.justificando.com/2019/01/07/as-cores-da-doutrinao-hetero-cis/>.

Falar da Adriana é falar de sonhos, frustrações, medos, insegurança, ansiedade, superação e maturidade. No FMH, podemos explorar todas essas áreas da vida dela. Lembro-me de que ela contava os dias para chegar sábado (dia do nosso encontro). Eu abria o portão, ela já estava me esperando, me pegava com sua mãozinha suada de ansiedade e corria para um cantinho da casa que era só nosso. Foram muitas confidências, algumas me deixavam com um nó na garganta. Às vezes só precisávamos de um olhar demorado e um abraço apertado. Adriana não aceitava seu cabelo afro, sofria racismo na escola. Por isso comecei a trabalhar sua autoestima. Apresentei mulheres empoderadas, autoconfiantes e que amam ser quem são, que assumem com orgulho suas características físicas. Ela aprendeu a cuidar e usar cremes específicos para o seu tipo de cabelo; foi ganhando autoconfiança. Foi lindo vê-la brilhar, assumindo sua identidade, com grandes laços coloridos desfilando pela casa. Adriana fez e ainda faz parte da minha vida, ela sabe que pode contar comigo sempre que precisar. Hoje ela mora com a avó materna; de vez em quando nos encontramos e ela sempre me surpreende com algo. Recentemente ela quis participar de um Natal solidário do qual eu estava participando, doou roupas que não usava mais. Meu coração se enche de amor e gratidão pela moça que ela está se tornando. Adriana escreve maravilhosamente bem, o FMH colaborou demais com isso; ela consegue colocar no papel os seus sentimentos mais aflorados e me fez chorar muito com a última carta que me entregou.

Viviane Souza

Colaboradora do Fazendo Minha História



falta de oportunidades para todos. Igualmente, precisa de apoio para perceber que suas ações no presente constroem seu futuro; para aprender a esperar; para visualizar pequenas conquistas; para estabelecer objetivos a curto, médio e longo prazo. Os adultos, por sua vez, precisam compreender o contexto de desigualdade, apoiar, suportar, acompanhar, torcer, se emocionar junto, fornecer limites claros e não arbitrários, se importar e se conectar verdadeiramente.

7. MITOS E MEDOS

O universo do acolhimento é permeado por mitos e medos que estigmatizam e fragilizam crianças e adolescentes. É importante desconstruir ideias preconcebidas e reconstruir no lugar novos olhares em relação a eles e suas famílias.

Crianças e adolescentes acolhidos não têm família e estão à espera de adoção

A maioria das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento tem família, mas não convive regularmente com ela. Fortalecer a família de origem, inserindo-a em políticas públicas que ajudem a recuperar sua capacidade de cuidado e proteção desses é o principal objetivo do trabalho do serviço de acolhimento. Apenas quando não há possibilidade de reintegração à família de origem é que eles são encaminhados para adoção ou recebem apoio para a construção de um projeto de autonomia para a sua vida. Processos de adoção são conduzidos exclusivamente pela Vara da Infância e da Juventude e atuar voluntariamente em um serviço de acolhimento não é uma maneira de iniciar ou pular etapas do processo de adoção.

As crianças e os adolescentes dos serviços de acolhimento são muito carentes

É comum crianças e adolescentes acolhidos serem tratados e até chamados de carentes. Mas todo ser humano é carente de carinho, proteção e cuidado. Ações assistencialistas isoladas, como entrega de bens materiais ou ações pontuais em datas festivas, colocam essas crianças e adolescentes em uma posição de impotência e reforçam a ideia de que eles não têm nada a oferecer para a sociedade, devem somente receber. Meninos e meninas acolhidos enfrentam uma situação delicada: estão sem suas famílias, longe de suas casas e de amigos, mudaram de escola, tiveram sua rotina radicalmente transformada. Isso certamente traz dúvidas, angústias e incertezas que não serão resolvidas com a oferta de objetos materiais. São relações duradouras, estáveis, seguras e afetivas que possibilitam a qualquer ser humano superar e lidar com momentos de crise. O que as crianças e os adolescentes mais necessitam é de estabilidade, permanência e presença.

As histórias das crianças e dos adolescentes em situação de acolhimento são muito tristes, melhor não falar a respeito

O contexto social de crianças e adolescentes acolhidos é de grande vulnerabilidade. Na maior parte dos casos, eles e suas famílias não tiveram acesso a políticas públicas básicas (como educação, trabalho e saúde) e sofrem com os efeitos da desigualdade de raça, gênero e classe social. No entanto, suas histórias são compostas de momentos alegres e tristes, conquistas e perdas, sonhos e pesadelos. A história de qualquer pessoa nunca é exclusivamente triste, assim como não é possível que seja exclusivamente feliz. O acolhimento é um período delicado, mas marcado pela proteção. Lançar às crianças, aos adolescentes e/ou às suas famílias um olhar de impotência, fracasso ou incapacidade os fragiliza. Além disso, é preciso considerar que, verbalizadas ou não, as histórias se manifestam através dos comportamentos e desafiam os adultos continuamente. Por isso não podem ser negadas. O mais adequado é criar oportunidades cuidadosas para falar sobre elas, sempre na medida e no ritmo de cada criança ou adolescente.



O período de acolhimento não merece ser lembrado

O acolhimento é um período da vida marcado por dificuldades, mas também por proteção e não precisa ser negado. Muito pelo contrário, quanto mais a criança e o adolescente se lembrarem desse período, menor a chance de criarem fantasias negativas a respeito. O acolhimento é composto por vivências afetivas significativas e representa uma parte importante da história da criança ou do adolescente. Há cuidado, proteção, boas relações e muito desenvolvimento nesse período!

O futuro é muito incerto, não há como falar a respeito

A incerteza quanto ao amanhã faz parte da vida de qualquer pessoa e não pode ser motivo para não sonhar ou pensar no assunto. Ao contrário, é necessário estimular a construção de planos de futuro e a participação das crianças e adolescentes nas decisões sobre os rumos de suas vidas.

8. PARTICULARIDADES DO TRABALHO VOLUNTÁRIO NO CONTEXTO DO ACOLHIMENTO

Voluntário, segundo estudo realizado pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança é:

O ator social e agente de transformação que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

O voluntariado no Brasil teve início no fim do século XIX. A abolição do escravismo desacompanhada de políticas de reparação, proteção social e equidade racial impediram às pessoas que tinham sido escravizadas o exercício de uma vida digna.

Nesse contexto, tanto famílias ricas quanto a Igreja passaram a realizar “boas ações”, ofertando serviços ou doações a essa população. Tais ações, compreendidas como um favor e não como um direito, não promoviam igualdade, tampouco mudanças estruturais na sociedade.

Posteriormente, o Estado assumiu a responsabilidade pelo bem-estar de seus cidadãos, fundando secretarias e instituições, porém que também mantiveram a estrutura assistencialista e racista. Durante a ditadura militar, nas décadas de 1960 e 1970, a qualidade dessas organizações começou a ser questionada pela sociedade civil, e a década de 1980 foi marcada pelas discussões que culminaram em uma Constituição democrática, onde todos os cidadãos passaram a ser considerados sujeitos de direitos. Nesse momento, as ações voluntárias foram retomadas com maior consciência social e política, mas ainda carregadas das marcas históricas de uma sociedade racista, injusta, desigual, moralista e higienista. Essas características permanecem até hoje em muitos trabalhos voluntários.

Nossa história social nos marca individualmente e de uma maneira que nem sempre conseguimos perceber. Será que minhas atitudes favorecem a igualdade racial, de gênero e de classe? Minhas atitudes respeitam e valorizam o próximo, independente de quem seja? Ou fragilizam quem está numa situação menos privilegiada do que a minha? Para quem busca o Instituto Fazendo História com o desejo de transformar a realidade de crianças e adolescentes acolhidos, o primeiro passo é refletir: estou atento para não agravar o racismo estrutural e outras condições de desigualdade e injustiça? Do que eles realmente precisam? O que tenho para oferecer? O que vou receber em troca? Há uma interseção possível entre o que essa população precisa e o que eu tenho para oferecer?

A pessoa que deseja realizar um trabalho voluntário em um serviço de acolhimento assume um compromisso de muita responsabilidade com a criança ou adolescente em questão. Deve estar constantemente atenta à prevenção de situações de violência (física, sexual e psicológica), de atitudes preconceituosas (de

Para além da diversão

Sempre procurei um projeto para fazer parte, mas só encontrava aqueles nos quais você vai, brinca, diverte a criança e vai embora. Não existe nenhum vínculo com aquela criança, fica sempre faltando alguma coisa. Soube então do Fazendo Minha História e, finalmente, me achei. Há um vínculo, um processo e um objetivo.

Beatriz Ramos Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

cunho socioeconômico ou religioso, por exemplo) e de comportamentos racistas, heterocissexistas e sexistas em relação às crianças e aos adolescentes – e suas famílias – que participam do projeto.

Vínculos afetivos com pessoas em quem possam confiar são uma das maiores necessidades das crianças e dos adolescentes acolhidos. Tempo de convivência e estabilidade são indispensáveis para esses vínculos. Além do direito de frequentar uma escola regular e participar de atividades extracurriculares, de ter comida e moradia adequadas, de receber atendimento médico e de outros profissionais da rede, crianças e adolescentes precisam ter contato com pessoas da comunidade para favorecer seu crescimento pessoal e fortalecer sua identidade.

É preciso considerar que meninas e meninos acolhidos já se separaram de pessoas importantes de suas vidas ao serem afastados de suas famílias. Além disso, na maioria das vezes, a rotina em um abrigo ou casa-lar impõe mudanças e rupturas repentinas, devido à rotatividade de profissionais e entrada e saída de outras crianças e adolescentes. Os vínculos raras vezes são mantidos quando um profissional desliga-se ou é desligado do serviço. Nesse contexto, voluntários da sociedade civil podem se tornar referências afetivas duradouras, mantendo contato com as crianças e os adolescentes atendidos e oferecendo-se como um importante ponto de apoio para o fortalecimento da identidade pessoal deles, para o compartilhamento de experiências, para o enfrentamento de desafios e para a inserção social e cultural.

O voluntário que se relaciona diretamente com essas crianças e adolescentes não pode jamais sumir ou abandonar o trabalho sem considerar os vínculos estabelecidos, devendo se comprometer com aquilo que é capaz de cumprir. Portanto, só deve começar o trabalho quem sabe que poderá levá-lo adiante. É importante estimar quanto tempo será necessário, esclarecer todas as dúvidas em relação ao propósito e ao perfil das atividades antes de assumir o compromisso e de conhecer as crianças ou adolescentes.

COMO FUNCIONA O FAZENDO MINHA HISTÓRIA

O Fazendo Minha História é uma metodologia aberta, que pode ser desenvolvida em parceria com o Instituto Fazendo História ou de forma autônoma, por meio de qualquer serviço de acolhimento interessado¹². Em ambos os formatos, fazem parte deste trabalho os profissionais do serviço de acolhimento, os colaboradores, as crianças, os adolescentes e suas famílias.

A primeira etapa do projeto é a sensibilização e a formação dos profissionais do serviço de acolhimento para desenvolvimento do projeto. Tanto técnicos como educadores devem conhecer os princípios e os objetivos do Fazendo Minha História e compreender as atribuições que irão assumir. Posteriormente, são adquiridos os materiais necessários para o desenvolvimento do projeto: móveis para montagem da biblioteca, livros, álbuns, materiais gráficos, verba para impressão de fotos.

Em seguida, são iniciadas a mobilização, a formação e a seleção dos voluntários, que são chamados de “colaboradores”. A formação inicial dos colaboradores é composta por quatro encontros, de três horas cada, nos quais são esclarecidos conceitos teóricos e práticos sobre o acolhimento e o trabalho a ser realizado.

O serviço de acolhimento é responsável pela gestão do projeto, providenciando as condições necessárias para a realização das atividades no dia a dia. Dois profissionais da casa compõem uma dupla gestora, cujas principais atribuições são: realizar mensalmente a supervisão dos colaboradores; se comunicar regularmente com eles por e-mail, telefone e Whatsapp, a fim de avisá-los sobre imprevistos que impeçam o encontro com a criança ou com o adolescente ou compartilhar notícias importantes sobre elas; manter a biblioteca e o local dos encontros organizados;

¹² A maior parte dos serviços parceiros está localizada na cidade de São Paulo, SP, onde fica a sede do Instituto Fazendo História. No entanto, serviços de acolhimento familiar, abrigos e casas-lares de diversas regiões do Brasil desenvolvem a metodologia de forma autônoma, ou porque foram parceiros diretos do programa em algum momento ou porque se inspiraram nos materiais disponíveis no site. Muitos serviços que desenvolvem esse trabalho de forma autônoma mantêm contato com o Instituto e contam com nosso apoio à distância a fim de trocar experiências e esclarecer dúvidas.

cuidar e guardar os álbuns; organizar o sistema de impressão e distribuição das fotos aos colaboradores; e estimular a participação das famílias em ações do projeto.

Os educadores podem contribuir muito com o dia a dia do Fazendo Minha História, realizando mediações de leitura regularmente para as crianças e adolescentes, deixando depoimento nos álbuns, compartilhando com os colaboradores informações sobre rotina, gostos, características, sonhos e histórias contadas pelas crianças e adolescentes, tirando fotos do dia a dia.

A criança ou o adolescente é o protagonista do projeto. Cada um decide se quer ou não participar. Afinal, será ele o autor do álbum e das histórias. Sempre que possível, o serviço de acolhimento deve articular e organizar a participação da família nos encontros do FMH. O colaborador pode estar presente em um dia de visita para apresentar o projeto e o álbum aos familiares, tirar fotos e convidá-los a fazer um registro juntos. Livros e álbuns contribuem muito para a manutenção dos vínculos familiares. Ter um espaço para narrar, lembrar, valorizar e registrar situações vividas em família fortalece os laços e o senso de pertencimento. Mediações de leitura para crianças, adolescentes e seus parentes estimulam conversas sobre situações vividas, histórias de antepassados e curiosidades familiares.



O COLABORADOR DO FAZENDO MINHA HISTÓRIA

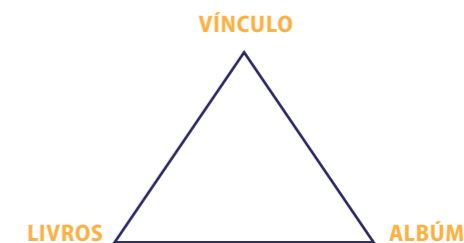
Caçar cobra

Uma vez, o Zé me contou um monte de histórias lá da Bahia, disse que eles iam caçar cobra e tal. Foi superlegal e a gente registrou. Depois de um ano, li a história para ele, que se espantou: "Eu falei isso?". E se divertiu com a história. Isso é muito interessante, pois eles vão crescendo e agora têm um lugar no qual as histórias ficam registradas. Acho que o álbum vai ser muito bom no futuro. Quando eles tiverem filhos vão poder dizer: "Olha, eu tenho uma história para contar para vocês!".

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

A atuação do colaborador no Fazendo Minha História pode ser compreendida a partir do triângulo metodológico composto por vínculo, livros e álbum.



Vínculo

A construção de um vínculo entre o colaborador e a criança ou adolescente é o ponto de partida e a base de todo o trabalho. A constância dos encontros semanais no dia e no horário combinados, a presença interessada, o respeito pela identidade familiar e cultural das crianças e dos adolescentes e o cumprimento dos acordos permitem estabelecer uma relação de afeto, empatia e confiança.

Livros

O universo da literatura infantojuvenil é uma das principais ferramentas de acesso às histórias pessoais das crianças e adolescentes. As narrativas organizam o mundo interno e, com as histórias, é possível elaborar vivências, se reinventar e vislumbrar o futuro. Abre-se a possibilidade de trabalhar diversos temas, como amor, morte, separação, amizade, diversidade étnica, gênero e sexualidade. O trabalho com

os livros, portadores de cultura e conhecimento, garante também o direito de acesso à literatura. Assim, o colaborador cativa as crianças e os adolescentes para o mundo das narrativas, ajudando a despertar neles o interesse e o prazer pela leitura. Adiante, dedicamos um capítulo específico a esse tema.

Álbum

No início do projeto, crianças e adolescentes encontram um grande álbum em branco, produzido com material resistente, a ser recheado com textos, depoimentos, desenhos, fotos e colagens. É um objeto concreto de identificação e reconhecimento de si que permite a expressão e o registro sobre o próprio passado, presente e futuro desejado. O investimento na construção desse álbum transmite à criança ou adolescente a ideia de que o conteúdo (ou seja, sua história) tem grande valor. Deve ser cuidado e preservado pelos adultos. Pertence à criança ou ao adolescente, que deve levá-lo quando for desligado do serviço de acolhimento, seja pela reintegração familiar, seja pela colocação em família substituta ou maioridade. Adiante, também dedicamos um capítulo específico a esse tema.

1. FORMAÇÃO INICIAL

Qualquer pessoa que tenha interesse em se tornar colaborador do Fazendo Minha História precisa participar do processo de formação inicial, que é composto por quatro encontros de três horas cada (doze horas no total), nos quais são trabalhados os seguintes temas:

Encontro 1: contexto histórico e parâmetros legais do acolhimento; atuação do Instituto Fazendo História; objetivos do projeto Fazendo Minha História; contrato do colaborador.

Até os pequeninos

Você começa a contar para um e vai chegando mais um, depois outro e, quando você vê, já tem meia dúzia para ouvir aquela história. Hoje, vejo que eles sentem prazer na leitura. Até os pequeninhos, que nem sabem ler e se interessam mais pelas figuras e cores, já pedem os livros. Eles vêm logo dizer: “Chegou livro novo! Vamos ler este aqui?”.

Jailma Gomes de Araújo

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte

Encontro 2: perfil das crianças, dos adolescentes e das famílias envolvidas; raça/etnia, racismo estrutural, negritude e branquitude.

Encontro 3: mediação de leitura.

Encontro 4: construção do álbum de histórias.

Essa formação possibilita aos interessados entender o contexto do acolhimento, conhecer a metodologia e refletir sobre a própria disponibilidade de tempo e de afeto para participar.

A formação inicial é um processo de seleção mútua: os participantes precisam compreender se este projeto cabe em suas vidas, considerando a grande responsabilidade que ele exige. Ao mesmo tempo, os profissionais que conduzem a formação observam e avaliam se cada interessado tem perfil para se tornar colaborador¹³.

2. PERFIL

Para se envolver com o projeto, o colaborador precisa estar disposto e fortalecido e assim ser uma referência de afeto e escuta para as crianças e os adolescentes. Deve gostar de ler e de ouvir histórias, as dos livros e as das pessoas. Precisa estar aberto para conhecer, acolher e valorizar experiências, escolhas, sentimentos e comportamentos diferentes dos que lhe são familiares e conhecidos.

¹³ Na cidade de São Paulo, a equipe do Instituto realiza anualmente alguns ciclos de formação e seleção de colaboradores. Os colaboradores formados e selecionados pelo Instituto são encaminhados para os serviços de acolhimento oficialmente parceiros do programa dentro dos limites da capital paulista.

Nesse trabalho, tanto colaboradores quanto crianças e adolescentes deparam com emoções que precisam ser olhadas e cuidadas. O colaborador identifica, compreende e nomeia possíveis sentimentos das crianças e dos adolescentes, ao mesmo tempo que precisa estar atento ao que ele próprio sente. Esse processo complexo exige acompanhamento e apoio da equipe do serviço de acolhimento¹⁴.

Algumas vezes, apesar de haver desejo de participar do Fazendo Minha História, há pessoas que não têm perfil para realizar o trabalho. Algumas características consideradas essenciais para ser um colaborador: capacidade de escuta, flexibilidade, sensibilidade, afetividade, criatividade, paciência, responsabilidade, pontualidade, postura ética, capacidade reflexiva, gosto pela leitura e pelas histórias de vida.

3. DURAÇÃO, FREQUÊNCIA E CARGA HORÁRIA

O colaborador participa do FMH por no mínimo um ano, mas a expectativa é que acompanhe a criança ou adolescente por todo o período do acolhimento. Embora o ECA determine que o acolhimento deve durar no máximo 18 meses, essa medida de proteção pode ser menor ou maior do que isso, dependendo da especificidade da situação. Cada colaborador atua com duas crianças ou adolescentes, através de encontros semanais de uma hora com cada um. Ter duas experiências diferentes enriquece o repertório do colaborador e o mantém motivado e engajado em momentos desafiadores com uma delas.

¹⁴ Na cidade de São Paulo, os colaboradores que atuam em serviços de acolhimento oficialmente parceiros do FMH recebem um apoio complementar da equipe do Instituto através de plantões de supervisão (para reflexões, orientações e esclarecimentos), telefonemas e e-mails.



O horário do encontro semanal é fixo e definido entre o colaborador e a equipe do serviço de acolhimento, considerando os compromissos tanto do voluntário quanto da criança ou do adolescente. O serviço de acolhimento é uma casa e o voluntário é uma visita. Portanto, não deve aparecer em qualquer momento do dia sem combinar previamente, nem entrar nos quartos ou na cozinha sem ser convidado. Mudar de horário sem avisar ou permanecer na casa além do estipulado atrapalha a rotina e a organização do coletivo.

Um trabalho de qualidade com duas crianças exige uma carga horária de aproximadamente quatro a cinco horas por semana, incluindo planejamento, deslocamento, encontros com as crianças ou adolescentes e reuniões de supervisão do trabalho.

4. RELAÇÃO DE PARCERIA ENTRE O COLABORADOR E O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO

Tanto os profissionais do serviço de acolhimento quanto os colaboradores possuem um objetivo em comum: o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes através da valorização de suas histórias. O colaborador deseja atuar ali e o serviço de acolhimento deseja sua contribuição.

Cada serviço de acolhimento tem suas próprias características, regras e dinâmica de funcionamento. O Instituto Fazendo História criou combinados e regras de conduta baseados naquilo que espera dos colaboradores, mas alguns detalhes da relação entre o serviço e os colaboradores podem variar. Para conhecer as especificidades de cada organização, construir uma relação saudável e produtiva, rever posições e valores e refletir de forma construtiva, é fundamental que o colaborador tenha uma boa comunicação com a equipe do serviço de acolhimento!

Caso o colaborador se incomode ou testemunhe alguma situação de violação de direitos das crianças e adolescentes, deve conversar rapidamente com a dupla gestora do projeto, que tomará as providências necessárias. Uma atitude parceira por parte dos colaboradores exige que críticas sejam feitas de forma compreensiva, construtiva e colaborativa, evitando que a equipe se sinta fiscalizada ou cobrada.

5. COMPROMISSO COM A CRIANÇA OU ADOLESCENTE ACIMA DE TUDO

A constância semanal dos encontros é fundamental para o estabelecimento de um vínculo de confiança com a criança ou com o adolescente. Os horários combinados precisam ser respeitados. Atrasos e ausências podem frustrar os acolhidos, remetendo à vivência de separação abrupta e inexplicada que talvez tenha feito parte de sua história. O colaborador deve avisar e justificar imprevistos por telefone para a equipe do serviço de acolhimento e para a própria criança ou adolescente, deixando claro que ele não é responsável pelo cancelamento do encontro, o qual resulta de um imprevisto excepcional. Por outro lado, é importante saber que a rotina intensa de um serviço de acolhimento pode gerar frustrações ao colaborador. É possível chegar à casa e não encontrar sua criança ou adolescente pronta para o encontro. Entender o que aconteceu e refazer os combinados de forma amistosa ajuda mais do que ficar bravo e fazer uma cobrança pouco cuidadosa.



Debaixo do sofá

Quando comecei, estava com mais duas colaboradoras e trabalhávamos com quatro meninos. A gente chegava e eles ficavam embaixo do sofá. Tínhamos mil ideias, mas na hora nada dava certo e nem saía como a gente queria. Então, decidimos mandar uma carta para eles com uma foto nossa recortada. Eles tinham que colar a foto no álbum. Foi a primeira vez que um deles participou para valer. Ficou no cantinho dele, mas abriu o álbum, colou e gostou.

Beatriz Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

6. PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS

A cada semana, o colaborador deve planejar o encontro a partir dos temas que a própria criança ou adolescente tiver trazido nas semanas anteriores. Algum assunto comentado rapidamente pode ser retomado para aprofundamento. É importante considerar o interesse e a disponibilidade dos meninos e meninas em falar sobre algo. O planejamento não deve se basear na curiosidade pessoal do colaborador, desrespeitando os limites da criança ou adolescente atendida. Tempo e estabilidade do vínculo são critérios importantes para avaliar quando é o momento de abordar experiências mais delicadas e íntimas sobre o passado ou sobre a família.

O colaborador deve saber o que irá propor a cada encontro e preparar previamente os materiais necessários. Antes de ler um livro, por exemplo, faz toda a diferença já tê-lo lido previamente. Também contribui muito para o êxito do trabalho tentar descobrir o que cada criança ou adolescente gosta e o que não faz muito sucesso com ela ou ele, assim como pensar em atividades ou brincadeiras adequadas para cada faixa etária.

Vale pensar em mais de uma atividade, leitura de livro ou proposta de registro, tendo sempre uma “carta na manga”, e lembrar que o planejamento não deve ser uma camisa de força: surpresas e imprevistos fazem parte e são bem-vindos. Flexibilidade e criatividade são habilidades necessárias para acolher as situações que saem do planejado.

O cardápio de atividades na página 116 oferece diversas ideias e referências para os encontros.

7. SUPERVISÃO¹⁵

A dupla gestora do projeto realiza mensalmente uma supervisão para os colaboradores que atuam naquele serviço de acolhimento. O grupo se reúne para refletir sobre as conquistas, os desafios e as preocupações na condução dos encontros, assim como sobre o histórico de cada criança ou adolescente e os planos para seu futuro.

A participação nas supervisões mensais é um compromisso que o colaborador assume desde o início, quando é selecionado para atuar no projeto e toma a decisão de participar. Frequentar as supervisões e manter contato regular com a dupla gestora certamente influencia na qualidade do trabalho realizado junto à criança ou adolescente. O trabalho semanal com os acolhidos é intenso e mobiliza muitos sentimentos. O colaborador pode se sentir solitário, e os encontros em grupo com os outros colaboradores são uma oportunidade para trocar experiências, compartilhar dúvidas e angústias, compreender melhor as histórias daquelas crianças e adolescentes, refletir e encontrar caminhos para superar dificuldades, se inspirar para construir um álbum de qualidade.

Claro que nem sempre é possível esperar até a próxima supervisão para solucionar possíveis dúvidas e as dificuldades encontradas no dia a dia do trabalho. Por este motivo, o colaborador deve manter contato regular com a equipe do serviço de acolhimento por e-mail, telefone e, quando necessário, encontros individuais.

¹⁵ Na cidade de São Paulo, além das supervisões realizadas pelos serviços de acolhimento, o Instituto Fazendo História oferece plantões aos colaboradores. A proposta desses encontros é refletir sobre os bebês, as crianças e os adolescentes acolhidos, sobre a metodologia do projeto e sobre a parceria estabelecida com os serviços de acolhimento. O plantão é complementar à supervisão realizada pelo serviço.



8. DIGITALIZAÇÃO DOS ÁLBUNS

Os álbuns das crianças e dos adolescentes são valiosos. Eles garantem a permanência de lembranças, a sensação de continuidade da vida. Ao contar e recontar histórias da infância e da adolescência, o álbum assume um papel fundamental para a construção e para o fortalecimento da identidade. É ele que relembrará ao adulto – que um dia a criança ou adolescente se tornará – quem eram pessoas e as relações importantes que fizeram parte de sua vida.

Diante de imprevistos, alguns álbuns físicos podem se perder ou estragar. Para garantir que as memórias nele registradas não se percam, é interessante que o colaborador digitalize cada página concluída (pode ser por meio de escaneamento digital ou tirando uma fotografia de qualidade). O material digitalizado deve ser arquivado em uma pasta virtual, que será mantida pelo serviço de acolhimento¹⁶.

A digitalização dos álbuns permite que meninos e meninas tenham acesso aos registros caso estes se percam e se no futuro quiserem ter acesso a informações sobre suas vidas.

9. PASSEIOS

É muito importante que o colaborador tenha clareza dos objetivos do Fazendo Minha História. Levar crianças ou adolescentes para passear não é um deles, e essa prática pode deixá-los confusos sobre o papel dos colaboradores em suas vidas. Eventualmente, se o colaborador e a dupla gestora conjuntamente considerarem que um passeio trará benefícios para o fortalecimento da identidade de

¹⁶ Os álbuns digitalizados de crianças e adolescentes que estão vivendo em serviços de acolhimento oficialmente parceiros de São Paulo ficam arquivados no Instituto Fazendo História.

uma criança ou adolescente específica, do vínculo com ela, para a relação dela com os livros ou para a construção de alguma página do álbum, essa possibilidade pode ser considerada. Passeios eventuais devem resultar de planejamento e reflexão – por qual motivo o passeio faz sentido, quando e onde. É importante lembrar que é trabalho da equipe dos serviços de acolhimento, como parte do direito à convivência comunitária, a oferta de atividades diversificadas de lazer e de cultura fora do serviço de acolhimento, como por exemplo frequentar parques, praças, cinemas, teatros etc.

10. DOAÇÕES

Muitos serviços de acolhimento dependem de doações para se manter. Contribuir é importante! Para que as doações sejam realmente aproveitadas e façam sentido, é preciso consultar a dupla gestora em relação ao que necessitam. Talvez, naquele momento, não precisem de agasalhos, por exemplo, mas leite e fralda estejam fazendo muita falta. Se a equipe considerar a doação adequada, a entrega deve ser feita diretamente aos profissionais da casa. A distribuição dos itens doados entre as crianças e os adolescentes deve ser feita pela equipe do serviço de acolhimento. Qualquer objeto doado deve estar em bom estado! Ninguém merece receber roupas rasgadas e brinquedos quebrados, por exemplo.

11. PRESENTES

Presentear as crianças e os adolescentes em datas especiais, como aniversário ou Natal, é possível desde que essa iniciativa seja previamente pensada e planejada com a equipe do serviço de acolhimento. Presentes simples ou construídos manualmente, com valor simbólico maior que o monetário, que tenham a ver com



aquela criança ou com as experiências que ele ou ela viveu junto aos colaboradores são muito interessantes. Presentear é um ato de carinho e cuidado que faz as pessoas se sentirem queridas e investidas. É importante que as crianças e os adolescentes tenham essa experiência, mas vale lembrar que ninguém ganha presentes o ano todo, nem em grandes quantidades, nem de pessoas desconhecidas. O Fazendo Minha História propõe o estabelecimento de trocas afetivas e não materiais. Dar regularmente presentes – mesmo que seja somente uma balinha ou chocolate – pode distorcer o papel do colaborador e até prejudicar a construção do vínculo afetivo. Colaboradores que querem dar muitos presentes ao longo do ano precisam de ajuda para refletir a respeito de suas motivações – muitas vezes, pessoais – e os impactos disso na vida das crianças e dos adolescentes. Vale frisar também que as crianças e os adolescentes podem pedir presentes, e o colaborador deve explicar o sentido afetivo da relação e mostrar que presentes podem ser trocados em datas especiais.

12. ANIVERSÁRIOS

Essa é uma data importantíssima, uma grande oportunidade de fazer a criança ou o adolescente se sentirem especiais, queridos e únicos. O colaborador deve se informar, desde o início, sobre qual é o dia do aniversário dos meninos e meninas com os quais trabalha. Vale a pena saber como a casa celebra a data e, sempre que possível, participar da comemoração ou garantir de alguma forma registros desse momento no álbum.

13. FESTAS

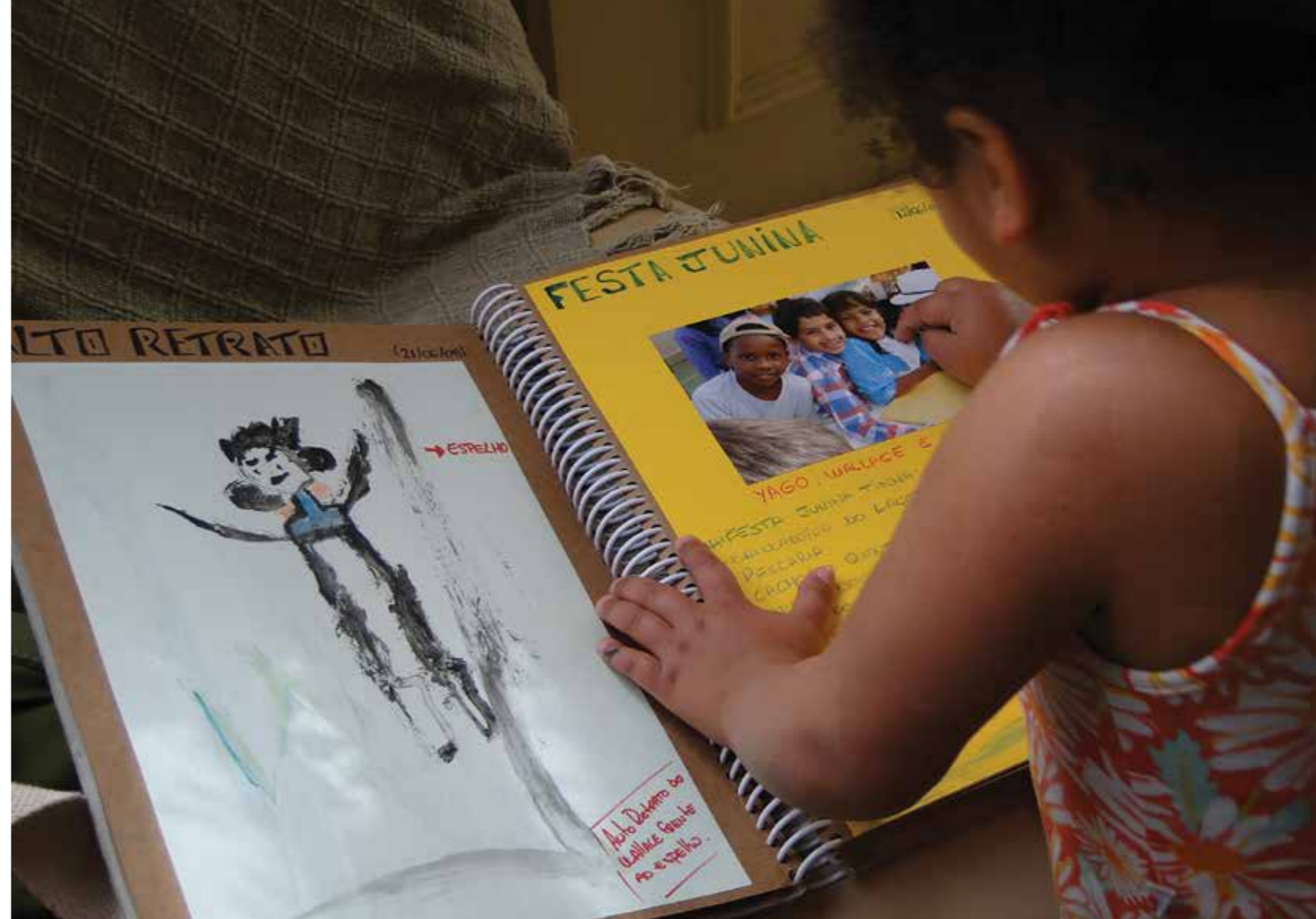
Os serviços de acolhimento organizam diversas festas ao longo do ano. São ótimas oportunidades para estar com a criança ou com o adolescente em um encontro diferente do semanal, tirando fotos e fazendo observações que poderão depois ser registradas no álbum.

14. FÉRIAS

Durante as férias escolares a rotina de todos muda. O colaborador deve checar se convém fazer alguma alteração nas atividades. Há serviços de acolhimento que suspendem temporariamente os trabalhos entre o Natal e o Ano-Novo, por exemplo. As férias do colaborador devem ser avisadas com antecedência para as crianças e os adolescentes atendidos. Vale a pena elaborar com eles um calendário sobre esse período, para que fique claro quando o colaborador estará ausente e quando retornará.

15. ENCERRAMENTO GRADUAL

Espera-se que o colaborador acompanhe a criança ou o adolescente por todo o período do acolhimento, que pode variar muito de caso para caso. A participação no Fazendo Minha História chegará ao fim preferencialmente quando a criança ou o adolescente se desligar do serviço de acolhimento (reintegração familiar, colocação em família substituta ou saída por maioridade). Um dos compromissos mais importantes do colaborador é encerrar o trabalho de maneira gradual, planejando e garantindo pelo menos três encontros de despedida. Este tema será tratado com mais detalhes no capítulo 10.



AO INICIAR O TRABALHO

1. PRIMEIROS ENCONTROS

Quando inicia o projeto, o colaborador não recebe informações sobre as histórias pessoais e familiares das crianças ou adolescentes atendidos. É importante deixar que os próprios meninos e meninas mostrem suas características e se apresentem, de acordo com seus limites e necessidades. Conhecê-los pelo próprio olhar, sem informações anteriores e percepções transmitidas pela equipe do serviço, permite descobrir características diferentes das que são vistas por educadores e técnicos. Crianças consideradas agressivas podem se relacionar de forma carinhosa com o colaborador; adolescentes pouco engajados com o trabalho podem revelar interesses e projetos profissionais até então desconhecidos.

O primeiro encontro é o dia da dupla – colaborador e criança ou adolescente – se conhecer. É o início de uma relação de confiança, troca e afeto. Geralmente, há muita expectativa e ansiedade dos dois lados: todos querem começar bem! Mas vale lembrar que crianças e adolescentes reagem de diferentes maneiras nesse momento. Alguns são receptivos, outros podem se mostrar desconfiados e apreensivos; afinal, a proposta de olhar e falar sobre suas histórias é um desejo e, ao mesmo tempo, um desafio.

É importante o colaborador contar por que está ali: o que é o projeto, como funciona e como serão os encontros. É hora de explicar que estarão juntos para ler histórias e fazer um álbum para registrar os acontecimentos e as pessoas importantes de sua vida, assim lembranças que gostaria de guardar para sempre. É o momento de combinar a frequência, o dia, o horário e a duração dos encontros. O contrato entre o colaborador e criança ou adolescente¹⁷ pode ser lido, preenchido

¹⁷ Esse contrato é entregue ao colaborador pela dupla gestora. O Instituto Fazendo História disponibiliza o modelo desse documento a quem se interessar.

e assinado, simbolizando o desejo e o comprometimento da dupla em realizar esse trabalho juntos.

Depois que a criança ou o adolescente souber por que o colaborador está ali, é hora de ambos começarem a se conhecer melhor. Para isso, confira as propostas do nosso Cardápio de atividades e planeje um momento divertido para essa apresentação.

2. COMEÇAR PELO PRESENTE

Se ainda não conhecemos nem confiamos em uma pessoa, dificilmente conversaremos com ela sobre aspectos íntimos e delicados de nossas vidas. Em geral, os assuntos conversados em um processo de reconhecimento mútuo devem focar na vida atual: quem somos, o que fazemos, do que gostamos. O presente, ainda mais no contexto do acolhimento, é mais acessível (o passado pode ter passagens doloridas e o futuro ainda pode ser muito incerto). Somente o tempo e a construção de um vínculo de afeto e confiança com o colaborador possibilitarão tocar em assuntos mais delicados, como o motivo do acolhimento. É fundamental respeitar o tempo da criança ou adolescente. Os assuntos do passado e do futuro devem ser abordados conforme ela ou ele mostrar abertura para isso; é importante aguardar que ela os traga por iniciativa própria. Em alguns casos, a criança ou adolescente fala espontaneamente de sua história pessoal logo nos primeiros encontros, e é preciso estar preparado caso isso aconteça; em outros, isso pode levar meses ou simplesmente não acontecer.



3. APRESENTAÇÃO DOS LIVROS

Antes de iniciar o encontro, o colaborador deve selecionar alguns livros (dez é uma boa quantidade) e espalhar pelo chão, criando um ambiente agradável. A ideia é convidar a criança ou adolescente a escolher uma obra e ouvir a história, afirmando que, como irão fazer um livro juntos, é interessante conhecer antes outros autores e diferentes formas de escrever e de ilustrar. Os livros desses primeiros encontros devem ser curtos e conhecidos pelo colaborador. Podem ser também livros conhecidos e escolhidos pela própria criança ou adolescente. Nesse caso, o colaborador irá conhecer o livro naquele momento. Uma dica é já escolher, junto com a criança ou adolescente, uma ou mais histórias que serão lidas no encontro seguinte. Dessa forma, o colaborador pode ler os livros antes.

4. APRESENTAÇÃO DO ÁLBUM

O colaborador deve mostrar o álbum e chamar a atenção para o fato de que há na capa um espaço para colar a foto do protagonista dessa história. Desde o início, convém ir construindo o sentido e a importância desse álbum como lugar onde a criança ou adolescente irá guardar a própria história e como objeto que irá acompanhá-la pela vida, o que significa que deve ser algo bem cuidado.

Muitas vezes, já no primeiro encontro a criança ou o adolescente procura deixar sua marca no álbum. Escrever o nome, desenhar, identificá-lo como seu de algum modo. Escrever o nome no verso do álbum é uma forma eficiente de atender a essa necessidade. Atenção e cuidado nesse começo são fundamentais, pois eles querem se expressar e mostrar quem são. Sugerimos utilizar folhas à parte para que o álbum não seja preenchido logo no início com desenhos ou outras produções pouco significativas.

A atividade “Carteira de Identidade” é uma excelente sugestão para esse começo (ver capítulo Cardápio de atividades). Vale esclarecer que, ao longo dos encontros, muitas atividades serão feitas, mas nem todas precisam estar no álbum. Há ao final dele um envelope no qual podem ser guardados desenhos e fotos que ainda não foram selecionados para fazer parte das páginas oficiais.

5. ENCONTROS COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Desde pequenas, as crianças entendem melhor a presença do colaborador se o encontro for marcado pela delimitação de um espaço físico. Definir um mesmo lugar para a maioria das atividades, com um tapetinho bonito ou uma canga, almofadas ou algo que circunscreva o espaço, ajuda a criar um território. Outra maneira é criar um “ritual” de chegada e de despedida. Pode haver, por exemplo, uma mesma música para iniciar o encontro, a repetição uma brincadeira específica, a releitura de um livro. Esses ritos de chegadas e despedidas dão segurança ao bebê ou criança pequena, que já sabe o que virá e espera pelo momento do encontro.

O bebê já demonstra suas preferências e gostos, que são expressos de formas sutis. A observação atenta é um ótimo modo de conhecê-lo e criar vínculo. Observar os objetos com os quais ele ou ela gosta de brincar, perceber seus movimentos corporais, temperamento, o que lhe agrada ou desagradar são maneiras de o colaborador ir se aproximando dessa criança durante os encontros. Mesmo sem falar, os bebês expressam suas vontades e desejos! É muito importante estar atento a essas manifestações para poder planejar os próximos encontros. Também é importante registrar no álbum as percepções que o colaborador tem a seu respeito.



Durante os encontros, o colaborador deve conversar com o bebê para dar sentido ao que está acontecendo naquele momento. Dessa forma, o mundo e a linguagem vão sendo apresentados à criança: “Olha aquela árvore”, “Você viu aquele passarinho?”, “Esta cor é o vermelho”. Deve-se nomear tudo o que será feito com o bebê, antecipando o que virá. Por exemplo: “Vou te pegar no colo para tirarmos uma fotografia”, “Agora vamos para a biblioteca escolher um livro para ler”. Tudo deve ser dito. Uma vez que tudo o que acontece e sente é novidade para ele, também é necessário acolher e nomear suas próprias reações e sentimentos manifestados, como medo, desconforto, alegria, tristeza. É desse modo que o bebê vai conhecendo também a si próprio.

Sugerimos que os encontros com os bebês sejam divididos em duas partes: na metade do tempo, o colaborador ficará somente com o bebê (por volta de meia hora), brincando, lendo livros e repassando as páginas de seu álbum. Na metade seguinte, o colaborador pode circular junto com o bebê pela casa, para conversar com educadores, irmãos, crianças maiores e adolescentes sobre a rotina, características e curiosidades sobre ele. Essas conversas favorecem o desenvolvimento e levantam informações valiosas para a construção dos álbuns.

Caso o colaborador prefira fazer o álbum na sua casa, as páginas devem ser feitas em folhas avulsas e coladas no álbum no dia do encontro. Dessa forma, o álbum permanecerá no serviço de acolhimento e ficará sempre disponível para o bebê e sua família. Os álbuns devem estar presentes em todos os encontros, a fim de que o colaborador leia regularmente as páginas ao pequeno.

Além de conversar, ler livros, ler o álbum e circular pela casa junto com o bebê, o colaborador pode realizar outras atividades:

- Todo bebê gosta de ouvir músicas calmas e melódicas. Cantigas infantis, como “Nana, nenê” ou “Atirei o pau no gato”, também são apreciadas, pois o bebê

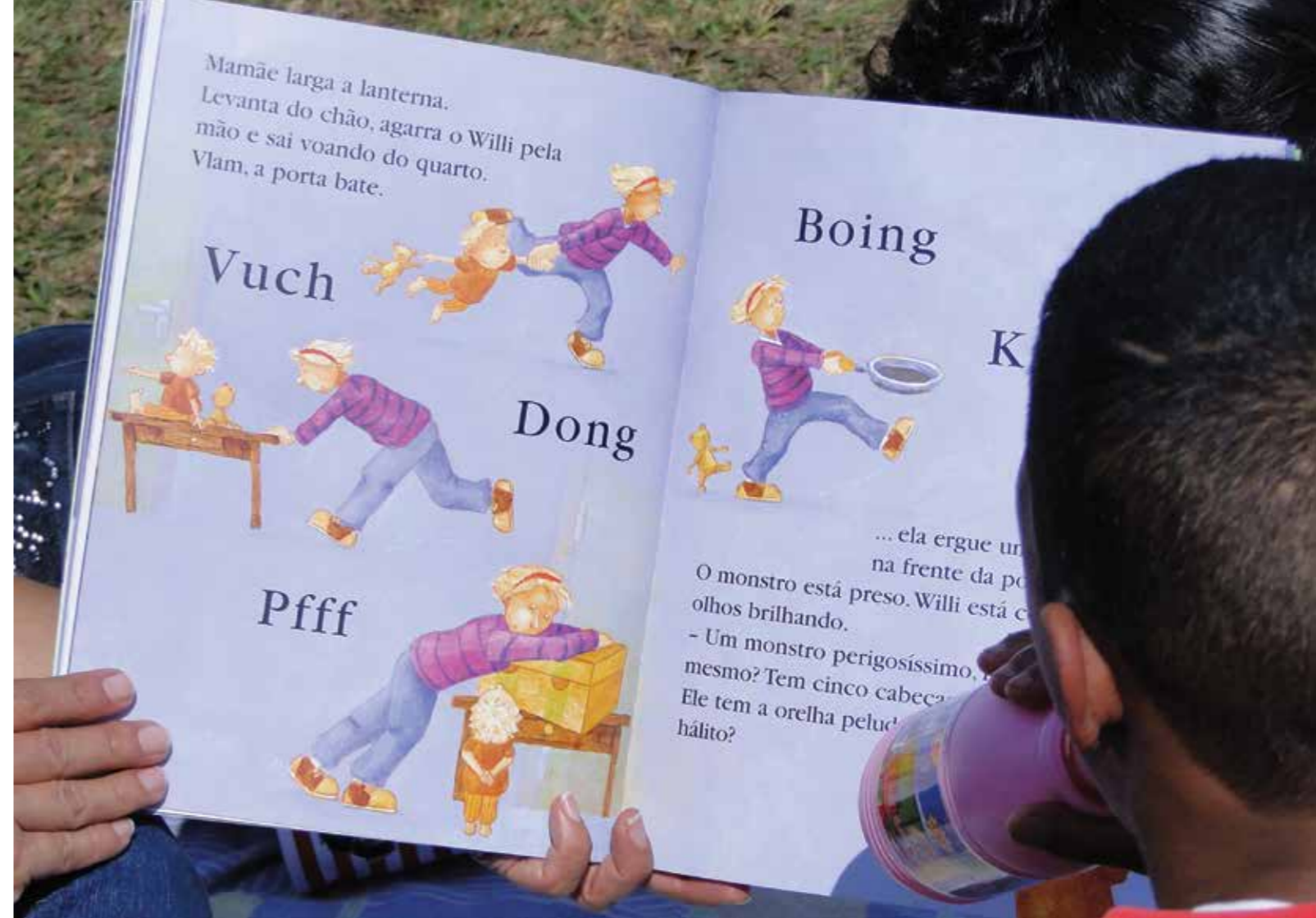
se familiariza com as palavras pela repetição constante, além de proporcionar contato próximo e prazeroso com adultos. Quando o bebê já anda, brincar de cantigas de roda pode ser uma forma de abrir ou fechar os encontros.

- Deixar o bebê explorar diferentes materiais com cores e texturas diversas, como papéis, tecidos de diferentes tamanho e estampas, superfícies ásperas, papel crepom, papel camurça, plástico-bolha, giz de cera, tintas, lápis de cor. Esses elementos podem ser utilizados para decorar o álbum.
- Brincadeiras: esconde-esconde com um paninho; jogar objetos longe e depois devolvê-los; bolinhas de sabão; mostrar o bebê no espelho; fazer chocalhos com sucata, utilizando arroz e feijão para criar sons diferentes; levar caixas de papelão de diversos tamanhos e deixar o bebê entrar e sair delas; levar caixas pequenas, baldes e bacias e brincar com um pouco de água; fazer massinha com farinha de trigo; passear pela casa nomeando os lugares.

6. ENCONTROS COM ADOLESCENTES

A equipe do serviço é responsável por apresentar o projeto Fazendo Minha História a todos os meninos e meninas, a fim de saber quem se interessa pela atividade. Não serão encaminhados colaboradores para aqueles que não manifestarem vontade de participar. Há adolescentes que, em um primeiro momento, podem se recusar a participar do FMH e isso deve ser respeitado.

A recusa é uma característica comum na adolescência, como dito no capítulo dedicado a essa faixa etária. Marcar oposição ao que vem do adulto é uma maneira de se diferenciar dele no processo de construção de uma identidade própria. No entanto, após uma recusa inicial, muitos podem acabar se interessando pela presença semanal de um adulto que terá um horário exclusivo para eles. Nesse



momento, o início da relação com um colaborador poderá garantir ao adolescente um espaço privilegiado de expressão e elaboração de suas vivências.

A maneira como cada adolescente se envolve com o projeto é muito particular. Quando ele ou ela diz que naquele dia não quer realizar o encontro ou que não gosta de ler, é fundamental respeitar essa decisão. Mas, vale lembrar, uma escolha realizada em um determinado dia não precisa ser tomada pelo adulto como definitiva.

É interessante o adolescente sentir que os encontros são uma via de mão dupla: o colaborador está ali para conhecê-lo, ouvir suas histórias, mas também pode compartilhar experiências, sentimentos e lembranças. O colaborador se torna, aos poucos, uma referência relevante e pode contribuir muito oferecendo, através de sua história pessoal, outros modelos de comportamento, de relação, de escolhas e de projeto de vida.

Há adolescentes que gostam de conversar, mas não se envolvem tanto com o álbum. Há aqueles que amam enfeitar as páginas onde escrevem o que pensam e sentem.

Assim, para realizar um bom trabalho, que de fato promova um espaço de elaboração da história e construção de identidade, é muito importante que o colaborador identifique e valorize explicitamente as potencialidades do adolescente. A aposta verdadeira no potencial de cada um favorece o exercício do protagonismo na construção de suas escolhas.



Cheguei ao abrigo dois dias depois do meu aniversário de dezesseis anos. [...] Eu não suportava aquele lugar, mas, aos poucos, foi melhorando. Uma coisa que me chamava bastante atenção eram os álbuns do Fazendo Minha História que todas as crianças e adolescentes faziam. Foi quando eu disse pra assistente social do abrigo que também queria fazer o meu. No dia 26 de junho, iniciei com a colaboradora Ana a confecção do álbum e, aos poucos, tudo foi se colocando no lugar: arrumei o meu primeiro emprego, depois o segundo, melhorei minha relação com as garotas, fiz cursos e comecei a sentir carinho por todos que lá moravam.

Quando vi a Ana, fiquei um tanto quanto surpresa. Tinha imaginado uma aparência diferente, porque não conhecia nenhuma voluntária e, como qualquer ser humano, fiz meu pré-julgamento. Pode ser antiético falar o que eu achava dela nos primeiros encontros, mas acho importante contar para que vocês concluam o quanto ela é importante para mim. Eu achava que ela era uma mera “perua”, que não tinha nada pra fazer e que tentava gastar seu tempo com uma acolhida. Eu me sentia um objeto, mas, mesmo assim, quanto mais tempo ficava com ela, mais eu gostava. Fazíamos recortes, víamos as fotos, conversávamos... Com o tempo, tudo foi mudando e finalmente percebi que eu estava totalmente errada! Mudei minha percepção e consegui me abrir totalmente pra Ana. Contava meus medos, meus erros, minhas paixões, enfim, tudo! E assim foi... Sentia sua falta e, durante a semana, o tempo parecia não passar.

Patrícia Cristina S. Rodrigues

Depoimento no livro *Esta é a Nossa História*

LIVROS: DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS

Hora de dormir

Todas as crianças pequenas foram dormir, mas uma delas estava muito agitada e não conseguia pegar no sono. A educadora chegou e falou para uma das crianças: "Michele, você quer me ajudar?". "Eu quero, tia." "Então vamos lá no quarto. O que você quer fazer?" "Vou contar uma história para eles dormirem." Ela foi para a cama do irmão, começou a passar a mão na cabeça dele e falou: "Era uma vez..." E, quando a educadora voltou, estavam todos dormindo.

Mirian Cristina da Conceição

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte

1. PRINCÍPIOS

No encontro com a literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria existência de vida em grau e intensidade não iguais a nenhuma outra atividade.¹⁸

Uma parte importante da metodologia do Fazendo Minha História foi pensada para promover um envolvimento cada vez maior e mais prazeroso das crianças e adolescentes atendidos com os livros.

A literatura é uma criação universal que surge da necessidade humana de elaborar, expressar e construir sentidos para aquilo que é vivido e experimentado. Crianças e adolescentes encontram nas histórias dos livros um lugar seguro e com muitos elementos simbólicos para elaborar questões relativas às suas próprias histórias. A partir da leitura, podem experimentar papéis, descobrir novas possibilidades, refletir sobre situações coletivas e individuais. Podem sonhar e recriar a vida.

O livro é um instrumento transformador, que transporta o leitor para um mundo fictício, tornando possíveis ações impossíveis e trazendo respostas para muitas perguntas do mundo real. Ele é a porta de entrada para o mundo das histórias e, muitas vezes, ainda não faz parte da rotina dos serviços, nem das crianças e dos adolescentes acolhidos, tornando-se necessário cativá-los para a leitura.

As crianças têm curiosidade em manusear os livros e devem ser convidadas a conhecê-los, a utilizá-los e a cuidar deles. Cabe aos colaboradores e profissionais do serviço de acolhimento responsabilizar-se pela biblioteca montada pelo projeto, cuidando da preservação das obras e pensando em alternativas de uso, como na hora de dormir. Apenas circular em meio aos livros não desenvolve o

¹⁸ Nelly Novaes Coelho, *Literatura infantil: teoria, análise, didática* (7ª ed., São Paulo: Moderna, 2002).

gosto por ler. Crianças e adolescentes precisam conviver com pessoas que se envolvam com eles de forma entusiasmada, conferindo aos livros um significado novo e positivo. A cada semana, a presença do colaborador irá contribuir para essa aproximação. Cabe a ele introduzir a criança ou adolescente ao mundo mágico da literatura, oferecendo a oportunidade de ler e reler histórias. Em cada serviço de acolhimento, espera-se que o colaborador possa encontrar uma variedade de títulos e temas em uma biblioteca organizada, garantindo a qualidade do trabalho cotidiano.

Para ajudar a despertar nas crianças e nos adolescentes o prazer em ler, os adultos precisam primeiro ter essa paixão desenvolvida em si mesmos. Assim, o Fazendo Minha História sensibiliza e forma adultos mediadores de leitura. Desde 2002, o programa desenvolve formações e seminários, em diferentes espaços e serviços, com grupos diversos de educadores, técnicos e voluntários, dando destaque à mediação de leitura e a atividades prazerosas com os livros. Procura-se inspirar adultos que gostam de ler a transmitir esse gosto para as crianças e adolescentes e adultos que não leem a descobrirem-se leitores.

2. A MEDIAÇÃO DE LEITURA

A metodologia utilizada no Fazendo Minha História para desenvolver o trabalho com os livros é a mediação de leitura, ou seja, o ato de ler em voz alta para uma ou mais crianças e/ou adolescentes. O mediador de leitura é a pessoa que dá vida à biblioteca, conduz os ouvintes ao mundo da imaginação e está presente e disponível para acolher a participação de cada um, assim como as associações feitas, os comentários e as perguntas. O momento da mediação contribui também para o estabelecimento e fortalecimento do vínculo entre adultos, crianças e adolescentes, pois através das leituras cria-se um espaço de cumplicidade e de troca afetiva, no qual todos estão juntos compartilhando e sendo impactados, de diferentes maneiras, pela mesma história.



Mediação de leitura é:

o ato de ler para as crianças, jovens ou adultos de maneira livre e prazerosa. O mediador se propõe a compartilhar com eles o prazer de ler, conhecer e descobrir o que os livros têm a oferecer. Ele aproxima o livro e a criança, deixando-a fazer suas escolhas, lendo o texto, mostrando as ilustrações, ouvindo atentamente seus comentários, respondendo às perguntas, observando e respeitando suas reações. A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com a criança a leitura e a troca de experiências é único por incluir o vínculo ali estabelecido.¹⁹

O livro é uma obra de arte rica por si só, com textos e ilustrações, e deve ser apresentado ao leitor tal como é: sem mudança de palavras, sem saltos de páginas ou qualquer outra alteração. Independentemente do impacto que uma obra de arte pode ter no sujeito que a aprecia, alterá-la nunca será uma boa opção. É preciso respeitá-la em sua força de tocar e transformar o outro de modos diferentes. Ler o livro tal como ele está escrito garante a permanência da história, a releitura de um mesmo texto por diferentes pessoas e a sensação de estabilidade. Vale lembrar que as crianças gostam de escutar várias vezes o mesmo conto: a repetição dá segurança, pois o enredo, o conflito e o final da trama se tornam conhecidos.

Qualquer pessoa pode ser um mediador de leitura, basta ter interesse pelo tema e vontade de aprender. A proposta é que não só colaboradores, mas também todos aqueles que trabalham no serviço de acolhimento estejam preparados para se envolver nessa atividade e incorporar esses momentos na rotina da casa. No decorrer do projeto, todos são convidados a participar de atividades formativas sobre mediação de leitura, que visam sensibilizar e capacitar as pessoas para exercer essa função.

¹⁹ Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, *Biblioteca Viva: fazendo história com livros e leituras*, 12 fev. 2016, disponível online em: https://issuu.com/fundacaoabrinq/docs/biblioteca_viva_fazendo_historia_co.

O Fazendo Minha História propõe que a mediação de leitura seja feita em um ambiente agradável e estimulante. Os livros podem ser espalhados sobre um tapete no chão, de modo que as crianças e adolescentes fiquem livres para explorá-los de maneira autônoma e espontânea. Chamamos esse momento de exploração livre. Nesta primeira etapa, o mediador ainda não está realizando uma atividade de leitura, mas apresentando os livros para as crianças e adolescentes, ao mediar e facilitar a relação da criança ou adolescente com o livro. Em seguida, inicia a leitura dos títulos solicitados e, por vezes, também escolhe outros títulos para apresentar a seus ouvintes. Ele os conduz à história do livro, ao mundo da imaginação, e está sempre preparado para escutar como o livro toca cada um. Ao ouvir uma história, a criança ou o adolescente pode querer se expressar, compartilhar o que pensou ou sentiu, e é importante acolher sua participação, assim como respeitar seu silêncio.

Por ser um momento prazeroso, esse espaço não deve ser de ensino e aprendizagem, no qual o adulto se posiciona como aquele que detém um saber e irá transmiti-lo. Muitas crianças e adolescentes já têm em suas vidas a marca de uma relação pedagógica com os livros: precisam ler para aprender, ler em voz alta para treinar, ler para dizer o que compreenderam. Obrigá-los a ler faz da leitura uma tarefa chata a ser cumprida, sem graça e sem sentido. No momento da mediação de leitura, contudo, não há cobranças ou perguntas. Há apenas a disposição do mediador para apresentar à criança e ao adolescente uma nova história, uma história que eles tenham o desejo de conhecer, na qual queiram mergulhar. Uma história que possa emocioná-los, ou fazer com que se identifiquem com um ou outro personagem. A mediação de leitura é um ato de generosidade e, simultaneamente, um ato livre de expectativas. Lê-se sem esperar um resultado ou outro. Lê-se porque há o desejo, porque é bom.

Por meio da leitura dos livros, há trocas de experiências, sentimentos e afetos. Por vezes isso ocorre mais intensamente e de forma aberta, com a criança ou o adolescente se expressando. Em outras, o movimento é interno. O livro toca o outro de um jeito que nunca conseguiremos saber exatamente, e nem é preciso saber. O



Durante o estágio em um serviço de acolhimento em São Paulo, realizado em parceria com o Instituto Fazendo História, cuja população consistia em crianças de até 11 anos, a mediação de leitura era a atividade inicial dos encontros.

Chegávamos de manhã e éramos recebidos pelas crianças, que nos ajudavam a espalhar os livros pelo tapete da sala. Em uma dessas manhãs, a casa estava cheia de crianças recém-acolhidas. Ao todo, havia cerca de doze crianças. Éramos três adultos mediadores de leitura. Iniciamos o ritual de espalhar os livros pelo tapete e, rapidamente, as crianças que já conheciam o processo se envolveram com a atividade. Pouco a pouco, os novos integrantes do grupo também foram se apropriando do espaço.

Três crianças se aproximaram de mim, uma menina de 11 anos, “veterana” na casa, e um casal de irmãos recém-chegados, de 8 e 10 anos e olhos arregalados, o que parecia uma mistura de medo e fascinação perante o recém-apresentado universo fantástico da literatura infanto-juvenil. A veterana se antecipou e disse: “Tio, lê esse!”. Iniciou-se, assim, a mediação de Pedro está encolhendo.

O livro conta a história de um menino que convoca a atenção da família em seu cotidiano e, ao não ser escutado, começa a encolher e encolher, até escorregar pelo ralo da pia e iniciar uma longa viagem pela tubulação de sua casa. Ali encontra Lisa, uma garotinha que também havia encolhido, segundo conta a Pedro, por falta de atenção das pessoas ao seu redor. Com o desenrolar da conversa, ambos começam a crescer novamente. Neste momento as três crianças exclamaram: “Eu já me senti assim”.

A palavra circulou entre nós, a história terminou, e ao fim da mediação a garota “veterana” exclamou: “Tio, acho que estou crescendo de novo!”. O casal de irmãos sorriu pela primeira vez, e um deles foi escolher a próxima história.

João Verani

Estagiário do Fazendo Minha História

importante é oferecer a experiência do encontro com novas histórias, a percepção de novas formas de estar e participar do mundo.

Acreditamos que o prazer pela leitura acaba se construindo como efeito da mediação. A disponibilidade, o posicionamento e o envolvimento dos adultos de referência com essa metodologia são aspectos fundamentais na efetivação desse objetivo. É importante lembrar que crianças e adolescentes percebem quando um adulto tem ou não prazer no que faz. Adultos são modelos para crianças e adolescentes. Não adianta mandá-los ler, se o próprio adulto não lê; não adianta dizer que ler é importante, se aquele adulto não considera isso realmente importante. Os adultos que já adoram os livros terão mais facilidade para compartilhar esse gosto com crianças e adolescentes. Para aqueles que ainda não sentem esse prazer, fica o convite: escolha um livro simples e bom, reserve um tempo em sua rotina, sente em um espaço gostoso e aproveite. Sempre é tempo para se tornar um leitor. E só alguém que tenha mesmo o gosto pela leitura poderá se tornar um bom mediador.

3. LUGARES PARA GUARDAR E LER OS LIVROS

Os serviços de acolhimento que desenvolvem o FMH costumam ter um cômodo específico para guardar os livros. Essa biblioteca ou espaço de leitura deve ser um local aconchegante, convidativo, tranquilo, confortável. Os livros podem estar dispostos também em outros espaços da casa, favorecendo a interação de crianças e adolescentes com eles de forma espontânea, natural e frequente. É importante que o acervo fique acessível para que cada um tenha liberdade e sinta-se à vontade para explorá-los no momento que desejar. Assim, a criança e o adolescente podem descobrir que têm condições de buscar conhecimento e momentos de prazer de forma autônoma, independentemente da presença ou do controle de um adulto.



O sentido maior da biblioteca é seu uso constante. A melhor maneira de cuidar desse espaço é mantê-lo vivo, com todos da casa interessados e utilizando os livros. É muito importante que as crianças e os adolescentes se sintam “donos” do acervo. Só assim os livros serão verdadeiramente cuidados: não por meras regras e procedimentos, mas porque são valiosos para o grupo.

As sessões de mediação de leitura podem acontecer num espaço externo da casa, no quarto, na biblioteca ou num cantinho onde todos sintam-se confortáveis para se expressar e serem ouvidos. Os momentos de leitura não devem ser obrigatórios, mas sim respeitosos e acolhedores, favorecendo a criação de vínculos de respeito e de confiança.

4. A ESCOLHA DOS LIVROS PARA OS ENCONTROS

O FMH possui em seu acervo livros que apresentam, representam, respeitam e valorizam pessoas, culturas, povos e sociedades diversas. Essa diversidade permite às crianças e aos adolescentes, com suas múltiplas características étnico-raciais, familiares e culturais, sentirem-se representados por enredos, personagens e situações semelhantes às que vivem ou já viveram. Ao se reconhecerem nas histórias e nos personagens, têm mais chance de valorizarem suas origens, sua identidade e suas características. Ao mesmo tempo, a diversidade possibilita que esses meninos e meninas conheçam, vivenciem e passem a respeitar mundos, contextos sociais e pessoas diferentes de si próprios. Dessa forma, além de trabalharmos com livros clássicos, já consagrados nacional ou internacionalmente, buscamos cada vez mais selecionar livros com as seguintes particularidades: autores e autoras negras; personagens negros; autoras (mulheres) brasileiras; livros nacionais sobre diferentes regiões e culturas do país; literatura africana e indígena.

Num programa em que trabalhei, havia nove crianças inscritas, com idades que variavam entre 5 e 8 anos. Nossa proposta, naquela fase do projeto, era estimular a leitura. Compramos livros atraentes, com formas, cores, tamanho e conteúdo de qualidade e apropriados. Chegamos cedo, antes das crianças, e preparamos com cuidado a sala, que era pouco espaçosa. Colocamos os livros no chão e num pequeno sofá, de forma que ficassem convidativos e atraentes. Antes de as crianças entrarem na casa, dissemos que havíamos preparado uma surpresa para elas.

Abrimos as portas. Num primeiro momento as crianças ficaram mesmo surpresas e maravilhadas. No momento seguinte, nós é que ficamos surpresos. Foi como soltar uma manada de elefantes em uma loja de louças. As crianças começaram a explorar os livros sem o menor cuidado. Surgiram disputas que terminaram com livros partidos ao meio. Páginas viradas sem o menor cuidado, amassando as folhas, livros rasgados, pisoteados e mordidos. Um verdadeiro massacre. Tudo muito rápido. Ficamos tão estarecidos e paralisados que nem tivemos tempo de reagir. Nossa brilhante ideia e narcisismo foram por água abaixo em poucos segundos. Ficamos consternados diante da pilha de escombros de livros que sobraram e com a raiva das crianças. Minha vontade era enforcar aqueles pequenos vândalos.

Triste, peguei um dos livros sobreviventes e me pus a ler solitariamente para me acalmar. De repente senti um puxão na manga da camisa. Era uma pequena menina com dois grandes olhos cor de jabuticaba:

– Ei, tio, que cê ta fazendo?

Respondi meio ríspido:

– Tô lendo.

Não sei se ela havia percebido a minha cara de decepção e tristeza, ou se estava realmente curiosa.

– O que você está lendo?

– Um livro – disse laconicamente, para que nosso papo terminasse ali e ela me deixasse em paz.

– Lê pra mim?

– Acho melhor não.

– Lê, vai?

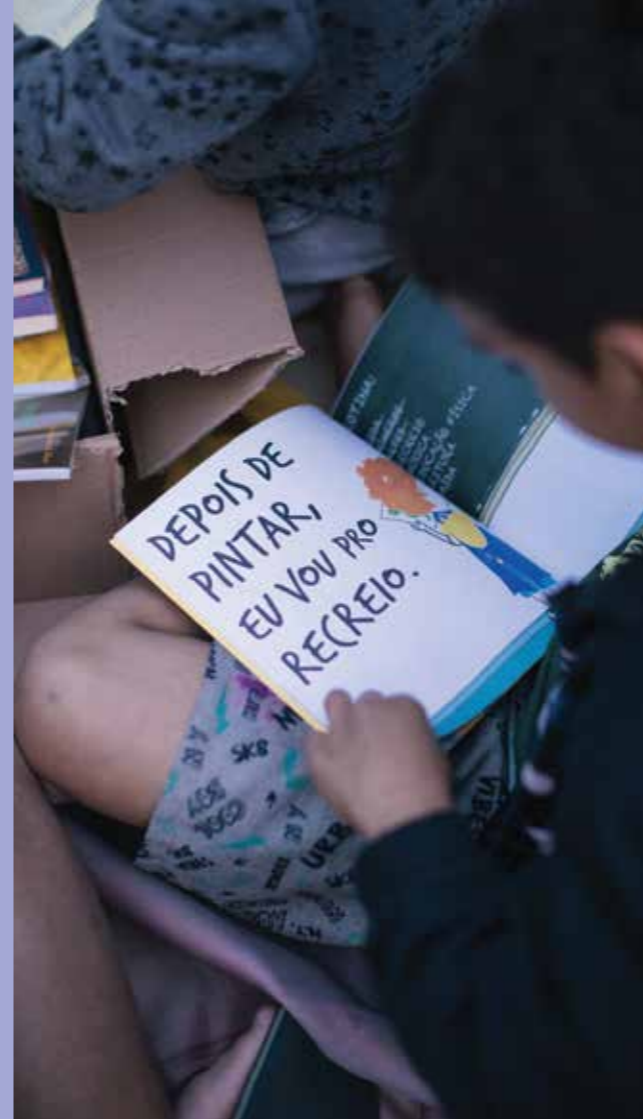
Diante da insistência, inicialmente a contragosto, comecei a ler a história em voz alta, mas fui me empolgando.

Quando dei por mim, me vi cercado de crianças semiboquiabertas, completamente atentas como se estivessem em transe hipnótico. Durante a história formamos uma sintonia perfeita. Ficavam espantados com a minha voz de rei malvado. Respondiam excitados a cada pergunta que era feita durante a narrativa. Mergulharam em cheiros e sons, procurando adivinhar qual seriam os próximos passos do nosso herói. Meus olhos marejaram. Estávamos reconciliados.

Após essa nossa iniciativa frustrada veio a necessária reflexão. Percebemos uma série de erros de estratégia, como a importância, em certos contextos, de apresentar inicialmente os livros e os cuidados para manuseá-lo.

Milton Fiks

Psicólogo



O mediador tem seu gosto, mas é importante disponibilizar para as crianças e adolescentes uma variedade de enredos, personagens, ilustrações, formas e tamanhos, para que eles próprios possam fazer suas escolhas. Depois de alguns encontros, o mediador já é capaz de perceber o tipo de livro que agrada, encanta e prende a atenção de cada ouvinte. O conhecimento das obras é importante para que ele possa fazer escolhas significativas, ou seja, propor as histórias que apresentem ampla diversidade e ao mesmo tempo façam sentido para uma determinada ocasião. Ouvir histórias com as quais a criança e o adolescente se identificam pode ser uma oportunidade de abordar assuntos delicados, em relação aos quais eles tenham maior dificuldade de se expressar espontaneamente.

A escolha dos títulos não deve se prender a recomendações por faixa etária, pois tanto crianças quanto adolescentes interessam-se pelos mais variados tipos de livros. “Livros de primeira leitura”, com textos curtos e muitas ilustrações, são estimulantes para crianças e adolescentes que ainda não estão totalmente alfabetizados, por exemplo, ou que nunca tiveram acesso ao universo da literatura.

Além disso, por tratarem de temas universais como amizade, amor, família e morte, o acervo do FMH agrada a públicos variados. Um mesmo livro pode ter muitos significados e levar a elaborações diversas para pessoas diferentes, de acordo com suas realidades e histórias pessoais. Não há como prever a reação que uma história provocará em um leitor, tampouco reduzir sua interpretação a uma “lição de moral”. Ainda que, aos olhos do adulto, o livro transmita um claro aprendizado, é importante deixar as crianças e os adolescentes livres para fazerem suas próprias interpretações e para repararem naquilo que quiserem.

5. MEDIAÇÃO DE LEITURA COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

O bebê conhece o mundo através dos objetos, dos sons, das cores, das texturas e das sensações que lhes são apresentados pelos adultos, desde antes da aquisição formal da linguagem. Esta apresentação inicial do mundo é fundamental para que o bebê possa se tornar, no futuro, um sujeito independente e seguro. O desenvolvimento da capacidade de comunicação tem início desde o nascimento. Os recém-nascidos rapidamente começam a reconhecer sons significativos do ambiente, como a voz dos adultos que dele cuidam. À medida que crescem, distinguem os sons que irão constituir a linguagem, isto é, o funcionamento de sílabas, palavras e sentenças. Diversos estudos revelam que os três primeiros anos da vida de uma criança são os mais intensos do ponto de vista da aquisição de linguagem, porque o cérebro está mais apto à absorção de estímulos durante esse período. Falar, escutar, ler, cantar e brincar com os bebês possibilitam a aquisição de habilidades que serão fundamentais pelo restante da vida.

Os livros são um dos veículos de apreensão e exploração do mundo. Aos poucos, o bebê passa a explorá-los através de contato físico e sensorial, colocando-o na boca, experimentando suas texturas, cores e sons, brincando e se divertindo. O bebê está inserido na cultura, e a literatura faz parte dela, devendo ser introduzida o mais cedo possível como um estímulo ao gosto pela leitura e pela escrita, que serão formalizadas quando a criança tiver maturidade para isto.

A comunicação com um bebê, que ainda está se inserindo no universo da linguagem, passa por outros canais que não apenas as palavras. Ao ler uma história em voz alta, o adulto pode mudar seu tom de voz, a expressão facial e a atitude corporal. Este contato imprime um registro sensível para o bebê e o ajuda a compreender o outro. Através da leitura, o vínculo entre adultos e bebês pode ser fortalecido e o desenvolvimento é estimulado. Cada bebê manifesta reações



peculiares diante da apresentação de imagens e da narração de histórias. A observação e nomeação destas manifestações pode ajudá-lo a identificar e confiar nos próprios sentimentos.

É importante levar em consideração as preferências do bebê ou criança pequena por determinadas histórias e a maneira como ele se comporta diante dos livros. Normalmente, não é o enredo que faz com que um livro seja mais ou menos interessante nessa fase da vida, mas sim outros aspectos, como a sonoridade, a melodia, como ele ressoa em seus ouvidos. Por isso, livros que têm um ritmo constante, assim como rimas e versos, costumam encantá-los. Outro aspecto a ser considerado é o tamanho dos livros. Para alguns, livros gigantes são maravilhosos, para outros, livros pequenos, que caibam em suas mãos, são foco de interesse. Os livros para essa faixa etária devem ser coloridos, macios e resistentes. O bebê ou criança pequena ganha autonomia ao explorar livremente estes objetos. Os livros que contêm narrativas mais elaboradas também podem ser utilizados, mas devem ser escolhidos com cuidado, a partir de temas relevantes e acessíveis. Aqueles que contêm imagens grandes e que saltam das páginas (efeito pop-up) também costumam encantá-los, mas devem ser manipulados pelos adultos, pois rasgam facilmente. A criança não nasce sabendo como cuidar dos livros. O adulto deve ensiná-la a cuidar, ser uma referência e mediar o contato inicial.

Dicas que funcionam:

- Criar um ambiente aconchegante e convidativo para o momento da exploração dos livros: estender um edredom, tapete ou esteira para forrar o chão; espalhar os livros deixando as capas visíveis etc.
- Escolher livros coloridos, macios e resistentes.
- Deixar bebês e crianças se movimentarem para explorar livremente os livros.
- Ler histórias antes da hora de dormir.

- Utilizar livros como brinquedo de banho (de plástico, com histórias curtas e simples).
- Ler poemas.
- Dispor livros em diversos ambientes da casa.
- Ensinar os pequenos a manipular e a cuidar dos livros, mas compreender que algumas vezes poderão ser danificados. Quando isso acontecer, é possível fazer consertos e reparos na presença deles.
- Prestar atenção nas preferências e nas reações de bebês e crianças pequenas – por exemplo, a vontade de repetir a mesma história, apontando um livro com o dedinho, ou abrindo o livro sempre na mesma página.

6. MEDIAÇÃO DE LEITURA COM ADOLESCENTES

Propor mediação de leitura para adolescentes é um desafio! Frases como “eles não se interessam pelos livros” ou “nem adianta oferecer uma leitura para eles” são muito comuns quando conversamos com adultos que lidam cotidianamente com os jovens. E, de fato, muitas vezes quando o assunto é a leitura, em especial para adolescentes com dificuldades de aprendizagem, podem surgir reações negativas e olhares de reprovação.

Alguns adultos ficam apenas com essa primeira reação – que, por vezes, não é fácil contornar – e concluem que é “impossível fazer mediação de leitura com adolescentes!”, desistindo de tentar novamente. Outros aceitam encarar o desafio e aventuram-se na desconstrução dessa situação ou, ao menos, se propõem a tentar compreendê-la.

Adultos e adolescentes lidam de maneira diferente com o acesso ao conhecimento e a informações. Esta importante diferença entre gerações deve ser levada em consideração quando se propõe uma mediação de leitura. O desinteresse do



jovem pelo livro físico não significa que ele não se interesse por outros dispositivos de leitura.

Ao propor uma mediação de leitura, vale disponibilizar títulos bastante variados, incluindo os que em princípio são considerados para bebês e crianças pequenas, interativos e cheios de ilustrações. Os adolescentes podem surpreender com as escolhas de livros. Além dos títulos infantis, é essencial oferecer os que abordam temas mais próximos do universo deles, como sexualidade, bem como títulos com projeto gráfico e formato mais adulto.

Parte do desafio de propor mediação de leitura para adolescentes provém das características inerentes a essa fase da vida, quando meninos e meninas nem sempre aceitam com facilidade as propostas feitas pelos adultos. Eles se opõem, mostram que têm personalidade, que sabem o que é bom para eles e que não são mais crianças. Por isso, pode ser interessante incluir na mediação outros tipos de livros, como biografias de personalidades, poemas, guias culturais ou de profissões, que estimulam conversas interessantes, por exemplo sobre a apropriação da cidade, a autonomia pessoal ou inspirações para projetos futuros. Matérias de jornal, revistas, entrevistas, letras de música, histórias em quadrinhos e mangás podem deixar alguns adolescentes mais motivados e ser uma porta de entrada para o universo da leitura.

O livro *Solta a voz, Rafael*²⁰, escrito por um adolescente acolhido, com sua narrativa um tanto confusa (do ponto de vista do adulto), misturando o tempo passado com o presente, letras de música e poesia, é um exemplo de título que, em virtude de sua forma e conteúdo dinâmico, gera bastante interesse nos adolescentes acolhidos.

²⁰ Escrito por Rafael Thiago dos Santos e Mahyra Costivelli. Pode ser encontrado online em: https://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/56bcc47f7da24f-4faa268208/1455211673414/solta_a_voz_rafael.pdf

Por fim, oferecer ao adolescente um lugar de importância e destaque pode ser também um caminho. Convidá-los para assumirem o papel de mediadores para crianças menores, por exemplo, é uma oportunidade de valorizá-los e, ao mesmo tempo, promover um contato lúdico e prazeroso com os livros.

7. PARA GOSTAR DE LER: CARDÁPIO DE BRINCADEIRAS COM OS LIVROS

Brincar com o acervo é uma forma de propiciar o contato prazeroso da criança e do adolescente com o livro, incentivando que se aproximem da biblioteca aos poucos e possam ir se apropriando dos livros de forma lúdica. A seguir, sugerimos algumas brincadeiras que podem ser utilizadas com outras crianças e adolescentes do serviço, antes ou depois do encontro individual. Algumas atividades podem também ser adaptadas ao contexto individual. A partir dos exemplos, certamente você se lembrará de outras brincadeiras. Use a criatividade para adaptá-las aos livros e ouse brincar!

IMAGEM E AÇÃO DE LIVROS

Material necessário: lápis, papel, cronometro e acervo de livros.

Sugestão de como brincar: divida o grupo em duas equipes. Uma equipe deve sortear ou escolher um livro do acervo. O time adversário escolhe um representante, que terá um minuto para desenhar para seu time o título daquele livro. É proibido falar, escrever letras e números, fazer gestos ou mímicas. Os únicos instrumentos que o jogador terá a disposição são um lápis e um papel para desenhar.



MÍMICA

Material necessário: cronometro e acervo de livros.

Sugestão de como brincar: divida o grupo em duas equipes. Uma equipe deve sortear ou escolher um livro do acervo. O time adversário escolhe um representante, que terá um minuto para, através de mímicas, levar seu time a descobrir o título daquele livro. É proibido falar ou escrever. É preciso fazer gestos ou mímicas.

ESCONDE-ESCONDE DE LIVROS

Material: acervo de livros.

Sugestão de como brincar: cada criança pega seu livro preferido e entrega ao adulto. Os livros são escondidos e cada um deve achar o seu. No final, é feita a leitura do livro achado primeiro. Variação da brincadeira: divida o grupo em duas equipes; cada uma esconde os livros escolhidos pela equipe “adversária”.

MEMÓRIA

Material: acervo de livros

Sugestão de como brincar: após ler um livro ao grupo, peça que cada um, sem dizer em voz alta, lembre de uma palavra que veio à cabeça durante a leitura (não tem palavra certa ou errada!). Um de cada vez irá contar ao grupo sua palavra, mas antes disso deve repetir em ordem as palavras ditas anteriormente pelos colegas. O primeiro participante apenas conta sua palavra. O segundo repete a palavra do primeiro e acrescenta uma palavra. O terceiro repete a do primeiro e a do segundo e diz a sua. Assim por diante. O último irá repetir todas as palavras e, finalmente, contar a sua.

VAMOS ACHAR UM LIVRO QUE...

Material: acervo de livros

Sugestão de como brincar: espalhe todos os livros do acervo sobre um tapete. As crianças devem circular pela sala e, ao comando “vamos achar um livro que...”, devem procurar um livro que corresponda ao pedido. Os comandos podem ser variados, como, por exemplo: “vamos achar um livro que fale de amizade”, “vamos achar um livro que se chama História de Pedro”, “vamos achar um livro em que o monstro come o menino”, “vamos achar um livro que tem uma bruxa como personagem”... É importante conhecer bem o acervo para criar os comandos.

QUE LIVRO SUMIU?

Material: acervo de livros

Sugestão de como brincar: coloque dez livros enfileirados na frente do grupo de crianças e adolescentes e peça para que prestem atenção na seleção. Depois, todos se viram de costas, enquanto um dos livros é retirado. Ao se virarem novamente, as crianças e os adolescentes precisam descobrir qual livro sumiu. Pode-se repetir por três ou quatro vezes.



CAÇA AO TESOURO

Material: acervo de livros, pistas

Sugestão de como brincar: escolha de cinco a dez livros e crie pistas correspondentes a cada um deles. Numere as pistas. Lembre-se de guardar a primeira, que será entregue às crianças e aos adolescentes no início do jogo, e grude as restantes nas primeiras páginas dos livros, de modo que cada pista leve ao livro seguinte. Os livros já devem ser conhecidos pelas crianças, para que possam decifrar as pistas. Somente o último livro, o “tesouro”, é ainda desconhecido. Trata-se de uma maneira bastante lúdica de introduzir novos livros.

ÁLBUM: REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

Vem ver!

Quando cheguei ao abrigo, ouvi: "Você quer saber a minha história? Está registrada aqui!". Para todos que chegam – profissionais, voluntários, visitas –, a primeira coisa à qual elas se referem é o Fazendo Minha História: "Tia, vem cá ver o meu álbum!". Parece que falam: "Venha me conhecer!".

Anatália Palmeira Mota dos Santos,
Educatora, Casa Semeia

1. PRINCÍPIOS

O Fazendo Minha História faz um importante convite para cada criança ou adolescente: contar e registrar sua história em um grande álbum, a fim de que suas experiências não se percam. Com o apoio do colaborador, a criança ou adolescente é incentivada a falar e documentar da própria maneira seu presente, passado e futuro desejado.

Esse álbum garante a permanência de lembranças e a sensação de continuidade do fio da vida. Desempenha o papel de um adulto que conta e reconta histórias de infância e da adolescência. É um instrumento para a criança ou adolescente se apropriar de sua história, se apresentar e contar sobre si. No futuro, permitirá ao adulto se lembrar das passagens da infância e da adolescência e das pessoas que fizeram parte da sua vida.

O colaborador facilitará o processo de valorização e construção do registro da história de vida. Cada colaborador e cada criança ou adolescente são únicos, construirão uma relação singular, e o resultado disso varia de uma situação para outra. Não por acaso, o álbum do Fazendo Minha História é entregue totalmente em branco, sem formulários a serem preenchidos, muito menos receitas a serem seguidas. Mantendo o propósito do projeto, a elaboração do álbum respeitará o ritmo, as necessidades e os desejos de cada criança ou adolescente.

De modo geral, vale começar conversando e registrando aquilo que faz parte da vida presente: os atuais amigos, os adultos que cuidam deles hoje, a escola, os hobbies, os ídolos, a rotina, as brincadeiras favoritas... Tudo isso é história! Não é necessário ter pressa para começar a falar sobre temas mais delicados, como a família e o motivo do acolhimento; tudo tem seu tempo!

Apesar de pertencer à criança ou adolescente, o álbum é sempre construído numa coautoria com o colaborador. Cabe a ele, adulto comprometido com os objetivos

do projeto, zelar pela qualidade e pelo propósito dos registros, garantindo a diversidade de componentes e conteúdos e estimulando o capricho no acabamento e na estética, sem perder de vista a necessidade de que a criança ou adolescente se veja no próprio álbum, se identifique e se reconheça nele. Cabe também ao colaborador respeitar o ritmo e a escolha das crianças e dos adolescentes. Pode acontecer, por exemplo, de uma criança falar algo sobre sua história, mas não querer registrar. Em relação ao que meninos e meninas decidem escrever no álbum, o colaborador ajuda a contextualizar, enriquecer com o máximo de informações e garantir que o texto esteja legível. Muitas vezes, o álbum será a única fonte de informações que essas crianças e adolescentes terão sobre o período de acolhimento. Por isso, nunca se deve perder de vista a pergunta: a criança ou o adolescente entenderá esta página quando a olhar novamente daqui a alguns anos?

Durante o trabalho, o colaborador deve construir uma relação com a equipe do serviço de acolhimento, que passa a ser uma importante interlocutora sobre as histórias das crianças e dos adolescentes acolhidos. Muitas vezes, os pequenos não saberão contar como foi o final de semana ou descrever suas características, e os profissionais do serviço serão importantes referências para que essas informações apareçam no álbum.

Até mesmo as crianças mais velhas e os adolescentes podem ter dúvidas a respeito de sua história de vida e de seu processo, e o colaborador pode auxiliá-los na busca por essas respostas, em parceria com os profissionais do serviço de acolhimento. É direito da criança e do adolescente ter conhecimento sobre seu processo, e eles precisam saber disso. Precisam também saber a quem recorrer se tiverem alguma dúvida. As trocas entre o colaborador e a equipe do serviço são essenciais também para que possam compreender melhor os comportamentos e as relações que se estabelecem entre crianças, adolescentes e colaboradores. A reunião de supervisão é um momento privilegiado para isso.

Presente valioso

A Fernandinha chegou ao abrigo com meses. Todo mundo tinha paixão por ela ser o bebezinho da casa e sofremos quando foi embora. Mas a pessoa que a adotou era muito legal. Então, ela [a mãe por adoção] foi ao serviço para a festa de despedida e, quando recebeu o álbum, se emocionou. As crianças viram a sua felicidade e, enquanto ela ia folheando as páginas, mostravam: “Olha, esse aqui sou eu”.

Beatriz Carneiro

Colaboradora no Minha Casa



2. MONTAGEM DO ÁLBUM

O álbum não precisa ter ordem cronológica. Pelo contrário, é comum iniciá-lo pelo presente e, somente quando o vínculo se fortalece, temas do passado e desejos para o futuro começam a aparecer. Fazer uma página que apresente o autor deste álbum, ou seja a criança ou adolescente, é um ótimo começo!

Crianças e adolescentes devem ser ativos na construção do álbum. Eles participam escrevendo ou dizendo o que deve ser escrito (suas palavras devem ser respeitadas), escolhendo os títulos e as cores usadas, definindo espacialmente como será a página (onde ficará o título, texto, desenho foto etc.).

A construção das páginas deve respeitar tanto o ritmo quanto os desejos e limites do autor em relação aos temas que serão abordados. Ao mesmo tempo, um álbum completo, com registro de experiências e relações variadas, permite que lembranças não se percam e sejam compartilhadas, no presente e no futuro. Para alcançar esse equilíbrio, os colaboradores podem pedir auxílio para os técnicos do serviço de acolhimento.

O colaborador deve estar disposto e aberto para escutar e registrar a história da criança ou adolescente da forma como ela for, incluindo seus aspectos positivos e doloridos. Com cuidado, refletindo sobre o quê, para quê e como registrar, pode-se encontrar um modo respeitoso e cuidadoso de registrar fatos doloridos. Páginas mais delicadas, como o motivo do acolhimento, devem ser elaboradas com suporte dos técnicos do serviço de acolhimento, que podem contribuir para uma escrita sensível, cuidadosa e verdadeira.

O álbum é elaborado sobretudo pela criança ou adolescente e seu colaborador. Mas outras pessoas devem ser convidadas a participar, como educadores, amigos e familiares. Quanto maior o número de olhares e referências sobre a história de

vida da criança ou do adolescente, melhor! Nesses casos, é sempre importante citar a fonte da informação registrada no álbum (por exemplo: “a tia Maria disse que o Antônio adora tomar suco de goiaba!”).

3. ESTÉTICA E ORGANIZAÇÃO DO ÁLBUM

O capricho na caligrafia, cores, desenhos e acabamento das molduras de uma foto ou colagem reafirma para a criança ou adolescente a importância do álbum e, principalmente, de sua história. Nesse sentido, alguns detalhes são essenciais:

Diversidade de material gráfico – É recomendado que cada colaborador tenha um kit básico de materiais. Esse kit, composto por canetinhas hidrocor, conjunto de lápis de cor, cola, tesoura, régua e papéis coloridos, pode ser montado pelo próprio colaborador ou pelo serviço de acolhimento.

Texto escrito em todas as páginas e de forma legível – Por ser um álbum de histórias, o conteúdo escrito é a parte mais valiosa e deve ser amplamente explorado em todas as páginas! Quanto mais trechos escritos, mais completos e ricos ficarão os registros. Para a criança entender (hoje e no futuro) o que está escrito no álbum, é fundamental que o conteúdo seja legível. Por isso, é preferível utilizar letra de forma e usar canetas ou canetinhas hidrográficas, pois o lápis se apaga com o tempo. Quando a criança está sendo alfabetizada e quer “escrever” no próprio álbum, o colaborador pode “traduzir” o conteúdo ao lado. O mais importante é que a criança e o adolescente se expressem e se apropriem de seu álbum, por isso não precisamos nos preocupar com erros ortográficos, e sim com a possibilidade de compreensão do conteúdo.

Utilização de várias fontes de informação – Nem sempre as crianças lembram com detalhes ou conseguem narrar os momentos que viveram, sobretudo as pequenas. Por esse motivo, é preciso buscar ajuda de profissionais da casa, irmãos e outras crianças e adolescentes para escrever histórias detalhadas, deixando claro



no registro quem forneceu aquela informação (por exemplo: “a psicóloga Luísa contou que a Carolina fica muito chateada quando a visita termina e sua mãe vai embora”). Passear pelo serviço de acolhimento junto com a criança para coletar relatos é uma atividade prazerosa – afinal, é gostoso ouvir pessoas contarem histórias sobre nós – e enriquecedora, pois oferece modelos e recursos para que a criança aprenda a falar mais sobre si.

Inclusão de legenda em todas as fotos, desenhos e colagens – As legendas são fundamentais para que, no futuro, a criança ou adolescente possa conhecer detalhes da história guardada numa determinada imagem. Por isso, as fotos devem vir acompanhadas de relatos escritos sobre quem está nela, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do “clique”. Quando a própria criança ou adolescente não sabe dizer muito sobre uma foto, o colaborador pode pedir mais informações para os profissionais do serviço. Se possível, é recomendável colocar a data ou ao menos a época da fotografia. Em relação a desenhos e colagens, vale estimular a criança a contar uma história sobre a imagem criada e escrevê-la ao lado, uma vez que pode ser uma forma de falar sobre si mesma, de seus sentimentos, experiências e desejos. A legenda pode conter, ainda, informações sobre o que motivou a produção daquele desenho ou colagem (ex: “Após a leitura do livro Vira-Lata, Joaquim contou que já teve um cachorro chamado Fubá e quis desenhar esse companheiro tão querido”).

Inserção de títulos e datas em todas as páginas – Títulos e datas organizam o álbum e o relato da criança ou adolescente. Portanto, não podem faltar em nenhuma página. No futuro, serão dados muito importantes para que a criança saiba quando viveu, pensou ou sentiu aquilo que está relatado no álbum. Para deixar o álbum organizado, uma mesma página não deve misturar mais de um tema. Por outro lado, um único tema muito relevante pode ocupar mais de uma página com diversas informações e fotos!

Páginas que sejam bonitas, coloridas, enfeitadas e criativas – Páginas bonitas transmitem à criança ou adolescente a sensação de que aquela história registrada ali tem muito valor. É importante lembrar que a estética do álbum deve respeitar o gosto e as características de seu autor. Investir em cores, colagens, adesivos, molduras nas fotos são maneiras de enfeitar as páginas.

4. CONTEÚDO DO ÁLBUM

Não há um roteiro fixo a ser seguido para a elaboração do álbum. O melhor é utilizar os assuntos que vão surgindo espontaneamente na interação com a criança ou com o adolescente. Porém, depois de alguns meses de trabalho, vale a pena ir observando se a riqueza daquela história está sendo devidamente registrada. Nesse sentido, caso ainda não tenham aparecido, alguns conteúdos podem ser estimulados. A ideia é que a maior parte dos conteúdos listados a seguir, após o período de trabalho, tenha sido abordada e esteja registrada.

Sobre a criança ou adolescente

- Nome completo
- Data de nascimento
- Local de nascimento
- Características étnico-raciais (origens familiares e culturais)
- Outras características físicas, semelhanças e diferenças em relação a outros integrantes da família
- Características de personalidade (habilidades, fragilidades)
- Sentimentos (em que momentos se sente alegre, feliz, triste, com medo, irritado, mal-humorado, com saudades)
- Histórico de saúde (informações sobre doenças, tratamentos e cuidados necessários ou remédios de uso contínuo, assim como pensamentos e sentimentos a respeito sobre a própria condição)



- Fórum no qual está seu processo e número do processo
- Fotos atuais e antigas
- Gostos e preferências (brincadeiras, comidas, músicas, filmes, sites, passatempos, personagens, bandas, ídolos)
- Religião que a própria criança, adolescente e/ou sua família praticam e por qual motivo, assim como a origem e a história dessa religião
- Linha do tempo com os momentos marcantes de sua vida, desde o nascimento até a data atual

Sobre a família e outras referências de afeto

- Nome, fotos e características de pais, irmãos e outros familiares, além de momentos marcantes vividos com eles
- Relação entre os irmãos (quem são, onde estão, o que fazem juntos)
- Árvore genealógica
- Nome, fotos e características de outras pessoas significativas (vizinhos, padrinhos, amigos do passado e do presente), além de momentos marcantes vividos com eles
- Características da casa e bairro onde morava
- De quem sente saudade

Sobre o serviço de acolhimento

- Nome, telefone e endereço
- Fotos dos lugares preferidos no serviço de acolhimento
- Comunidade em torno do serviço de acolhimento (como é o bairro, que lugares frequenta, o que faz perto do serviço)
- Nome, fotos e características de educadores e outros profissionais (e/ou família acolhedora), além de momentos marcantes vividos com eles
- Relatos e depoimentos dos educadores e outros profissionais (e/ou família acolhedora)

- Nome, fotos e características de outras crianças e adolescentes que estão no serviço de acolhimento, além de momentos marcantes vividos com elas
- Relatos e depoimentos de outras crianças e adolescentes que estão no serviço de acolhimento
- Fotos e relatos sobre as visitas familiares
- Fotos e relatos de momentos comemorativos (festas, Natal, aniversários, Dia das Crianças etc.)
- Fotos e relatos de atividades desenvolvidas na casa
- Fotos e relatos de passeios externos
- Fotos e relatos mostrando a rotina na casa

Sobre a escola

- Nome, endereço e telefone
- Nome, fotos e relatos de professores
- Nome, fotos e características de amigos da escola, além de momentos marcantes vividos com eles
- Matérias preferidas
- Relatos sobre atividades desenvolvidas na escola
- Sensações e experiências marcantes ligadas à escola
- Fotos e relatos sobre eventos (passeios, festas etc.)

Sobre o projeto Fazendo Minha História

- Nome, fotos, características, momentos marcantes vividos com colaborador do Fazendo Minha História
- Contrato assinado entre a criança ou adolescente e o colaborador
- O que é o Fazendo Minha História (informações que contextualizem a produção do álbum)

A tiracolo

Quando vamos fazer uma visita para a família, levo a câmera para registrar também esse momento. Não só a vida da criança dentro do abrigo, mas também lá fora, com a família e nos passeios.

Maria das Graças F. d'Almeida
Mãe social, Lar 4 da Associação Maria Helen Drexel

Sobre o passado

- Motivo de acolhimento
- Data de chegada no serviço de acolhimento, sensações e percepções desse momento
- Fotos e informações sobre os anos anteriores ao acolhimento
- Fotos e informações sobre os primeiros anos de vida (quando começou a andar, falar etc.)
- Momentos marcantes da vida dos pais e avós
- Trajetória por outros serviços de acolhimento, caso isso tenha ocorrido

Sobre o futuro

- Sonhos e projetos: como imagina que será sua vida daqui a alguns anos; quando se tornar adulto, com quem imagina que estará morando, como será sua casa, que profissões gostaria de exercer, o que gostaria de fazer etc.
- Perspectiva de desligamento do serviço de acolhimento (voltar a morar com a família, maioridade, adoção)
- Despedida (quando se encerra a participação no projeto ou se desliga do serviço de acolhimento)

5. ILUSTRANDO HISTÓRIAS

Fotos, desenhos, colagens, objetos e os mais diversos documentos são ótimos recursos para ilustrar e narrar a história de vida das crianças e dos adolescentes. Quanto maior a diversidade de elementos, melhor! Como já foi dito, todas as imagens devem sempre ser acompanhadas de legendas, pois, sem elas, muitas informações serão perdidas com o passar do tempo. No caso das fotos, é imprescindível escrever a data, o local, o acontecimento que foi retratado e o nome das pessoas que ali aparecem. No entanto, tão importante quanto as informações mais objetivas é a

história que está guardada naquela foto, que merece ser contada. Muitas vezes, uma imagem é escolhida pelo jeito como foi tirada, pelo momento que representa ou por seu significado.

Nem todas as fotografias, desenhos ou outras produções devem ir para o álbum. Na verdade, a seleção do conteúdo é um ponto-chave do trabalho. O participante vai aprendendo a escolher, a decidir o que quer ou não guardar e a pensar em reservar espaço para novas imagens. Normalmente, as crianças e os adolescentes costumam ter consigo poucas fotos sobre suas vivências passadas. Por isso, quando é possível, é importante convidar os familiares para reunir fotos antigas dos parentes e da casa de origem para que elas passem a fazer parte do acervo daquela criança ou adolescente e sejam coladas no álbum.

Muitas vezes, a própria equipe do serviço de acolhimento fotografa as festas, os encontros e o dia a dia das crianças e adolescentes. Nesses casos, pode-se verificar se é possível imprimir cópias para compor o álbum com esses momentos significativos. Além das ocasiões marcantes, as cenas corriqueiras do dia a dia também merecem um belo registro, a fim de mostrar, no futuro, como eram as brincadeiras, a hora do almoço, o momento do estudo e o ambiente do quarto. Nessa tarefa de fotografar, os profissionais da casa têm um papel essencial, pois muitas vezes apenas eles “flagram” certos momentos.

É importante ressaltar o cuidado necessário em relação ao uso das fotografias feitas durante o trabalho, pois elas pertencem à criança ou ao adolescente e têm como destinação exclusiva o registro no álbum, não podendo ser usadas com nenhuma outra finalidade por parte do colaborador, como a divulgação em mídias sociais. As crianças e os adolescentes têm direito a terem suas identidades preservadas.



Autorretrato

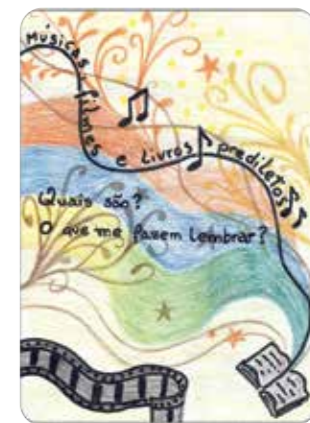
Fiz uma atividade de autorretrato muito legal. Usamos duas folhas de papel [sulfite] e um papel-carbono e desenhamos com um lápis sem ponta. Era um desenho mágico: eles se olhavam no espelho e desenhavam. O Felipe fez muitas caretas engraçadas e depois se desenhou como se fizesse várias caricaturas. Como tinha o carbono, saíram várias cópias do desenho que ele fez dele mesmo.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História no ABCD Nossa Casa

6. FICHAS – INSPIRAÇÕES PARA PÁGINAS NOS ÁLBUNS


As fichas²¹ a seguir funcionam como referência para a construção dos álbuns. Os desenhos e temas de cada ficha são apenas inspirações e não devem ser copiados, pois páginas padronizadas perdem a riqueza e desconsideram a singularidade de cada criança ou adolescente. Esse é um material de apoio e de consulta para os adultos que se envolvem no projeto e não precisa ser apresentado às crianças, que às vezes ficam tentadas a copiar.



²¹ Essas fichas podem também ser encontradas em <https://www.fazendohistoria.org.br/paginas-do-album>



MEUS AMORES

- Eu amo a/o...
- Eu já amei a/o...
- A nossa história começou assim...
- Hoje em dia, nós...
- O que mais gosto quando estamos juntos é...
- E tem mais...



MINHAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS

- Quais são?
- Como são?
- Onde brinco?
- Com quem brinco?
- Quando era menor, eu gostava de brincar de...
- Com...
- Sabe o que mais?

ACONTECIMENTOS

- Meu primeiro passeio
- Meu primeiro banho
- Meu primeiro sorriso
- Minha primeira mamadeira
- Comecei a andar chapeleta...
- Comecei a engatinhar...
- Com...
- Meu primeiro passinho
- Meu primeiro dentinho
- Meu primeiro corte de cabelo
- Minhas primeiras palavras
- Meu primeiro aniversário

As 5 coisas que eu menos gosto





GRAVIDEZ



- Quando descobri que estava grávida?
- Como foi?
- Como foram os primeiros meses?
- Quando descobri se era menino ou menina?
- Como foi a escolha do nome?
- Como, onde e quando foi o parto?

Fazendo a minha História

- Para quem servem os encontros?
- Quem é a colaboradora?
- Data dos encontros:
- Horário dos encontros:

Meu carrinho

- Meu berço é...
- Durmo no quarto com...
- Meus brinquedos preferidos são...
- Minha brincadeira preferida é...
- Antes de dormir gosto de...



Quando cheguei no abrigo

data:

O que eu mais gostei?

O que eu estranhei?

Quem me ajudou?

Sabe o que mais? (muitas coisas cheguei...)

Minha família

- ♥ Nome das pessoas?
- ♥ Características das pessoas?
- ♥ O que eu penso sobre minha família?

Árvore genealógica




Quem sou...

Nome:
Sexo:
Nome mãe:
Nome pai:
Onde eu nasci:
Data nascimento:
Cor do cabelo:
Cor dos olhos:
Marca preferência:
Peso:
Altura:




Irmãos



Nome e idade?
Características?
onde estão?

Carteira de Identidade



Eu me chamo:
Gosto de ser chamado de:
O que eu mais gosto em mim:
Meu endereço é:
Detesto quando alguém:
Mas adora quando alguém:
Minha cor preferida é:
O animal que eu mais gosto é:
Gosto de brincar de:
Sabe o que mais?

TENHO MEDO DE...



Sentimentos

Eu fico alegre quando...

Eu fico triste quando...

Eu fico bravo quando...

Eu fico com medo quando...

MEU TIME DE FUTEBOL:

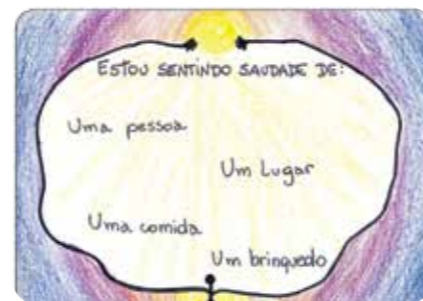
PARA QUEM EU TOCA:

PREFIRO MEU TIME PARA ESTE TIME:

MEU JOGADOR PREFERIDO:

O QUE MAIS GOSTO DO FUTEBOL:





7. ÁLBUNS DE BEBÊS

A história de um bebê é preciosa e não estará registrada em sua memória consciente, já que são raras as lembranças que temos dessa etapa da vida. A elaboração do álbum é um presente para o bebê, que terá registrados momentos importantes de sua vida, podendo ter acesso a eles sempre que quiser saber mais sobre sua infância. A proposta é registrar todas as informações que alguns pais costumam colocar no álbum de seus filhos pequenos: evolução de peso e tamanho, cor do cabelo e dos olhos, o brinquedo favorito, a comida preferida, a cor que mais chama sua atenção etc. As informações sobre seu desenvolvimento e como ele ou ela interage com o mundo a seu redor também são muito significativas. O colaborador deve registrar as reações, descobertas e características observadas no bebê durante os encontros. Tirar fotos mês a mês e acrescentar legendas é uma ótima maneira de documentar esse período de vida da criança.

Cada bebê é único, e precisamos garantir o registro detalhado de seu jeito de ser e suas particularidades. Para o sucesso do trabalho, é fundamental que o colaborador estabeleça uma relação próxima e saudável com os profissionais da casa. São eles que cuidam do bebê no dia a dia, passam a maior parte do tempo com ele e testemunham seu desenvolvimento, seu sono, sua alimentação, suas conquistas. Pode-se criar o hábito de perguntar como o bebê passou a semana, se alguma coisa diferente aconteceu e, sempre que algo for significativo, registrar!

É importante dedicar um espaço especial no álbum para os profissionais que cuidam diretamente do bebê, pois são figuras de referência para ele durante o período de acolhimento. Uma sugestão é, de tempos em tempos, convidar cada um para participar de um encontro, ver o álbum, tirar fotos com o bebê e escrever um depoimento para ele. Isso possibilitará que, no futuro, a criança saiba quem cuidou dela nessa fase.

Há ainda outras formas de incluir os profissionais da casa no processo de elaboração dos álbuns:

- tirar fotografias do bebê em diversos momentos e situações;
- escrever depoimentos com as impressões, reflexões, apostas e sonhos para ele;
- registrar constantemente sua rotina e pequenas conquistas;
- buscar e compartilhar informações sobre a história do bebê.

O colaborador deve planejar bem em que momento fará os registros no álbum. Isso pode ocorrer no próprio serviço de acolhimento, reservando parte do tempo do encontro, ou em casa, em folhas avulsas que depois serão coladas no álbum. Eventualmente o colaborador pode levar o álbum para sua casa, para fazê-lo com mais tempo e capricho, mas apenas em caráter de exceção, pois o álbum deve permanecer na casa.

O bebê também pode e deve participar da construção de seu álbum, da maneira que for possível. Sugerimos que o colaborador, desde o início, apresente o álbum para o bebê, conte o que será feito e, semanalmente, mostre e leia as páginas para ele. Além disso, é muito bacana que o álbum tenha a “cara” desse bebê, com registros feitos por ele: carimbos das mãos e dos pés com tinta ou desenhos com giz do contorno do corpo.

A linguagem utilizada para escrever no álbum do bebê é sempre em terceira pessoa, não em primeira. Nenhum adulto pode afirmar algo pelo bebê. Na verdade, cada adulto cria hipóteses que dão sentido aos comportamentos do bebê, mas não há certeza absoluta, já que ele não pode nos contar diretamente o que está pensando ou sentindo. Além disso, pode ser confuso para esse bebê, quando for maior, ler um relato escrito em primeira pessoa, como se ele tivesse escrito aquilo: “Fui eu quem disse isso? Mas eu era tão pequeno nessa época! Quem escreveu isso?”. Um bom jeito de escrever é usar expressões como “parece que”, “eu tenho a impressão de que” e contar, sempre que possível, quem escreveu ou disse aquilo.



Por fim, não podemos esquecer que os bebês têm uma história anterior ao acolhimento e uma família. Por ainda não falarem e não formularem perguntas sobre a própria história, não temos acesso àquilo que eles gostariam de saber a respeito de si mesmos, mas sabemos que garantir registros cuidadosos sobre a história de sua família é fundamental para seu desenvolvimento, além de ser um direito garantido pelo ECA.

Para fazer isso, o colaborador precisa conhecer a história do bebê perguntando à equipe de profissionais da casa. Por que ele foi acolhido? Onde estão seus pais? Como foi sua chegada no serviço? Quem são seus irmãos e familiares? Quais os planos para ele? Vale frisar que essas perguntas não são feitas no intuito de responder às curiosidades do colaborador, mas para fazer um registro o mais completo possível, capaz de garantir àquela criança o direito de acesso à sua história.

Além desses, outros dados relevantes sobre seu passado devem ter lugar no álbum, pois podem “sumir” de sua vida quando o bebê voltar para a sua família de origem ou for adotado. Esse registro exige muito cuidado e reflexão, no sentido de entender o que é importante registrar, quais palavras devem ser usadas, de que forma e para quê registrar. A cada nova idade, conforme começam a se expressar verbalmente, as crianças demonstram um nível de compreensão diverso. É importante que o colaborador acompanhe esse ritmo, utilizando uma linguagem adequada à faixa etária. A técnica do Fazendo Minha História ou a dupla gestora do projeto na casa podem orientar nesse sentido.

TEMAS ESPECÍFICOS PARA ÁLBUNS DE BEBÊS

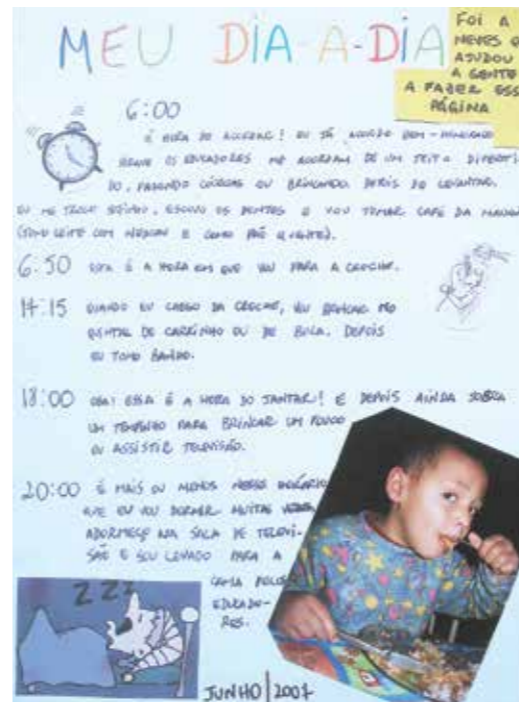
Além dos temas sugeridos anteriormente no capítulo “Conteúdo do álbum”, os álbuns dos bebês podem conter as seguintes histórias e informações:

Gravidez (dados a serem conversados com a mãe, quando possível, ou com outros adultos)

- Quando descobriu que estava grávida? Como foi?
- Como foi quando descobriu o sexo do bebê?
- Como foi a escolha do nome?
- Como, onde e quando foi o parto?

Desenvolvimento e crescimento

- Medidas do bebê mês a mês (podem ser representadas no álbum por um barbante).
- Pequenos acontecimentos: sorriu involuntariamente, chupou o dedo, segurou um dedo que lhe foi oferecido, olhou algo atentamente, aceitou a chupeta, riu pela primeira vez, levantou a cabeça quando de bruços, se virou em direção a alguém que falou com ele, ouviu atentamente uma canção, fixou o olhar num brinquedo, descobriu como é bom tomar banho, se machucou, dançou, estendeu a mão para pegar algo, respondeu a um sorriso.
- Grandes acontecimentos: comeu a primeira fruta, virou-se sozinho na cama, comeu a primeira papinha, sustentou-se de pé com a ajuda de alguém, arrastou-se pelo chão, sentou-se sozinho, engatinhou, reconheceu os adultos que cuidam dele, estranhou alguém, brincou com um brinquedo, observou-se no espelho, demonstrou interesse por outra criança, segurou a mamadeira, bateu palminhas, ficou de pé segurando-se em algo.
- Primeiros passos: quando deu os primeiros passos sozinho e como reagiu.
- O primeiro dentinho.



- Primeiros sons, primeiras palavras e primeiras frases; palavras e frases engraçadas.
- Objetos e brinquedos que confortam.
- Informações de saúde: idas ao pediatra, histórico de doenças, cuidados necessários.

Primeiras vezes

- Como foi o primeiro banho ou o primeiro banho na casa: quem deu esse banho, como o bebê reagiu.
- O primeiro Natal na casa: como foi, quem estava junto, se gostou ou não.
- Primeiro corte de cabelo (uma mecha de cabelo pode ser guardada dentro de um envelope colado ao álbum).
- O primeiro aniversário: quem comemorou junto, quem compareceu, como foi a comemoração, que presentes ganhou.
- O primeiro passeio: quem estava junto, para onde foi, como estava o dia, como foi a reação.
- As primeiras travessuras.

8. ÁLBUNS DE ADOLESCENTES

Um adolescente acolhido deve receber uma atenção muito especial, sobretudo quando há poucas possibilidades de ser reintegrado à família de origem ou adotado. Nesse contexto, os adultos deverão investir ainda mais num trabalho conjunto com o adolescente, visando o fortalecimento dos vínculos comunitários, a qualificação profissional e a construção de um projeto de vida. O papel do adulto será apoiar, incentivar e fazer junto, permitindo sempre que o adolescente exercite seu protagonismo e respeitando suas escolhas, que nem sempre serão as mesmas do adulto.

Ao estabelecer um vínculo seguro e confiável com o adolescente, o colaborador lhe oferece uma oportunidade valiosa de expressão de suas dúvidas e conflitos, de exercício da oposição e de interlocução sobre seus projetos pessoais. Como representante da comunidade, o colaborador também permite ao adolescente experimentar novos modos de se comportar, de se relacionar e de compreender o mundo. Além disso, o colaborador poderá se tornar uma importante referência, ao compartilhar experiências profissionais e pessoais que contribuam para o adolescente refletir, fazer escolhas e compreender as consequências de suas atitudes. Vale ressaltar que a decisão de compartilhar determinadas vivências com o adolescente deve estar acompanhada de muita reflexão, pois o colaborador não deve ter a expectativa de ser um “exemplo de superação” a ser seguido e imitado. O objetivo dessa troca deve ser criar um espaço de cumplicidade que fortaleça o vínculo com o adolescente e contribua com o desenvolvimento de sua autonomia, ou seja, sua capacidade de fazer escolhas próprias, responsabilizando-se pelas consequências disso.

Os encontros do Fazendo Minha História são momentos privilegiados de intimidade e individualidade para entrar em contato e compreender a própria história de forma mais madura e aprofundada. Refletir sobre os acontecimentos que levaram o adolescente até ali e os sentimentos que essa trajetória suscita são a base para a construção de planos futuros. Somente com informações verdadeiras sobre seu passado e suas reais perspectivas familiares o adolescente conseguirá formar opiniões próprias e projetos viáveis.

A cada encontro o adolescente vai dando dicas ao colaborador sobre o que é interessante trabalhar. O planejamento do adulto deve levar em consideração suas necessidades implícitas e explícitas. Projeto de vida, sonhos, relações afetivas, sexualidade, violências oriundas do racismo e da desigualdade de gênero, preconceitos ligados ao fato de morar em um serviço de acolhimento e a angústia com a perspectiva de ser desligado do serviço ao completar 18 anos são temas

Carolina é uma menina de 16 anos com quem tenho o privilégio de fazer história. Em nossos encontros, Carol sempre se posicionou a favor do feminismo e da luta das mulheres. Como forma de enriquecer nossos encontros e proporcionar uma leitura que dialogasse com seus interesses, começamos a leitura do livro Lute como uma garota, das autoras Laura Barcella e Fernanda Lopes, que retrata a história de 60 mulheres que mudaram o mundo. O livro conta, de forma resumida, a biografia de cada mulher, seus feitos, além de trazer curiosidades e frases famosas ditas por elas. Em um determinado momento, ela disse: “Eu gostaria de postar essa frase com uma foto minha bem descabelada para mostrar quem eu sou”. Nesse momento, eu disse: “Nós não vamos postar nada na internet, mas vamos tirar essa foto e você posta no álbum?”. E assim surgiu a ideia da página, uma página com fotos e citações de mulheres que ela considera significativas e, no meio de todas essas mulheres, ela mesma – Carolina. Dentre as mulheres e citações recolhidas, ela escolheu: Frida Kahlo, Clarice Lispector, Camila Cabello, Demi Lovato, Rose Marie e um grupo de pop/rock só de mulheres, Little Mix. Embaixo de cada foto, colocamos a citação que ela gostaria de registrar e guardar como memória, exemplo: “Para que pés se tenho asas para voar?”, Frida Kahlo. Como provocação, pedi a ela que pensasse em sua própria frase feminista, para colocarmos embaixo de sua foto. A princípio ela disse que não tinha ideias, mas, no encontro seguinte veio animada dizendo “essa semana uma frase veio à minha cabeça” e compartilhou: “Nós, mulheres, nascemos, sofremos e superamos”. E com essa frase Carolina deixou em seu álbum a sua marca, tão forte e importante quanto a das outras mulheres do livro, e não apenas escreveu sua própria história, mas dialogou com as histórias já vividas por tantas outras.

Moara Rodrigues

Colaboradora do Fazendo Minha História

intensos nesse momento da vida, aparecendo ora de forma mais evidente ora de forma mais sutil.

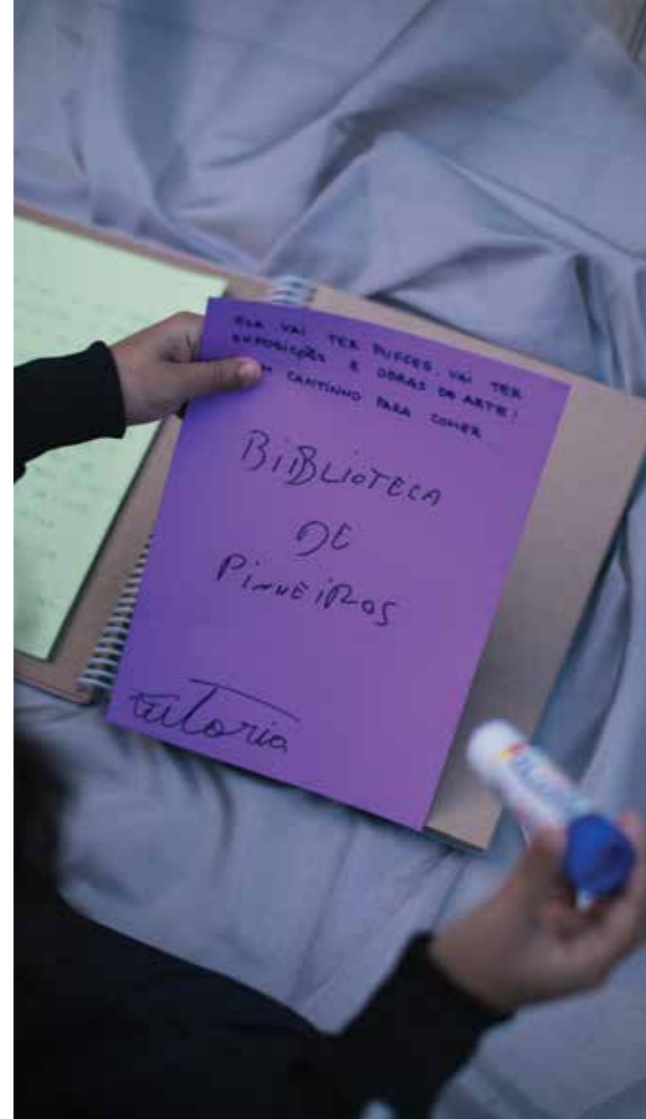
Nem sempre o adolescente conseguirá ou desejará falar sobre seus pensamentos e sentimentos. É preciso respeitar seu tempo e limites. A construção das páginas do álbum pode ser a consequência de uma boa conversa, que mereça ser registrada, ou poderá ser o início, aquilo que desperta para um bom papo. Pode acontecer também de o adolescente preferir ficar somente na conversa, sem querer fazer uma página a respeito. De qualquer forma, álbuns e conversas são excelentes ferramentas de reflexão e elaboração. Ao colocar em palavras o que sente, o que viveu e o que projeta para o futuro, o adolescente consegue reconhecer, organizar e reparar seu mundo interno. Através das páginas do próprio álbum, os pensamentos podem ser revisitados, lembrados, retomados e transformados com maior consciência e responsabilidade.

Além do álbum e dos livros, outros recursos podem ser utilizados para ajudar os adolescentes a se expressar, como a leitura de notícias na internet, perfis em mídias sociais, biografias, crônicas, revistas ou letras de música.

TEMAS ESPECÍFICOS PARA ÁLBUNS DE ADOLESCENTES

Além dos temas sugeridos anteriormente no capítulo “Conteúdo do álbum”, os álbuns dos adolescentes podem conter as seguintes histórias e informações:

- Projetos a curto, médio e longo prazos (o que é preciso fazer de pouquinho em pouquinho para chegar aonde se deseja, começando por hoje)
- Gostos e qualidades
- Potências e dificuldades (experiências em que se evidenciaram)
- A família que tenho hoje versus a família que quero construir
- Namoros e paixões (quem, como se sente na relação, o que fazem juntos)
- Amigos (quem são, o que fazem juntos, altos e baixos das amizades)



- Escola (situações e relações marcantes, disciplinas mais e menos interessantes)
- Trabalho (situações e relações marcantes)
- Moradias futuras (quais são as opções, vantagens e desvantagens de cada uma)
- Planejamento financeiro (quais são os gastos mensais, no que é possível economizar, de quanto eu preciso para realizar meus projetos)
- Projetos de aprendizagem e profissionais (cursos que interessam, informações sobre cursos de Ensino Superior, profissões que gostaria de pesquisar e conhecer melhor, etapas necessárias para alcançar seus objetivos)
- Lazer: o que já faz e ou que gostaria de fazer (baladas, praças, shoppings, espaços culturais, bibliotecas, museus, teatros)
- Cuidados pessoais (terapia, saúde física, alimentação, hobby)
- Quais são as músicas preferidas e que lembranças trazem
- Meu signo astrológico: semelhanças e diferenças entre as características atribuídas ao meu signo e minha personalidade
- Personagens e personalidades preferidas (desenhos, séries, filmes)
- Mídias sociais e internet (vantagens e desvantagens, como se relaciona nesses espaços, experiências marcantes)
- Despedidas já vividas e despedidas que virão (sentimentos, o que gostaria de ter dito e não disse, o que gostaria de dizer nas próximas, o que levou e levará de cada uma delas)

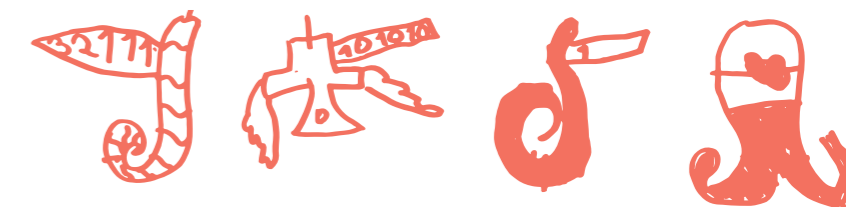
CARDÁPIO DE ATIVIDADES: VÍNCULOS, LIVROS E ALBÚM SE COMPLETAM

Voo imaginário

Li “O homem que amava caixas” e depois a gente construiu caixas para eles guardarem as coisas mais importantes. Na sequência veio O passarinho engaiolado. Nesse dia, pedi que eles fechassem os olhos e imaginassem para onde voariam se fossem um passarinho numa gaiola aberta. A Natália logo foi para o Hopi Hari, e o Felipe foi encontrar com a namorada na floresta. Depois, eles registraram a história que estavam me contando, desenharam o passarinho e colocamos tudo no álbum.

Maria Lacombe Pires

colaboradora do Fazendo Minha História



A organização de atividades para os encontros favorece o desenvolvimento dos objetivos do Fazendo Minha História, e o colaborador deve sempre considerar os três aspectos que compõem o triângulo metodológico do projeto: livros, álbum e vínculo. Com isso em vista, não há regras específicas ou receita pronta para a realização dos encontros, que podem ganhar as mais diversas configurações de acordo com a relação estabelecida com cada criança ou adolescente.

O encontro é, antes de tudo, um momento de expressão. Por isso, além da construção de registros e da leitura de livros, podem acontecer outras atividades. As brincadeiras, por exemplo, são momentos divertidos que permitem a lembrança e a elaboração de histórias de maneira muito natural para a criança ou mesmo para o adolescente, e que podem e devem ser registradas no álbum.

A seguir, sugerimos uma série de atividades que podem ajudar no planejamento das ações. Certamente, cada colaborador também trará novas ideias com base em sua bagagem pessoal e nas situações vividas a cada semana.

1. PROPOSTAS PARA OS ENCONTROS

A VERDADEIRA HISTÓRIA?

Material – Livro *A verdadeira história dos três porquinhos*.

Vamos lá – Leia a história e proponha uma reflexão. Será que essa história do lobo é verdadeira? Será que as narrativas não parecem diferentes quando contadas por pessoas diferentes? Tente buscar uma história da vida da criança ou adolescente que também possa ter diferentes versões. Conversem sobre o mundo das diferenças como algo possível, real e importante.

Sabe por quê? – Muitas vezes as histórias são contadas por alguém de um jeito, mas são vividas e sentidas por outras pessoas de outro jeito. Isso é normal e importante. Afinal de contas, cada pessoa tem um modo de enxergar o mundo, conforme suas experiências anteriores. É bom poder ver que não há uma verdade única a respeito das coisas, e sim várias possibilidades de vivência de uma mesma situação.

ÁRVORE DA FAMÍLIA

Material – Lápis de cor, canetinha hidrocor ou giz de cera e papel sulfite.

Livros sugeridos – *O livro da família; Os tesouros de Monifa; Avó; Avó*.

Vamos lá – Desenhe uma árvore. Dentro da copa, escreva o nome das pessoas da família da criança ou adolescente de cima para baixo, começando pelo nome de avós e avós. Siga essa divisão e, em seguida, escreva abaixo o nome dos pais, tios e tias, mais abaixo o dos irmãos, irmãs, primos, primas e assim por diante. Não há problema se não souber todos os nomes. Sempre é importante deixar o lugar desses parentes na árvore. Pesquise com bastante cuidado para obter mais informações com os profissionais do serviço e familiares da criança ou adolescente.



Sabe por quê? – É importante que a criança e o adolescente saibam e tenham registrado no álbum quem são as pessoas que compõem sua família (é claro que, no caso daquelas crianças sobre as quais não se tem quase nenhuma informação, a atividade deve ser repensada). Essa é uma excelente maneira de envolver a família no projeto. Às vezes, um tio ou uma tia podem trazer muitas informações.

CADA UM É UM

Material – Lápis de cor, canetinha hidrocor ou giz de cera e papel sulfite.

Livros sugeridos – *Belinda, a bailarina; Ledazeda; O ponto; Cabumm; Ana e Ana; Orelhas de mariposa*.

Vamos lá – Na frente do espelho, descreva-se detalhadamente e peça para a criança ou adolescente se descrever também, dizendo a cor dos olhos, cabelo, altura etc. Converse sobre a descrição de cada um, sobre as semelhanças e as diferenças. Depois, convide-a a fazer um desenho de si mesma.

Sabe por quê? – Essa atividade permite que a criança ou o adolescente olhem para si mesmos, além de possibilitar a percepção sobre semelhanças e diferenças entre as pessoas. Trata-se, acima de tudo, de uma atividade de autopercepção.

CASINHA FELIZ

Material – Livro *O trem da amizade*, cartolina colorida, cola, tesoura e fotos das pessoas que moram na casa.

Vamos lá – O livro serve como aquecimento para a atividade. Utilize cartolinas coloridas para fazer a casa. Conte quantas pessoas moram lá e recorte o mesmo número de janelas. Dentro de cada janela cole a foto de uma pessoa, até que todas estejam lá. Quando tudo estiver pronto e todos estiverem representados, cole a casa no álbum.

Sabe por quê? – Essas lembranças são as memórias que constituem a história de cada um. É importante ter registrado tudo aquilo que marcou sua vida

CARTEIRA DE IDENTIDADE

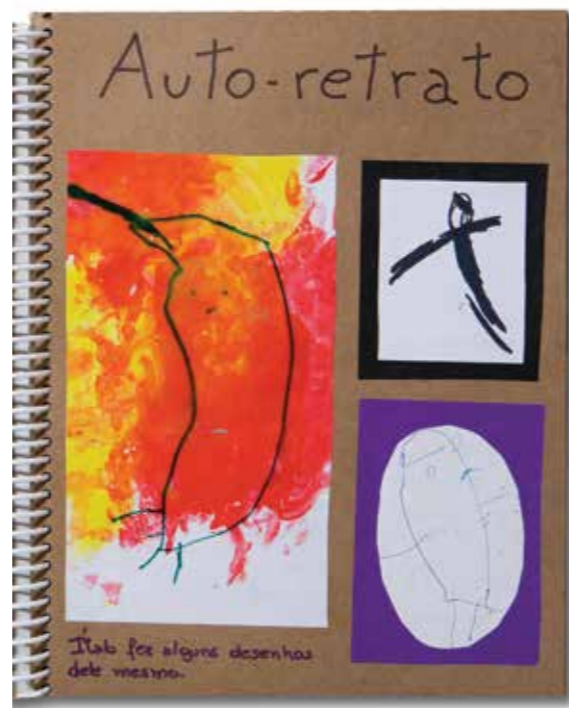
Material – Papel e lápis.

Livros sugeridos – *Rápido como um gafanhoto*; *Lilás, uma menina diferente*; *Tudo bem ser diferente*.

Vamos lá – Proponha à criança ou ao adolescente que façam sua “carteira de identidade” escrita, registrando algumas informações importantes, como:

- Eu me chamo:
- Gosto de ser chamado de:
- O que eu mais gosto em mim:
- Meu endereço atual é:
- O que eu mais gosto de comer é:
- Detesto quando alguém:
- Adoro quando alguém:
- Minha cor preferida é:
- O animal de que mais gosto é:
- Gosto de brincar de:

Sabe por quê? – É necessário que toda pessoa possa olhar para si mesma e perceber aquilo que lhe pertence, suas características, seus gostos e seus desejos, a fim de ir construindo a própria identidade.



DESCOBRINDO AS MINHAS MEDIDAS

Material – Barbante e fita métrica.

Vamos lá – Use uma fita métrica para explorar as medidas do próprio corpo. Quanto meço hoje? Qual é a distância entre meu cotovelo e as pontas dos dedos da mão? Escreva em uma folha o que foi medido e cole o barbante junto. Sugestões:

- Da cintura ao chão.
- Do ombro às pontas dos dedos da mão.
- Do alto da cabeça ao queixo.
- Do alto da cabeça aos dedos do pé.

Outras medidas: As medidas também podem ser feitas usando unidades não padronizadas, como mãos e pés de outras crianças ou adultos. É possível determinar a altura também com as mãos, e assim dizer que a Adriana, por exemplo, tem o mesmo tamanho de sete mãos da Carolina. Anote a data, pois, passado um tempo, é possível repetir essa atividade e, com certeza, os resultados serão diferentes.

Sabe por quê? – Esse é um modo de a criança ou adolescente se conectar melhor com o próprio corpo e perceber seu desenvolvimento.

É HORA DE...

Material – Folha de sulfite, lápis de cor e canetinha hidrocor.

Vamos lá – Dobre as folhas de papel ao meio e encaixe uma dentro da outra, até obter um livrinho de dez ou doze páginas. Grampeie. Pense junto com a criança ou adolescente as várias atividades realizadas diariamente durante a semana e como elas acontecem. Pergunte o que ele ou ela gosta e o que não gosta de fazer. Na página da esquerda, sugira que desenhe um relógio com os ponteiros mostrando as horas (se a criança for muito pequena, o colaborador terá de dar um auxílio

maior). Na página da direita, escrevam, por exemplo, “É hora de levantar”. Como essa criança costuma acordar? Bem-disposta ou de mau humor? Com preguiça, com fome? Vamos descobrir e registrar! É possível fazer um desenho dessa hora do dia, colar uma foto ou escrever algo. O livrinho será colado no álbum, a fim de registrar a rotina da criança ou adolescente em detalhes.

Sabe por quê? – Essa pesquisa divertida dirá muito sobre a criança ou adolescente e suas características pessoais, que ficarão registradas no álbum.

HISTÓRIA ILUSTRADA

Material – Folha sulfite, lápis de cor e canetinha hidrocor.

Vamos lá – Diga à criança ou adolescente para fazer um desenho com tema livre. Quando terminar, peça que conte uma história sobre esse desenho. Escreva a história inventada em uma folha à parte e, depois, leiam novamente.

Sabe por quê? – Essa atividade estimula a criatividade e dá a possibilidade de a criança ou o adolescente falarem de si indiretamente.

IMAGENS RECORTADAS

Material – Imagens diversas recortadas de revistas

Vamos lá – Recorte imagens de revistas com diversas cenas e situações. Espalhe-as pelo chão e peça à criança ou adolescente que olhe atentamente para cada uma delas. Depois de alguns minutos, peça que escolha uma ou mais imagens que tenham a ver com alguma característica dele ou dela. Comece então uma conversa sobre as histórias que surgem a partir das cenas escolhidas. Uma variação possível dessa atividade é pedir que a criança ou adolescente invente histórias com base nas cenas escolhidas.



Sabe por quê? – Ao observar cenas que ilustram situações cotidianas, as crianças e adolescentes podem se identificar com alguma delas, lembrar-se de suas histórias pessoais e, assim, abrir um espaço de compartilhamento.

IMPRESSÃO DIGITAL

Material – Almofada de carimbo com tintas coloridas, papel, lupa e o livro *Desenhando com os dedos*.

Vamos lá – Surpreenda a criança com o fato de que não existem duas impressões digitais iguais! Examine o dedo indicador dela e o seu e depois use carimbo ou tinta para fazer as impressões em uma folha de papel. Por fim, peça à criança que examine as impressões digitais com uma lupa. Só existe uma de cada tipo, pois cada pessoa é única. Com a impressão digital pode-se criar formas, animais e expressões, completando a atividade.

Sabe por quê? – É muito importante para a criança entender que é única e diferente das outras. Vamos validar e saudar a singularidade!

JAMAIS ESQUECEREI

Material – Papel e caneta.

Vamos lá – Peça à criança ou adolescente que pense e relate um momento muito importante de sua vida. Algumas lembranças são mais alegres, outras são mais tristes. Registre o que for compartilhado escrevendo junto com ela em uma folha de sulfite ou diretamente no álbum.

Sabe por quê? – Essas lembranças são as memórias que constituem a história de cada um. É importante ter registrado tudo aquilo que marcou a vida daquela criança.

MEDO, MEDINHO, MEDÃO

Material – Livro *Chapeuzinho Amarelo*, folha de sulfite, giz de cera e canetinha hidrocor.

Vamos lá: Leia a história e, ao final, pergunte à criança ou ao adolescente de que eles têm medo, qual é o seu “lobo”. A partir daí, é só deixar fluir. A sugestão é criar a “página do medo” e nela colar desenhos ou descrições do que amedronta aquela criança.

Sabe por quê? – Os medos estão presentes tanto na infância quanto na adolescência, de diversas formas (bichos, monstros, escuridão, rejeição, fracasso etc.), e é importante poder falar sobre eles.

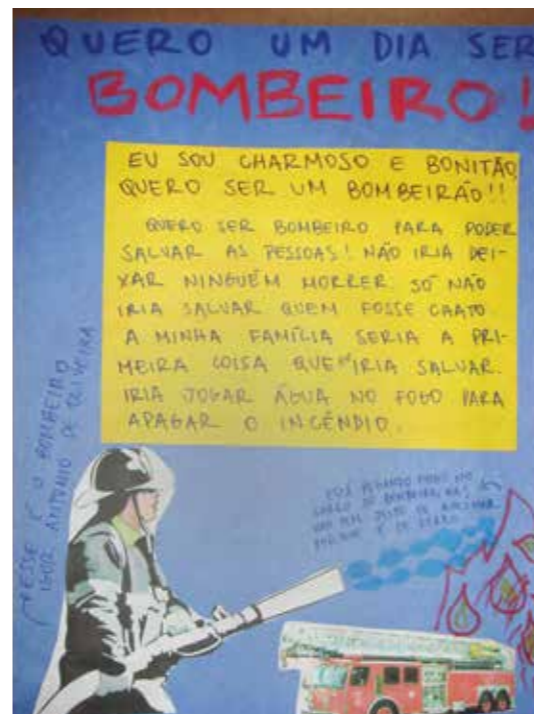
NOME

Material – Lápis de cor, canetinha hidrocor, giz de cera, papel, purpurina, revistas, retalhos de pano e outros materiais disponíveis.

Livros sugeridos – *Guilherme Augusto Araújo Fernandes; Ana e Ana; A velhinha que dava nome às coisas; Frida.*

Vamos lá – Peça à criança ou adolescente que faça uma “produção” com seu nome, utilizando diversos recursos gráficos e de forma criativa e original. Quando o nome estiver pronto e personalizado, convide-a a apresentá-lo, contar a história dele (quem escolheu e por que) e falar como se sente em relação a ele (se gosta, se sente que esse nome lhe pertence, se tem apelido, se gosta do apelido etc.). Se possível, é interessante complementar a atividade perguntando aos familiares sobre a história daquele nome.

Sabe por quê? – O nome de cada um de nós carrega histórias pessoais e familiares.



PESSOAS DA MINHA VIDA

Material – Fotografias de pessoas importantes para a criança ou adolescente, cola, tesoura, fita adesiva colorida, lápis de cor, canetinha hidrocor e revistas.

Vamos lá – Sugira à criança ou adolescente que dedique uma página do álbum para retratar as pessoas mais importantes de sua vida. Colem as fotos e façam “molduras” nelas com a fita adesiva colorida ou canetinhas. Talvez a criança não tenha foto de todas as pessoas importantes que gostaria de retratar. Nesse caso, sugira que ele ou ela desenhe todos que quiser na página, como se fossem retratos.

Sabe por quê? – Muitas vezes, pessoas queridas e que desempenham um papel importante na vida de uma criança ou adolescente vão embora do serviço de acolhimento ou se afastam sem deixar registros de quem foram – como eram, quais eram seus nomes, o que faziam e como faziam.

A PESSOA

Material – Folha sulfite e canetinha hidrocor.

Vamos lá – Peça para a criança ou adolescente desenhar uma figura humana completa, da cabeça aos pés. Quando ele ou ela terminar, sugira dar vida a esse humano desenhado, criando um nome e escolhendo suas características. Desenhem balões saindo de partes do corpo, nos quais vocês escreverão:

- da cabeça: um pensamento;
- do lado esquerdo da boca: uma frase que disse e se arrependeu;
- do lado direito da boca: uma frase que gostaria de ter dito, mas não disse;
- do coração: uma paixão;
- da mão direita: um sentimento que tem para dar;
- da mão esquerda: algo que gostaria de receber;

- do pé esquerdo: uma meta;
- do pé direito: três passos para alcançar essa meta.

Quando terminarem a atividade, conversem sobre as semelhanças e diferenças entre a criança ou adolescente e o personagem criado.

Sabe por quê? – Ao fazer o desenho de uma pessoa e dar-lhe vida, a criança ou adolescente acaba refletindo sobre si.

MELHORES AMIGOS

Material – Giz de cera, lápis grafite e folha sulfite.

Livros sugeridos – *Pedro e Tina; Pequeno azul e pequeno amarelo; Ana, Guto e O gato dançarino.*

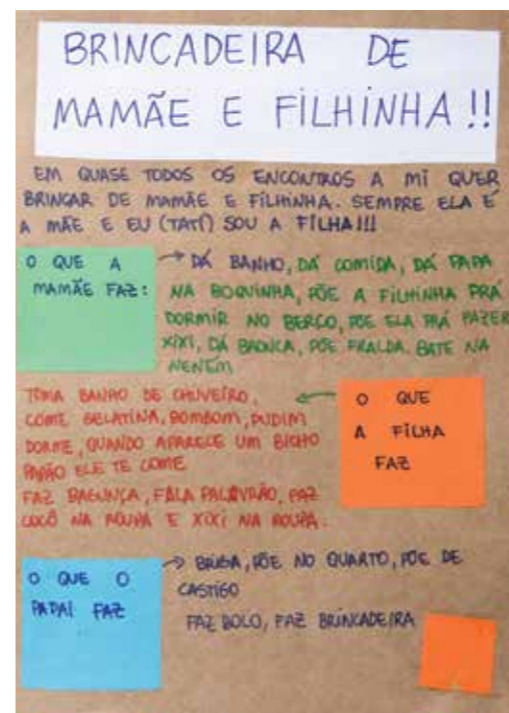
Vamos lá – Escolha um dos livros para ler e, em seguida, peça à criança ou adolescente que conte sobre seu melhor amigo: quem é, onde o conheceu e o que gosta de fazer com ele, entre outras coisas. Depois, ajude a transformar essas informações numa página bem bacana.

Sabe por quê? – Amigos são importantes. Alguns ficam para sempre, outros a criança ou adolescente não vê mais. Então, tê-los registrados trará sempre boas lembranças.

QUANDO EU ERA BEBÊ...

Material – Livro *Como é que eu era quando eu era bebê?*, papel sulfite, lápis e canetinha hidrocor.

Vamos lá – Leia a história do livro e, em seguida, pergunte à criança como ela era quando bebê. Registre as informações dadas espontaneamente e depois ajude a



criança a elaborar um roteiro de tudo o que ela gostaria de descobrir sobre seus primeiros anos de vida (por exemplo, a criança tinha um objeto ou brinquedo inseparável? Gostava de dormir ouvindo música? Qual foi a primeira palavra que disse?). Pais, familiares, educadores ou técnicos do serviço podem ser convocados a responder às questões em uma gostosa entrevista.

Sabe por quê? – Além de possibilitar o registro de uma fase da vida da qual a criança não se lembra, é importante que ela sinta que tem espaço para formular questões a respeito de si e de sua história.

QUEM É QUEM/FAMÍLIA

Material – Folha sulfite, lápis, borracha e canetinha hidrocor.

Livros sugeridos – *Filho; O homem que amava caixas; Vó Nana; Tanto, tanto; O livro da família.*

Vamos lá – Com ajuda da lista a seguir, crie uma ficha de atividade para preencher junto com a criança, conversando com ela sobre suas relações de parentesco.

QUEM É QUEM

- O filho da minha tia é meu:
- A irmã da minha mãe é minha:
- A filha do meu tio é minha:
- Meu tio é filho da minha:
- Eu e meus primos somos netos da minha:
- A filha da minha mãe, sem ser eu, é minha:
- O irmão do meu pai é meu:
- A mãe do meu irmão é minha:

- O que meu irmão é da minha tia?
- Minha irmã é filha do meu:

Depois do “quem é quem”, pode-se dar nomes a alguns desses “personagens”, como: o seu tio é o João, a sua avó é a Moema, e assim por diante. Após essa atividade, é possível completar a árvore genealógica.

Sabe por quê? – Com essa atividade, a criança aprende como se constituem as relações de parentesco: tios, sobrinhos, primos etc.

REPÓRTER POR UM DIA

Material – Folha sulfite e canetinhas ou lápis.

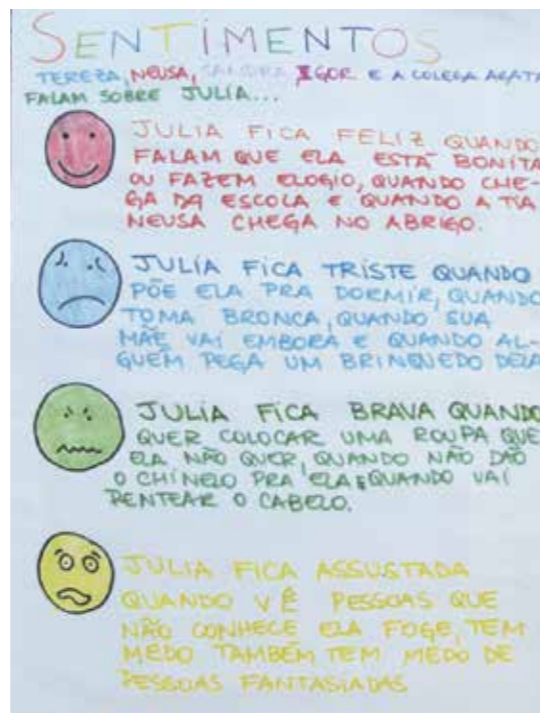
Vamos lá – Vire repórter junto com a criança ou adolescente. Elaborem algumas perguntas a serem feitas às outras crianças e adolescentes da casa, assim como a adultos com os quais convivem. Saiam pela casa com papel e caneta, entrevistando as pessoas. As perguntas podem ser variadas, mas devem dizer respeito principalmente à própria criança ou adolescente, que, ao final da brincadeira, terá conseguido depoimentos sobre si mesma de diferentes pessoas.

Sabe por quê? – É muito gostoso para a criança ou adolescente ver e ouvir outras pessoas contando sobre como ela é e como se relaciona com o mundo e com os outros à sua volta.

SÃO TANTAS EMOÇÕES

Material – Livros *Mania de explicação*, fotografias, tesoura, cola e canetinhas hidrocor.

Vamos lá – Peça para a criança fazer diferentes expressões faciais (feliz, triste,



mal-humorada, brava etc.) e fotografe todas elas. Imprima ou revele as fotografias, recorte-as, cole-as no álbum e escreva embaixo o sentimento que está expresso em cada foto. Em seguida, você pode aproveitar e conversar sobre sentimentos e emoções, perguntando em que situações a criança se sente de um ou de outro jeito.

Sabe por quê? – Essa é uma atividade divertida, que possibilita à criança uma forma lúdica de conhecer, entender e falar sobre seus sentimentos e emoções com tranquilidade.

SONHO

Material – Papel, canetas coloridas, purpurina, cola e envelope.

Vamos lá – Converse com a criança ou adolescente sobre os sonhos e desejos dela. Convide-a a escrever sobre aquilo que deseja alcançar, sobre o que quer que aconteça em sua vida. Depois, sugira que ele ou ela faça um desenho ou apenas enfeite uma folha com purpurina e canetinha colorida. Em seguida, coloque o que foi feito em um envelope e cole no álbum. Afirme que o conteúdo do envelope é precioso e precisa estar bem guardado. Sugestão: para marcar essa atividade, leve um sonho de padaria para comer junto com a criança ou adolescente.

Sabe por quê? – Essa atividade faz com que a criança ou adolescente pense sobre seus projetos de vida, sobre o que a motiva e impulsiona para a vida. É muito importante e saudável que ela tenha planos e queira realizá-los no futuro. O conteúdo do envelope vai sempre lembrá-la sobre seus sonhos.

VIAGEM NO TEMPO

Vamos lá – Peça à criança ou adolescente que feche os olhos e pense em como é hoje. Fale a data e o ano. Em seguida, peça que se imagine daqui a dez anos: como ele ou ela está? O que está fazendo agora? Com quem está? Peça então que abra os

olhos e diga que vocês estão dez anos mais velhos. Diga a data e conte um pouco sobre como você está no futuro. Em seguida, peça à criança ou adolescente que fale o que fez nesses dez anos, como está a vida dela, com quem está e como se sente. Após a conversa, peça-lhe para novamente fechar os olhos e lembrar como era há dez anos. Fale a data atual e deixe-a abrir os olhos e reencontrar o presente. Peça que conte como se sentiu ao se imaginar no futuro.

Sabe por quê? – Essa atividade ajuda a construir uma visão de futuro.

AS MULHERES MAIS IMPORTANTES DA MINHA VIDA

Material – Livros *Malala: a menina que queria ir para escola*, *Meu crespo é de rainha*, *Marie Curie* (Coleção “Gente Pequena, Grandes Sonhos”).

Vamos lá – Converse com a criança ou adolescente sobre as mulheres que fazem ou fizeram parte de sua vida. Onde estão? Como é a história de vida e quais são as características de cada uma dessas mulheres? O que ele ou ela faziam quando estava com essas mulheres? Em seguida, ajude-o a refletir sobre a influência dessas mulheres na sua formação: possuem características semelhantes? O que admiram e consideram inspirador nessas mulheres? O que gostariam de fazer como elas? Em seguida, convide a criança ou adolescente a fazer uma página com o conteúdo dessa conversa, incluindo desenhos, fotos legendadas, uma linha do tempo localizando os momentos mais marcantes vividos com essas mulheres etc.

Sabe por quê? – Permitir que crianças e adolescentes valorizem as mulheres, começando por aquelas com quem convivem, contribui para o combate à desigualdade de gênero e as violências daí decorrentes, além de ajudar na construção de atitudes pautadas na garantia de direito, no respeito e na valorização das mulheres. Especialmente para as meninas, a identificação e a conexão com potências e habilidades de suas ancestrais fortalece a própria identidade.



ABAYOMI

Materiais – Retalhos de pano preto e de panos coloridos, tesoura sem ponta.

Livros sugeridos: *África recontada para crianças*, *Olelê: uma antiga cantiga da África*, *Omo-oba: histórias de princesas*, *Chapeuzinho vermelho e o boto-cor-de-rosa*, *Obax*, *Escola de chuva*, *Chuva de manga*.

Vamos lá – A palavra iorubá Abayomi quer dizer “encontro precioso” (*abay* significa “encontro” e *omi*, “precioso”) e é um nome que serve para todos os gêneros. No Brasil, além de nome próprio, também se refere a bonecas de pano artesanais. Essas bonecas são simples de fazer, sendo necessário apenas retalhos de pano reaproveitados, pretos e coloridos. A boneca, sempre negra, de tamanho variando de 2 cm a 1,50 m, é feita apenas com a junção de nós de tecido, sem o uso de cola ou costura. Conte a história das bonecas Abayomi: durante a travessia transatlântica no período de escravização, mulheres escravizadas trazidas da África faziam Abayomi das barras de suas saias para crianças, jovens e adultos para que pudessem brincar e se distrair. Depois de contar a história, espalhe alguns livros de referências negras e convide a criança ou adolescente a escolher um. Após a leitura, proponha a construção de uma Abayomi que represente o/a personagem com o qual mais se identificou e incentive brincadeiras com ela²².

Sabe por quê? – A diversidade só pode ser valorizada e respeitada quando realmente praticada. Crianças e adolescentes precisam conhecer a história do país em que nasceram e a do país de seus ancestrais, a fim de compreenderem suas próprias vivências e características e fortalecerem suas identidades. Reconhecer-se nas histórias, encontrar espaços seguros, acolhedores e de pertencimento facilitam a construção de narrativas potentes sobre si.

²² Encontre um passo a passo para a construção de uma Abayomi disponível online em: <https://www.youtube.com/watch?v=CGGG92EFGJI>.

PRESENÇA DAS FAMÍLIAS NOS ENCONTROS DO IFH

A identidade de uma pessoa recebe influência da história singular de sua família, de seus pais e de seus antepassados, bem como das fantasias e expectativas que cercam o bebê mesmo antes de ser gerado. Além da história pessoal e familiar, elementos da cultura marcam a identidade e a forma como cada um vai entender o mundo e se relacionar com ele. Conhecer, compreender, valorizar e atribuir significado a toda essa história possibilitam um desenvolvimento psíquico saudável.

Presentes ou não, visitando ou não, convivendo ou não, destituídas do poder familiar ou não, as famílias fazem parte da história e da identidade das crianças e dos adolescentes em situação de acolhimento. É preciso, portanto, torná-las presentes nos encontros do FMH, mesmo que estejam fisicamente distantes. Nesse sentido, o projeto Fazendo Minha História permite a manutenção das memórias familiares. Ter um espaço para narrar, relembrar, valorizar e registrar situações vividas em família fortalece os vínculos familiares e o senso de pertencimento.

Conversar sobre as famílias e sobre o passado, em muitos casos, não é tarefa simples, exige uma relação afetiva fortalecida, além de tempo de convivência, reflexão e alinhamento com a equipe do serviço, evitando que as crianças ou adolescentes fiquem confusas com informações ou atitudes contraditórias dos adultos. Esse tema deve surgir de forma espontânea e por iniciativa das crianças ou adolescentes. É importante saber que dificilmente o assunto virá à tona no início da convivência com os colaboradores. É preciso ter tranquilidade para não antecipar algo que eles ainda não estão prontos para compartilhar.

Mais do que os fatos reais vividos, são as palavras utilizadas pelos adultos e, principalmente, a forma como eles ressignificam esses fatos que determinam as marcas psíquicas que a criança terá sobre determinado evento. O tempo de acolhimento, portanto, será reparador para a criança ou adolescente, à medida que poderá ajudá-la a encontrar palavras que deem sentido ao que ele ou ela viveu, sem desqualificar suas raízes familiares e ajudando-a a reconhecer as experiências positivas que teve, mesmo que alternadas a momentos de desproteção.

Certas vezes, o contexto que levou ao acolhimento provoca revolta, vergonha ou resistência nas crianças e adolescentes, assim como nos adultos, que correm o risco de desqualificá-las, sem um entendimento global da situação que gerou o afastamento. Geralmente, a família encontra-se fragilizada, está socialmente desprotegida, com laços comunitários enfraquecidos ou rompidos e é considerada impossibilitada de cuidar de seus filhos. Ao mesmo tempo, as crianças e adolescentes podem se sentir responsáveis ou culpados pela situação, especialmente se não encontram outras formas de entender nem de explicar o que gerou o seu afastamento do ambiente familiar. O motivo do acolhimento, portanto, deve ser de conhecimento de todos aqueles que têm vínculo com a criança ou com o adolescente, para que possam responder suas dúvidas e oferecer a eles explicações claras e concretas sobre a situação, inclusive a partir de parâmetros legais.

O impacto do afastamento do convívio familiar e de maus tratos no desenvolvimento psíquico das crianças acolhidas pode ser minimizado e até superado durante o serviço, através das relações com adultos que exercem as funções de cuidado, proteção e estabelecimento de limites.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) enfatizam que nem pobreza nem dificuldades circunstanciais da família são motivos para o acolhimento. Reforçam que todas as estratégias possíveis devem ser lançadas para evitar essa medida de proteção, garantindo os direitos e o desenvolvimento saudável de todos os seus membros. Sendo assim, as intervenções não devem ser voltadas apenas para a criança ou adolescente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza que é dever do poder público amparar a família para que ela possa cuidar de seus filhos, garantindo ações e serviços de prevenção, atenção e inclusão social para que ela possa desempenhar essa função. Nesse sentido, a retirada da criança ou adolescente do convívio familiar deve ser a última alternativa, quando todos os recursos forem esgotados

Foto do meu pai

Ele era uma criança um pouco apática a tudo. Foi criado pela avó, que teve de se mudar para outra cidade. O pai está preso. A irmã, que ficava com ele no abrigo, fugiu, ficou um tempo na rua e acabou indo para outro serviço. Nós soubemos, fomos visitá-la e ele levou o álbum. A irmã fez até dedicatória. Outras coisas foram acontecendo. A vizinha da avó começou a ir visitá-lo constantemente e o menino foi mudando. Hoje em dia é uma criança mais solta, brinca, joga futebol. No último Dia dos Pais, o pai teve a oportunidade de ir visitar a família e encontrou o filho. Nossa! Ele está superfeliz. Ganhou uma foto que logo foi colada no álbum. O menino disse assim: "Tia, estou com duas fotos para colocar no meu álbum". Colou e mostrou para os colegas, todo orgulhoso.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História no ABCD Nossa Casa



e os direitos da criança e do adolescente de fato não puderem ser garantidos em seu seio familiar.

Apesar de nossa legislação avançada, observa-se que nem sempre a rede de serviços tem êxito ao cumprir tais princípios, e muitas vezes as famílias não contam com profissionais, serviços, programas, vagas ou recursos para superar suas dificuldades. As questões que as famílias enfrentam são produto de uma série de fatores históricos, sociais, culturais, econômicos e psicológicos; os ciclos de violência, exclusão e desamparo não se rompem com facilidade e exigem investimentos de diversas ordens para que sejam superados. Muitas vezes, deparamos com pais e mães que tiveram seus laços sociais e familiares rompidos, que não podem contar com a ajuda de outros parentes. A maioria teve seus próprios direitos violados, estão em situação de desproteção social e excluídos de políticas públicas que os fortaleçam para que exerçam seu papel de cuidado e proteção.

É possível notar um discurso social de culpabilização das famílias pela situação de extrema vulnerabilidade em que se encontram e que por vezes gera o acolhimento de suas crianças. Falas como "esta mãe abandonou o filho, não tem instinto maternal" ou "a avó não quis nem saber, preferiu deixar o menino no abrigo" refletem tal visão e tendem a criar ainda mais obstáculos para que as famílias consigam cuidar de suas crianças e adolescentes. Em alguns casos, familiares dizem que não desejam assumir os cuidados e a responsabilidade sobre a criança, e isso também precisa ser escutado e acolhido, mas é preciso cuidado para não confundirmos dificuldade com desinteresse. Que chance estamos dando para uma família se só conseguirmos enxergá-la como incapaz?

As crenças e os significados construídos pelos adultos acerca das famílias de origem influenciam na relação das crianças e adolescentes com elas. Permeadas por desafios, vulnerabilidade social, violências, sofrimento e fragilidades, as histórias dos acolhidos acabam tocando a todos que os acompanham. Com o intuito de protegê-los, é comum que a família, que também precisa de cuidados e proteção, seja posta de escanteio ou tratada como a vilã da história.

É preciso ir além do que se imagina e conhecer de fato a complexa realidade familiar, sua dinâmica e seus valores. Há muitos aspectos a serem considerados quando uma família não se encontra suficientemente organizada. Quando conhecemos e entendemos em profundidade estes aspectos, podemos construir um olhar que leve em consideração a trajetória de vida daquela família, as dificuldades que enfrentou, suas possibilidades e potências; e, assim, ajudá-la na construção de novos projetos.

Nesse contexto de distância, rupturas, histórias doloridas e complexas, bem como de desafios práticos (dia e hora da visita, distância entre o serviço de acolhimento e a casa da família etc.), as relações e os vínculos familiares podem se enfraquecer. Por isso, os adultos que convivem com essas crianças e adolescentes podem atuar como mediadores e facilitadores dessa relação, fazendo com que os familiares da criança se sintam à vontade, valorizando pequenas conquistas que fizeram, facilitando a participação no cotidiano de seus filhos, ou demonstrando a eles que são fundamentais na vida e na identidade da criança ou adolescente. Devem buscar olhar para a potência da família.

Acreditamos que o FMH pode ser um aliado na construção de estratégias e ações com as famílias. Os encontros, mediados pelas histórias dos livros e pelos álbuns, são um interessante espaço de troca e de contato com as famílias. O álbum garante a continuidade entre o passado e o presente de cada bebê, criança ou adolescente acolhido, facilitando a construção de sua identidade.

Quando o vínculo estiver forte o suficiente e o serviço de acolhimento avaliar que há uma situação favorável, é desejável que o colaborador inclua em alguns encontros do FMH a família da criança ou adolescente. O primeiro passo é checar com a própria criança ou adolescente se ela está de acordo. O agendamento do encontro é mediado pela equipe do serviço de acolhimento. Caso o colaborador não possa estar presente nos dias de visita, os profissionais do serviço podem fotografar e incentivar as famílias a deixarem algum depoimento para o álbum.

No primeiro encontro que acompanhei um pai com suas três meninas, notei que ele usou o momento para queixar-se, desabafar sobre a maneira como as crianças foram acolhidas e o quanto considerava [aquilo] injusto. Nesse dia, fiquei com a impressão de que o contato com as filhas era superficial e sem muita proximidade. No segundo encontro, o momento foi individual, o pai ficou com cada uma delas por vez. Nesse dia, foi possível desenvolver uma página do álbum de cada uma, ele pareceu mais tranquilo com a situação e [estava] com um discurso de esperança quanto aos passos que precisava dar para reconquistar a guarda dos filhos. Foi nessa ocasião individualizada que pude repensar a proximidade dele com suas filhas e vice-versa. Ele contou histórias boas e divertidas sobre a escolha dos nomes de todos os filhos e, no final, comentou que, antes do acolhimento, nunca tinha tido oportunidade de ter momentos tão próximos com os filhos, igual aos que fez nos nossos encontros.

Glaucia Monaliza
Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

A mãe e o irmão da Natália participaram do encontro em mais de uma oportunidade. Natália mostrou páginas do álbum para eles, as fotos que havia colado, os eventos que tinha decidido registrar. Fizemos todos juntos a página sobre o seu batizado. Ela parecia orgulhosa de seu trabalho. No início, parecia que a mãe de Natália estava receosa com nossa relação. Não sei ao certo, mas pareceu que estava testando se (ainda) tinha autoridade e o afeto da filha. Isso me mostrou o quanto precisamos pensar esta relação com delicadeza, respeitando as sutilezas que podem fortalecer ou enfraquecer os vínculos. Nossos e deles. De todos. Acho importante a família testemunhar a criança ou adolescente produzindo algo que tenha a ver com seus laços familiares, com seu passado e também com seu projeto de futuro. Dá uma perspectiva, um norte. E, ao mesmo tempo, um fio terra, algo que, aos olhos da família, conecte a criança ou adolescente ao mundo. Do meu ponto de vista, como colaboradora, conhecer a família dá outra cor ao vínculo com as crianças. Parece que giramos uma chavinha, “mudamos de fase”, como num jogo de videogame.

Paula Kahan Mandel
Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

1. FAMÍLIAS DE ORIGEM

O acolhimento de crianças e adolescentes é temporário e, ao longo desse período, os vínculos familiares devem ser mantidos. Salvo casos em que haja proibição de visitas estabelecida pela Vara da Infância e Juventude, todas as crianças e todos os adolescentes devem ter o convívio com seus familiares incentivado e facilitado pela equipe do serviço de acolhimento. Em alguns casos, os vínculos estão estremecidos e necessitam de investimento para uma reaproximação. Famílias que ficaram afastadas por um longo período podem levar mais tempo para se reconectar e reconstruir os laços afetivos.

Os encontros do FMH, além de possibilitarem lembrar momentos e construir registros sobre as famílias, podem ser um espaço de aproximação e envolvimento de familiares que convivem com os meninos e meninas. Os livros são grandes aliados. A leitura mediada por um adulto cria um espaço de cumplicidade e de troca afetiva, contribuindo para a construção e para o fortalecimento dos vínculos. Além disso, estimula adultos e crianças ou adolescentes a conversarem entre si, compartilharem situações vividas, histórias de antepassados e curiosidades sobre a família. Essa troca coloca os interlocutores em um lugar de potência e de quem tem algo precioso a dizer. A circulação destas narrativas estreita laços e permite a construção do sentimento de pertencimento. Durante um encontro com famílias, é possível apresentar o álbum, tirar fotos, ler livros e elaborar alguns registros. Pedir à família que participe da construção do álbum e estimular a criança ou adolescente a levá-lo para casa e fazer uma página com seus familiares são excelentes formas de aproximar e valorizar a história dessa família!

A construção desse álbum revela detalhes e sutilezas que dão novas cores a cada história. Os registros realizados durante o período de acolhimento ajudam o bebê, a criança ou o adolescente e sua família a conhecerem e compreenderem as passagens da vida de seus membros. Quando alguns registros são compartilhados e construídos junto às famílias, todos os integrantes podem se apropriar do fato

de que a trajetória daquela criança ou adolescente teve sim momentos doloridos, mas não se resume a isto. As lembranças reveladas e concretizadas pelas fotos e depoimentos mostram que a criança ou adolescente foi cuidada, olhada, protegida e amada tanto pelos familiares quanto pelos profissionais do serviço de acolhimento, vivendo com todos eles momentos alegres, estimulantes e prazerosos.

Além disso, muitas vezes os registros revelam a complexidade das motivações que impossibilitaram à família de cuidar, temporariamente, de alguns de seus membros. Saber o que aconteceu, registrar, contar e recontar o que se passou, contribui para dar novos significados à separação e refletir sobre os possíveis caminhos para superar as dificuldades circunstanciais. Todos nós precisamos criar narrativas sobre o que vivemos, e com as crianças, adolescentes e seus familiares não é diferente.

A realização destas ações exige empatia e delicadeza por parte do colaborador para fazer com que os familiares se sintam acolhidos, compreendidos e respeitados. Por parte dos familiares, exige a abertura e o interesse em vivenciar este momento. É necessário entender o contexto e o momento de cada família para que seja realizada uma atividade agradável e produtiva. O objetivo é propiciar bons momentos de convívio entre os familiares, resgatar boas lembranças e histórias e registrá-las nos álbuns. Esperamos que, participando dos encontros do FMH, pais, avós, tios, irmãos e primos se aproximem ainda mais das crianças e dos adolescentes acolhidos.

Depois de aproximadamente seis anos de acolhimento institucional, [aconteceu] o reencontro familiar com a família extensa. Tios, tias, irmãs, primos, avô e avó. Foi necessário fazer apresentações entre as adolescentes e os familiares, como acontece nos primeiros encontros. Muitas curiosidades, saber quem é quem, lembrar nomes e idades. Conhecer novos membros da família. Descobrir semelhanças físicas e de personalidades. Quem tinha mais histórias para contar era a irmã mais velha – Aline –, que proporcionou às adolescentes momentos de muito prazer por ouvir sobre a infância, gostos, pertences pessoais etc. Caroline, Karolyn e Sheila a ouviam com atenção e também contavam sobre sua vida no abrigo com o auxílio dos álbuns do Fazendo Minha História.

Miriam Silveira Martins de Oliveira
Gestora de um serviço de acolhimento, em trecho do livro *Esta é nossa história*



2. IRMÃOS

O ECA estabelece que irmãos devem permanecer juntos no mesmo serviço de acolhimento e que só podem ser separados em casos excepcionais. Em um momento de grande delicadeza, em que bebês, crianças e adolescentes já estão separados dos adultos de sua família, longe da casa e do bairro de origem, da escola que frequentavam, ficar sem os irmãos traz ainda mais sofrimento. Além de ser um direito e uma demonstração de respeito pelos vínculos fraternais, manter irmãos unidos favorece a adaptação no serviço de acolhimento e a manutenção dos vínculos familiares, pois juntos eles podem compartilhar sentimentos, conversar sobre a experiência do acolhimento, ajudar uns aos outros a entender o momento atual e lembrar situações vividas em família.

No entanto, morar junto não garante por si só a permanência dos vínculos fraternais. Um abrigo institucional acolhe até 20 crianças e adolescentes e, neste ambiente coletivo, com o passar do tempo, as crianças, sobretudo as menores, podem deixar de perceber a diferença existente entre seus irmãos e o restante dos meninos e meninas acolhidos. Os adultos precisam ajudar os irmãos a se enxergarem como tal, planejando os espaços e momentos de convivência fraterna, promovendo conversas e atividades que fortaleçam a identidade familiar e fraterna.

Encontros para conversar e registrar histórias podem ser uma boa maneira de reunir irmãos e tratar de temas relativos às especificidades daquela família. Neste contexto, a leitura de livros e a construção conjunta de páginas dos álbuns fortalecem os laços afetivos e favorecem conversas sobre histórias do passado e do presente.

A realização de momentos em grupo com irmãos mediados por livros e álbuns permite que conheçam passagens da trajetória da família, compreendam e elaborem a situação do acolhimento. As lembranças dos irmãos podem se complementar e permitir a construção de uma visão mais ampla de todo o contexto familiar. Irmãos mais velhos podem contar aos menores fatos ainda desconhecidos

Em um determinado momento do trabalho, comecei a sentir que os irmãos estavam cada vez mais unidos, e foi um movimento natural fazer um encontro mais longo com os três juntos em vez de me encontrar separadamente com cada um deles. Quando eu chegava ao abrigo, os três me seguiam, pegávamos os álbuns e a festa começava. Existia um carinho e um cuidado muito especial entre os irmãos, e fiquei feliz ao perceber que a Tainá acolheu muito bem os irmãos e dividiu com eles um espaço que até então era só seu. Os três irmãos criaram um tipo de ritual entre eles: cantar “Parabéns pra você, mamãe” com os álbuns abertos na página com as fotos da mãe, tiradas na festa que o abrigo fez no aniversário das gêmeas. Eu achava tudo isso muito significativo – três crianças cantando “Parabéns” para uma mãe ausente. É muita saudade, não é? Aos poucos, transformamos esse momento de saudade e ausência em uma celebração à vida dos três. Nossos encontros foram feitos de brincadeiras, de histórias, de livros, de registros, de fotos, de alegrias e de dores. Em alguns momentos, ofereci colo e suportei o choro e a raiva que as crianças sentiam, principalmente a Tauani, que em alguns momentos tentou destruir as fotos da mãe. Incluí a saudade e a ausência da mãe de modo que as crianças pudessem nomear o que sentiam, afinal, é muito triste e difícil ficar longe de quem se ama.

Alessandra Pereira Paulo

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História, em trecho do livro Esta é nossa história



Joana e Jaime (pais por adoção) participaram de alguns encontros do FMH. Tive o privilégio de presenciar esta fase de adaptação e explicar para o Mário quem era o casal. Joana e Jaime mostraram-se interessadíssimos pela vida do pequeno, que puderam conhecer melhor através do álbum. Contribuíram com a construção de algumas páginas, deixando depoimentos sobre suas vidas e expectativas quanto a esta nova etapa. Fizeram também uma carta de apresentação para Mário, outra ao abrigo agradecendo todo o cuidado e carinho e uma terceira em nome de Mário despedindo-se da casa. Nos encontros, brincaram bastante: cantaram, bateram palminhas e dançaram. Eu mostrei as músicas que Mário gostava e eles compartilharam canções que conheciam. O encontro de despedida teve gostinho de missão cumprida. Acredito que o contato dos pais com a história da criança possa ser o início da caminhada. Vejo como uma ponte que leva e traz infinitas oportunidades.

Jorali Tomé

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

ou esquecidos; os pequenos podem trazer à tona sentimentos colocados de lado. As lembranças podem ser diversas e contraditórias, mostrando que cada um vive sua história de maneira muito singular. Uma história tem diferentes versões e dar espaço para isso surgir no grupo de irmãos pode ser muito transformador.

3. PRETENDENTES À ADOÇÃO

Em casos de adoção, os benefícios dos momentos de mediação de leitura e de construção dos registros são muito semelhantes. Mostrar e convidar os pretendentes à adoção a ouvirem ou lerem livros conjuntamente e a participarem da confecção dos álbuns facilita a construção dos vínculos e abre um canal de comunicação no qual as histórias podem ser olhadas, faladas e valorizadas. Conhecer a criança e a história que ela carrega através do álbum pode facilitar, e muito, a convivência inicial entre pais e filhos por adoção. Saber a rotina da criança, seus horários, o que a deixa irritada ou alegre, seus hábitos na hora de comer, de dormir e de tomar banho, quais são os objetos preferidos, entre outros aspectos, contribui para uma adaptação gradual e tranquila.

O filho que foi adotado não nasce quando conhece seus pais. Ele já carrega uma história anterior à chegada na família. Quando essa história é desconhecida para os pais ou transmitida somente pelos atores do judiciário, as cores dadas a ela podem ter uma tonalidade única, às vezes até sombria. Do desconhecimento ou da versão única, surgem ideias fantasiosas, preconceituosas, estigmatizantes. Pode-se construir uma visão negativa da família biológica, em relação à qual se destacam os aspectos que levaram à destituição (“abandono”, “usuária de drogas”, “moradora de rua”, “maus tratos”), deixando-se de lado detalhes que podem revelar momentos de cuidado e amor (tentativas de visitas que foram proibidas, o enxoval que foi feito carinhosamente pela família, a emoção e a indignação ao se separar do filho, o pedido para que alguém cuidasse dele da melhor forma possível, o olhar de ternura durante as amamentações etc.).

“Cauã chegou para mim aos 2 anos e 9 meses, depois de morar em um serviço de acolhimento desde os 5 meses. Antes mesmo de conhecê-lo, eu me perguntava como apresentar à criança sua história, sem ter acesso aos fatos que transcorreram de seu nascimento até o momento de nosso encontro. Quando o conheci, soube que estaria em elaboração, por uma voluntária, um álbum que contaria sua história. Nessas páginas, cuidadosamente preparadas, estão as suas preferências em comida, as brincadeiras e outras atividades do dia a dia; são indicados os nomes dos amigos e das cuidadoras; informado o endereço do abrigo, apresentadas as fotos da sua cama, do chuveiro onde tomava banho, do parquinho e fartamente documentado o hábito de chupar o dedo. E o que é mais incrível, tudo enriquecido pelo afeto. Para mim, essa iniciativa tem o nome do respeito e ensina desde muito cedo que a vida é feita de separações e de encontros, de alegrias e de tristezas e, por isso, é tão bela e rica. O álbum do FMH auxilia Cauã a trabalhar sua memória, minimizando os fantasmas que ainda assombram a adoção, podendo contrapor-se aos que veem no passado da criança adotada um tempo a ser esquecido, afastado e execrado por ser triste, feio ou sem sentido. Paralelamente ao álbum e inspirada por ele, tomei outras iniciativas. Continuei as seis páginas

para contar como me preparei para a sua chegada. Reuni fotos dos encontros no serviço de acolhimento, dos passeios e das visitas em casa; também registrei a montagem do quarto, a compra do enxoval, das roupas e sapatinhos. Eu quis mostrar como [ele] foi esperado, querido e cuidado desde antes da sua chegada. Reuni também muitas informações e documentos sobre o processo da adoção, sobre o histórico médico de Cauã e sobre sua família biológica. A ideia é semelhante à de um quebra-cabeça que permite encaixar as peças disponíveis para formar uma imagem; há peças perdidas, que não puderam ser recuperadas e ele terá de viver com isso. Mas, se for possível diminuir ao máximo os vazios dessa totalidade para que forme sua própria consciência e interpretação sobre sua história, com mais chance para a verdade do que para a fantasia, melhor. Cauã tem sua jornada pela frente, para buscar quem é. Eu espero que o álbum do FMH seja parte dessa jornada, assim como as minhas iniciativas na composição dessa história. Fato é que o álbum abriu um caminho de delicadeza para que ele tenha acesso aos elementos iniciais de sua vida do modo mais poético, belo e respeitoso que poderia haver.”

Deborah Stucchi
Mãe de Cauã

Meu nome é Jéssica Santos da Silva, tenho dezoito anos e minha vontade de contar minha história começou há muito tempo, quando mudei para o abrigo e me ofereceram participar do Fazendo Minha História.

Meus primeiros dias nesta casa foram muito ruins. Tinha acabado de fazer catorze anos quando soube que iriam transferir eu e meus irmãos para lá. Foi muito difícil ter de sair de um lugar onde eu tinha feito muitas amizades e gostava de morar, para me mudar para uma casa totalmente desconhecida. Na época, a única coisa que me consolava era que eu iria junto com meus irmãos. Porém, ao chegar na casa nova, soube que só meu irmãozinho de dois anos ficaria comigo, enquanto meus outros irmãos iriam para uma outra casa. Só depois de um tempo [é que] eles também se mudaram para o mesmo abrigo em que eu estava.

Foi nesta época que conheci a tia Taísa, uma colaboradora e psicóloga do Fazendo Minha História. Nos encontrávamos todas as segundas-feiras para falarmos sobre o meu dia a dia e escrevermos juntas minha história no álbum: um livro gigante, que parecia feito com o mesmo material utilizado para fazer papelão. A partir desse dia, a ideia de contar minha história me ajudou a superar essa mudança brusca. Então, aqui estou eu de novo para falar sobre minha vida...

Jéssica Santos da Silva

Depoimento no livro *Esta é a nossa história*

O álbum, muitas vezes, pode mostrar a complexidade das motivações que impossibilitaram à família de origem ficar com seu filho, diminuindo as chances de a criança crescer sob a sombra da explicação simplista que se oferece a ela e à família por adoção: “foi abandonada”, “sofreu violência” ou “a família era negligente”. Tais registros vão além e podem revelar o emaranhado de motivações que, na maioria das vezes, não estão ligadas ao desejo pessoal de não ter um filho e de abandoná-lo, mas que se relacionam, sobretudo, com os contextos familiar, econômico, histórico e social, que podem ter impulsionado a família biológica a perceber que não poderia ou não conseguiria cuidar da criança da forma como ela precisa e merece.

Dessa forma, o álbum é uma oportunidade para que pais e filhos conversem afetivamente sobre a trajetória da família e sobre as trajetórias individuais de cada membro que a constitui. É uma forma de tratar a história da adoção de maneira natural e lúdica, tornando desnecessário o momento tão temido da “revelação” – a história estará ali sempre, não há um momento específico para se falar dela, pode ser acessada quando pais e filhos quiserem. Além disso, podem ser construídas páginas que permitam à criança ou ao adolescente conhecer o desejo dos pais de terem um filho, a emoção do encontro, os momentos prazerosos vividos em família. O álbum fortalece o sentimento de identidade familiar e mostra que falar das histórias vividas não é algo proibido. Pode também auxiliar os pais a contarem a seu filho as experiências que ele teve antes da adoção, ajudando-o a conhecer mais sobre si mesmo e a construir uma identidade que contemple seu passado, seu presente e o futuro desejado.

4. ATIVIDADES COM CRIANÇAS, ADOLESCENTES E SEUS FAMILIARES: POSSIBILIDADES DE MANUTENÇÃO E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

MEDIAÇÃO DE LEITURA

Material – Livros, máquina fotográfica, local aconchegante para leitura, material gráfico para registro.

Vamos lá – A proposta desta atividade é oferecer a mediação de leitura para os familiares e para a criança/adolescente.

- Colocar a esteira de leitura com almofadas em algum espaço confortável para a leitura e espalhar os livros.
- Permitir que a criança/adolescente e os adultos escolham os livros que lhe parecem mais interessantes
- Estimular a criança/adolescente a mostrar quais são seus livros favoritos
- Estimular que leiam uns para os outros
- Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum.

Dica: Alguns familiares podem não saber ler, é preciso ter sensibilidade para não colocá-los em uma situação desconfortável.

ESTE É MEU ÁLBUM!

Material – Álbum da criança ou adolescente

Vamos lá – O objetivo é ajudar a criança ou adolescente a apresentar o seu álbum para o familiar e mediar as conversas que surgirão a partir daí.



O QUE SIGNIFICA MEU NOME?

Material – Materiais gráficos para registro, fotos, máquina fotográfica.

Vamos lá – Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando:

- Qual é o significado do nome da criança?
- Quem escolheu o nome?
- Como foi a história da escolha?
- Existia outra possibilidade?

Depois, fazer um registro com as histórias e as informações que surgirem.

NOSSAS LEMBRANÇAS

Material – Materiais gráficos para registro, fotos do período em que viviam juntos (pedir para familiares e técnicos do serviço), máquina fotográfica.

Vamos lá – Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando fatores positivos do período em que moravam juntos:

- O que faziam juntos, o que gostavam de assistir, de jogar, de comer;
- Quem morava junto;
- Como era a casa, o bairro, a escola;

Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem.

Dica: procurar no Google Maps e no Google StreetView por mapas e fotos da casa ou bairro.

QUANDO EU ERA MENOR

Material – Materiais gráficos para registro, fotos da criança ou adolescente no passado (pedir para familiares e técnicos do serviço)

Vamos lá – Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando como era a criança/adolescente quando era mais nova, em termos de comportamentos, aspectos físicos, condições de saúde e o desenvolvimento cognitivo e motor.

Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem.

MOSTRANDO A CASA E A MINHA ROTINA

Material – Materiais gráficos para registro, fotos da casa, máquina fotográfica, páginas do álbum que falem sobre a rotina.

Vamos lá – A proposta é que a criança ou adolescente apresente ao seu familiar o espaço em que vive e como é o seu dia a dia:

- Apresentar as pessoas que moram na casa;
- Apresentar os educadores que cuidam dele(a);
- Mostrar os cômodos;
- Contar sobre a rotina e as regras da casa;
- O que gosta de fazer e o que não gosta de fazer na casa;
- Lugares preferidos;
- Falar sobre as casas que já moraram juntos.

Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum.

Para esse tema, o preparo de páginas que falem sobre a rotina na casa é uma ótima ferramenta!



BRINCADEIRAS

Material – Materiais gráficos para registro, máquina fotográfica, páginas do álbum que falem sobre brincadeiras, material para produção de brinquedos e brincadeiras.

Vamos lá – Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seus familiares sobre as brincadeiras:

- Quais são as brincadeiras favoritas de cada um?
- Do que os adultos brincavam quando eram crianças? Como eram seus brinquedos?
- Do que costumavam brincar em casa?

Depois, pode-se propor alguma atividade com base no que foi conversado:

- Construir alguns brinquedos juntos (ex: pipa, origamis)
- Brincar juntos
- Organizar alguma brincadeira que envolva as outras crianças e adolescentes da casa

Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum.

JUNTOS NA COZINHA!

Material – Ingredientes para o preparo da comida (o prato a ser feito terá de ser escolhido com antecedência: falar com técnicos e familiares), máquina fotográfica.

Vamos lá – Comida costuma estar ligada a afeto; cozinhar e comer juntos são hábitos que fazem parte da vida familiar. Esta atividade pretende resgatar esses momentos e, com isso, facilitar o contato entre a criança ou adolescente e seus familiares, assim como com as demais crianças, adolescentes e profissionais da casa:

- Mediar uma conversa sobre as comidas que os familiares faziam para a criança/adolescente: quais eram as preferidas?
- Preparar em conjunto algum prato que costumavam comer juntos (por exemplo, um bolo).
- A equipe da casa pode ser convidada para ajudar na elaboração do prato.
- Convidar as outras pessoas da casa para degustar.

Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum. Se possível, anotar a receita preparada para registrá-la na página.

LINHA DA VIDA

Material – Materiais gráficos para registro

Vamos lá – O objetivo é criar uma linha do tempo que registre a vida familiar com o grupo de irmãos. Dando oportunidade para cada um contar sua versão da história, construir juntos a trajetória familiar a partir de datas significativas. Propor um jogo de perguntas e respostas uns sobre os outros é um aquecimento interessante para que as crianças e os adolescentes entrem na atividade (exemplo: qual é a comida preferida de fulano? O que ciclano fazia quando era pequeno?)

QUEM SOU EU?

Material – Questionário, folhas e canetas.

Vamos lá – Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seu(s) irmão(s)

Cada criança responde um questionário sobre seu(s) irmão(s). Todos devem responder ao mesmo questionário e depois verificarem quantas respostas acertaram um do outro.



Por exemplo:

- Qual é a cor preferida do seu irmão?
- O que o deixa muito bravo?
- Que comida ele não come de jeito nenhum?
- Que lugar do mundo ele gostaria de conhecer?

FATO OU MITO?

Vamos lá – Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seu(s) irmão(s): cada um conta três fatos sobre si, sendo que um destes não é verdade. O irmão terá de adivinhar qual fato não é verdadeiro.

ENCERRAMENTO GRADUAL E DE QUALIDADE: DESPEDIDA SIM, RUPTURA NÃO

O colaborador deve participar do FMH por no mínimo um ano, mas a expectativa é que ele ou ela acompanhe a criança ou adolescente por todo o período do acolhimento, que pode variar muito dependendo do caso. A despedida acontecerá em algum momento, uma vez que o acolhimento é provisório e seu objetivo é promover a reintegração familiar ou, excepcionalmente, a adoção. Os rituais que acompanham grandes mudanças são essenciais para a criança ou adolescente compreender e ser participativa no processo de transição. Embora nunca se saiba ao certo a duração de cada acolhimento, o encerramento do trabalho não pode acontecer de uma hora para outra!

Despedidas fazem parte da vida, assim como do FMH. A ideia não é evitá-las, mas realizá-las cuidadosamente, de uma forma confortável e tranquila para as crianças e adolescentes, evitando que fiquem com uma sensação de rompimento ou de incertezas. O encerramento no Fazendo Minha História é entendido como uma oportunidade para a criança ou adolescente vivenciar a separação de forma mais elaborada e acolhedora do que nas outras que possivelmente já viveu. A tranquilidade e a segurança do adulto em conduzir esse processo são fatores importantes para que ele seja proveitoso para todos. Acreditamos que, se no momento da despedida houver oportunidade de expressar medo, tristeza e angústia, haverá também espaço para se falar das alegrias, conquistas e amizade que marcaram todo o processo.

A participação no Fazendo Minha História chegará ao fim preferencialmente quando a criança ou adolescente se desligar do serviço de acolhimento, mas isso pode acontecer antes do desejado, por decisão do colaborador. Em ambos os casos, é importante planejar e garantir ao menos três encontros de encerramento, que devem ser pensados e planejados com ajuda da dupla gestora.

O primeiro encontro tem como objetivo conversar sobre o encerramento. Quando acontece por decisão do colaborador, ele deve explicar de forma clara o que impede a continuidade do trabalho (ex: mudança de cidade, doença debilitante), a fim de evitar que a criança ou adolescente se sinta responsável por esse término. No

segundo encontro, as reações da criança ou adolescente diante do encerramento devem ser acolhidas, procurando entender o que ela pensou e sentiu após a notícia e garantindo que tenha entendido seu motivo. Depois disso, é importante planejar um ritual de despedida gostoso para o último encontro. Se houver autorização e disponibilidade por parte do serviço de acolhimento, pode ser planejado um passeio, um piquenique ou lanche com comidinhas gostosas. No terceiro encontro, o ritual de despedida definido anteriormente é colocado em prática.

Infelizmente, ainda hoje crianças e adolescentes são desligados abruptamente dos serviços de acolhimento. Nesses casos, a dupla gestora pode agendar seu retorno e uma visita ao serviço para que se despeça do colaborador e de outras pessoas queridas. Se isso não for possível, o colaborador pode se despedir por carta ou telefonema.

1. COMPLETAR O ÁLBUM

No encerramento do projeto, o álbum deve estar o mais completo possível. Ele é elaborado seguindo o ritmo e o caminho de cada um. Entretanto, perto do final, o colaborador deve observar em que ponto está sua construção e o que mais é possível fazer a fim de garantir a riqueza e a diversidade dos conteúdos. Nesse momento, o subcapítulo “Conteúdo do álbum” deve ser retomado para planejamento da elaboração de páginas essenciais.

Ao longo do processo de encerramento, composto, como explicado no item anterior, por no mínimo três encontros, no momento mais adequado, é importante fazer uma página de despedida onde fique registrado o motivo do encerramento. O colaborador pode dar “de presente” à criança ou ao adolescente as suas impressões sobre o período em que trabalharam juntos. Isso pode ser feito por meio de uma carta ou de uma conversa, material que pode compor a página da despedida.

Cada um é um – despedidas

Estou concluindo a minha “temporada” com mais uma criança, a quinta. E, de certa forma, a mais especial, porque exigiu mais de mim, tanto em criatividade quanto em paciência. Por todo o envolvimento, o último dia será duro, doloroso. Como sempre é. Mas cada um é um, e a despedida é tão importante quanto falar da família, das dificuldades, das expectativas. Despedida é dar uma destinação correta à confiança, à intimidade e ao envolvimento conquistado.

Na minha primeira experiência não pude seguir até a conclusão do álbum. Não lembro como foi a despedida, mas o que me tranquiliza é que logo depois meu primeiro amigo FMH tornou-se meu amigo virtual. Trocamos muitas mensagens por um longo tempo. Meu segundo amigo FMH foi uma menina assertiva e de muita personalidade. Fizemos um piquenique e eu escrevi uma carta lúdica. E, no final, ela me fez prometer que eu seria para sempre a colaboradora dela e de ninguém mais. Desde essa promessa resolvi que, cada vez que encerrar uma “temporada”, mudo de abrigo. Assim, a criança com quem encerrei irá se sentir sempre a única. [Com o meu] terceiro amigo FMH não teve despedida. Cheguei ao abrigo e ele não estava mais lá. Estávamos preparando o encerramento que nunca se concretizou. Ficou um vazio em mim. Imagino que nele também. A mais recente despedida ainda vai completar uma semana. Um bebê que ainda não fala. Estava certa de que seria fácil. Planejei tudo: conhecer a nova família, fazer uma página junto com eles,

ler o álbum para a criança como eu costumava fazer e dizer que agora era a vez da família. Tudo seria fácil se a criança não tivesse planos para mim também. Quando cheguei, ela estava brincando com a família. Conversei com eles e, quando me sentei, minha amiga número 5 abriu um enorme sorriso e veio me abraçar. Ali meu planejamento afundou mais profundamente do que o Titanic. Consegui controlar a emoção e seguir. Aí a pequena pegou o álbum e começou a “ler” como fazíamos nos nossos encontros: apontando para as fotos. Eu tinha planejado encerrar com isso... Depois da leitura do álbum, atividade com a família e aí o grand finale. Abracei, falei tchau, desejei felicidade. Ela pegou nas mãos dos pais e saiu pelo corredor, andando para a frente e olhando para trás para ver onde eu estava. Ah... foi demais.

Depois de me refazer, fui até a porta para vê-la partir. Ela estava ainda dentro da casa, soltou-se dos pais e voltou para o meu colo. Sem palavras. O mais importante disso tudo é que bebê pode até não saber falar, mas entende as situações, as emoções e as palavras. Despedida é uma caixinha de surpresas.

Barbara Ivo

Colaboradora do Fazendo Minha História

2. E DEPOIS?

Após finalização do trabalho com as crianças ou adolescentes, o colaborador pode se desligar do FMH, encerrando seu vínculo com o projeto. Caso a criança ou adolescente permaneça no serviço, é muito desejável que ele mantenha o vínculo por meio de telefonemas, visitas e convivência esporádica. Se a convivência tiver continuidade, é fundamental que as expectativas de todas as partes estejam claras, para evitar fantasias e frustrações. É importante que a criança ou adolescente entenda que o colaborador permanece como um bom amigo que vê de vez em quando e com quem pode contar.

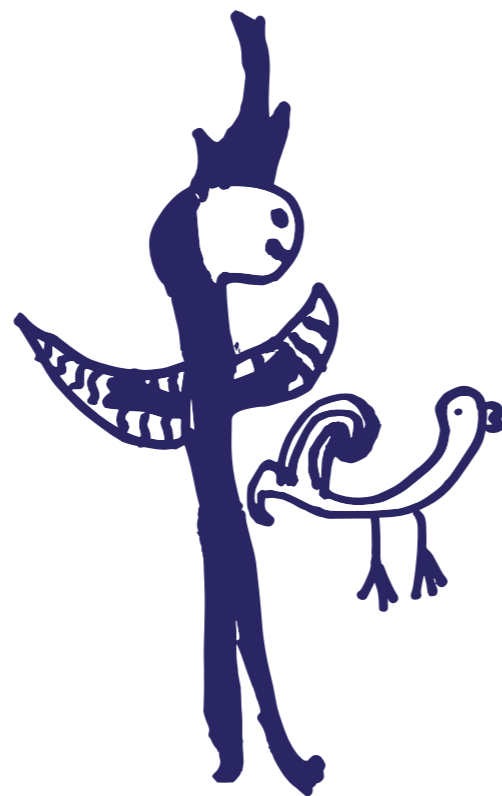
Nos casos em que as crianças ou adolescentes se desligarem do serviço de acolhimento, o colaborador pode assumir o trabalho com outras duas crianças ou adolescentes. Isso pode acontecer no mesmo serviço de acolhimento ou em outro, de acordo com cada caso e os aspectos práticos do trabalho.

É ainda uma possibilidade para o colaborador continuar atuando no serviço de acolhimento de outra maneira, por exemplo realizando sessões semanais de mediação de leitura com a função de manter a biblioteca viva. Brincadeiras e conversas em grupo fazem parte desses encontros.

3. O QUE FICA COM CADA UM

A experiência do projeto pode ser apenas o ponto de partida para uma crescente interação das crianças e adolescentes com os livros, as narrativas e a valorização da memória – o “fazer história” torna-se uma prática do dia a dia e pode virar uma gostosa brincadeira.

Da mesma forma, os resultados para o serviço de acolhimento vão além dos livros e álbuns conquistados. O principal é vivenciar a importância de conhecer e registrar as histórias de vida das crianças e dos adolescentes, contadas por eles próprios e



Despedida

Aprendi a ter um respeito muito grande pelo destino de cada uma das crianças. Antes ficava revoltada quando não dava nem tempo de a gente se despedir. Mas hoje, quando uma delas vai embora, mesmo que eu não saiba, faço uma despedida. Passamos pela vida delas durante um tempo e fizemos coisas importantes.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

ouvidas com toda a atenção; é não se assustar com as experiências que as crianças e adolescentes já viveram, por mais dolorosas que sejam; é criar maneiras cotidianas de registrar e preservar a história de cada um, do trabalho e do próprio serviço de acolhimento; é, também, inserir os livros na casa e descobrir espaços e tempos para a leitura, para a roda, para o encontro prazeroso e criativo. E mais: é acumular uma nova experiência de parceria, muitas vezes incluindo o trabalho de diferentes voluntários e aproximando a comunidade dessas crianças e adolescentes.

E para você, colaborador que está começando ou que já participa do projeto há algum tempo, o que vai ficar desse trabalho? Certamente, não há uma resposta única ou correta, mas desejamos que o afeto oferecido pelas crianças e pelos adolescentes, a magia dos enredos dos livros e a emoção das histórias reais desses meninos e meninas gerem transformações pessoais e sociais. Gerem empatia, respeito e acolhimento. Gerem compromisso ético e político com uma sociedade mais justa, mais diversa, mais digna e menos desigual.

REFERÊNCIAS

LIVROS E ARTIGOS

BETTELHEIM, Bruno, *A psicanálise nos contos de fadas*. 26ª reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CALIGARIS, Contardo. Série Folha Explica, 4. *Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CLÍNICA TAVISTOCK. Série Compreendendo seu Filho (diversas idades). Rio de Janeiro: Imago.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CORSO, Diana & CORSO, Mario. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. *A psicanálise na Terra do Nunca*. Porto Alegre: Penso/Artmed, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. *Esta é a nossa história!* São Paulo: Alaúde, 2013.

_____. *História de vida: identidade e proteção*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *O quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Elânia Francisco. *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado do Programa de Educação Sexual. Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara, 2018.

MARIN, Isabel da Silva Kahn. *Febem, família e identidade: o lugar do outro*. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2010.

PAIVA, L. D. *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

RIBEIRO, Djamil. *Cartas para minha avó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICKARDSSON, Christina. *Nunca deixe de acreditar*. Ribeirão Preto: Novas Ideias, 2021.

SAFRA, Gilberto. *Curando com histórias*. 2ª ed. São Paulo: Sobornost, 2011.

SANCHES, Renate Meyer. *Conta de novo, mãe: histórias que ajudam a crescer*. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. *Psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2002.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo – Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

TENÓRIO, Jeferson. *O beijo na parede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

DOCUMENTOS

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

BRASIL. Lei n. 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis n. 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, n. 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1o de maio de 1943; e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm.

BRASIL. Presidência da República. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Nacional de Assistência Social. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília, DF, 2009. Disponível em http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF: CONANDA, 2006. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriancasAdolescentes%20.pdf

BRASIL. Lei n. 13.509, de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera a Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), Brasília, DF, 2017. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm.

FILMES, SÉRIES, PODCASTS E VÍDEOS

12 anos de escravidão (dir. Steve McQueen, 2014)
A Fabulosa Gilly Hopkins (dir. Stephen Herek, 2016)
“Adoção” (episódio #182 do podcast Mamilos)
“Adoção: como nasce o amor?” (episódio #307 do podcast Mamilos)
Amarelo – é tudo pra ontem (Netflix, 2020)
Anne with E (CBC e Netflix, 2017)
As melhores coisas do mundo (dir. Laís Bodansky, 2010)
Black Earth Rising (BBC Two e Netflix, 2018)
“Branquitude, hierarquia e poder” (episódio #121 do podcast Guilhotina)
Central do Brasil (dir. Walter Salles, 1998)
Confissões de adolescentes (dir. Daniel Filho, 2014)
Cor da pele: mel (dir. Jung Sik Jun e Laurent Boileau, 2012)
De cabeça erguida (dir. Emanuelle Bercot, 2015)
Dois estranhos (dir. Travon Free e Martin Desmond Roe, 2020)
Divertidamente (dir. Pete Docter, 2015)
Encontradas (dir. Amanda Lipitz, 2021)
Escritores da liberdade (dir. Richard LaGravenese, 2007)
“Eu não sou racista” (episódio #173 do podcast Mamilos)
Falcão – meninos do tráfico (dir. MV Bill e Celso Athayde, 2006)
Inacreditável (dir. Susannah Grant, 2019)
Linha de passe (dir. Walter Salles e Daniela Thomas, 2008)
Lion – Uma jornada para casa (dir. Garth Davis, 2017)
Mary e Max - Uma Amizade Diferente (dir. Adam Elliot, 2010)



Minha vida de abobrinha (dir. Claude Barras, 2017)
O começo da vida (dir. Estela Renner, 2016)
O contador de histórias (dir. Luiz Villaça, 2009)
O dia em que não nasci (dir. Florian Micoud Cossen, 2011)
O garoto da bicicleta (dir. Jean Pierre e Luc Dardenne, 2011)
O Menino Maluquinho (dir. Helvécio Ratton, 1994)
O pequeno Nicolau (dir. Laurent Tirard, 2009)
Olhos que condenam (Netflix, 2019)
“Os perigos de uma história única” (Chimamanda Adichie, TED Talk, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY&t=55s>)
“Por que queremos olhos azuis?” (Lia Vainer Schucman | TEDxSaoPauloSalon, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-lywB3dEA>)
“18 anos e agora?” (episódio #2 do Podcast do IFH, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u2vx9tul7B8>)
“Deivison Nkosi” (episódio #61 do podcast Guilhotina)
“Qual o lugar do branco na luta antirracista?” (Lia Vainer Schucman, TEDxFloripa, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6tSIHzpFTc>)
Pro dia nascer feliz (dir. João Jardim, 2004)
Procura-se Janaina (dir. Miriam Schenkman Chnaiderman, 2007)
Removida (dir. Nathanael Matanick, 2014, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rz1w7CABg3g>)
Sankofa (Netflix, 2020)
This is Us (NBC, 20016)
Uma história de amor e fúria (dir. Luiz Bolognesi, 2013)

CRÉDITOS

Produção de conteúdo - 4ª edição (2022)

Debora Vigevani

Revisão – 4ª edição (2022)

Ana Raquel Ribeiro

Isabel Penteado

Thaís Burani (revisão de texto)

Coordenação do Programa Fazendo Minha História

Lais Boto

Diretora Executiva do IFH

Andreia Barion

Fotos / Fotos dos álbuns

Laura Wrona

Luciano Munhoz

Tati Abreu – Barbarella foto e filme

Projeto Gráfico e diagramação

Luciana Sion

Ilustrações

João Grynberg (capa)

Stella Sion Fernandes (miolo)

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que fazem parte desta história.



instituto
fazendo
história